



O

PESSEGUIRO

SARAH ADDISON ALLEN

 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O PESSEGUEIRO

Sarah Addison Allen

Tradução
Alice Klesck

 Planeta

Copyright © 2011, Sarah Addison Allen

Título original

The Peach Keeper

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Preparação: Gabriela Ghetti

Revisão: Vivian Miwa Matsushita, Beatriz de Freitas Moreira

Projeto gráfico: Osmane Garcia Filho

Fotografias do miolo: © Beth Accioly

Adaptação de projeto de Capa: *Max Oliveira*

Capa: © *Kathleen DiGrado*

Imagens de capa: © *Irene Lamprakou/Trevillion Images (mulher)*, © *Lee*

Avison/Trevillion Images (árvore), © *Joan Kocak/ Trevillion Images (campo)*

Conversão para eBook: Freitas Bastos

CIP-BRASIL.CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A428p

Allen, Sarah Addison.

O Pessegueiro/ Sarah Addison Allen ; tradução Alice Klesck. - São Paulo : Planeta, 2013.

248 p. : 23 cm

Tradução de: The peach keeper

ISBN 978-85-422-0154-3

1. Ficção americana. I. Klesck, Alice. II. Título.

13-1364.
821.111(73)-3

CDD: 813

CDU:

*Para Michelle Pittman e Heidi Gibbs.
Tudo que sei sobre amizade
é graças a vocês.*



1

Esconderijos

No dia em que Paxton Osgood foi ao correio levar a caixa de forro laminado com os envelopes que ela tinha mandado um calígrafo profissional endereçar, começou a chover tanto que o ar ficou branco como algodão alvejado. Até o cair da noite, os rios tinham subido, chegando a causar enchentes e, pela primeira vez desde 1936, a correspondência não pôde ser entregue. Quando as coisas começaram a secar, quando os porões tiveram a água drenada e os galhos das árvores foram recolhidos dos jardins e das ruas, os convites foram finalmente entregues, mas todos nas casas erradas. Os vizinhos riam por cima das cercas, entregando aos seus verdadeiros donos a correspondência equivocadamente recebida, comentando sobre o clima maluco e o carteiro negligente. No dia seguinte, um número incomum de pessoas apareceu no consultório médico, com cortes inflamados feitos por papel, pois os envelopes ficaram lacrados como cimento, por conta da umidade. Mais tarde, os próprios convites, feitos em cartões individuais, pareciam se esconder e ressurgir aleatoriamente. O convite da Sra. Jameson sumiu por dois dias, depois reapareceu num ninho de passarinho, lá

fora. O convite de Harper Rowley foi encontrado na torre da igreja; o do Sr. Kingsley, no jardim de sua mãe idosa.

Se alguém estivesse prestando atenção aos sinais, teria percebido que o ar fica esbranquiçado quando as coisas estão prestes a acontecer, os cortes de papel significam que há mais coisas escritas na página, palavras que os olhos não podem ver, e os pássaros estão sempre a postos, para protegê-lo daquilo que você não vê.

Mas ninguém estava prestando atenção. Muito menos Willa Jackson.

O envelope ficou intocado no balcão dos fundos da loja de Willa por mais de uma semana. Ela o pegou, com curiosidade, quando foi entregue juntamente com o restante da correspondência, mas depois o soltou, como se a tivesse queimado, assim que reconheceu o que era. Mesmo agora, quando passava por ele, ela lhe lançava um olhar suspeito.

— Abra isso de uma vez — Rachel finalmente disse, irritada, naquela manhã. Willa virou-se para Rachel Edney, que estava atrás do balcão do café, do outro lado da loja. Ela tinha cabelos curtos e escuros, vestia calças capri e uma blusa esporte, parecendo pronta para escalar uma rocha imensa. Não importava quantas vezes Willa lhe dissesse que ela não precisava se vestir com as roupas vendidas na loja — a própria Willa raramente se desviava dos *jeans* e das botas — Rachel estava convencida de que tinha de fazê-lo.

— Eu não vou. Não há necessidade de abrir — disse Willa, decidindo assumir a tarefa de dobrar o novo estoque de camisetas orgânicas, torcendo para que isso ajudasse a ignorar a sensação estranha que lhe arrebatava toda vez que ela pensava no convite, algo como um balão de expectativa no centro de seu corpo. Ela costumava se sentir assim com frequência quando era mais nova, pouco antes de fazer algo imbecil. Mas achou que tivesse superado tudo isso. Revestira sua vida com tanta calma que achava que nada poderia penetrá-la. Aparentemente, algumas coisas ainda podiam.

Rachel estalou a língua.

— Você é tão elitista.

Isso fez Willa rir.

— Explique por que não abrir um convite para uma festa de gala, dada pelas mulheres mais ricas da cidade, faz de *mim* uma elitista.

— Você olha tudo que elas fazem com desdém, como se fossem tolas demais para terem crédito.

— Eu *não*.

— Bem, é isso ou você está reprimindo um desejo secreto de ser uma delas — disse Rachel, ao vestir o avental verde com *Au Naturel Artigos Esportivos e Café* bordado em amarelo.

Rachel era oito anos mais nova que Willa, mas esta nunca descartava as opiniões daquela, como se fosse apenas mais uma garota de vinte e dois anos que se achasse sabichona. Rachel tinha vivido uma vida nômade e boêmia e conhecia muito da natureza humana. O único motivo para que, por enquanto, ela estivesse instalada em Walls of Water era por ter se apaixonado pelo local. Ela sempre dizia que o amor muda o jogo.

Mas Willa não queria falar a respeito do que sentia ou não com relação às famílias ricas da cidade. Rachel nunca passara mais do que alguns meses num lugar enquanto crescia. Willa tinha morado ali quase sua vida toda. Ela compreendia de forma inerente as misteriosas dinâmicas sociais de Walls of Water; só não sabia explicá-las às pessoas que não entendiam. Portanto, Willa fez aquela pergunta que sabia que distrairia Rachel.

— O que tem no cardápio de hoje? Está com um cheiro fantástico.

— Ah, coisas excelentes, isso eu lhe digo. Cereal com grãos de café cobertos com chocolate, biscoitos de aveia com glacê de chocolate e *brownies* de expresso — ela gesticulou como uma apresentadora de televisão para a vitrine embaixo do balcão.

Havia quase um ano, Willa tinha deixado Rachel assumir o balcão do café da loja, anteriormente fechado, dando-lhe permissão para ir em frente e acrescentar no cardápio petiscos que tivessem café como ingrediente. Acabou sendo uma ótima ideia. Entrar na loja, toda manhã, passara a ser realmente um prazer. Ser recebida pelo aroma acentuado de chocolate, misturado ao cheiro do café sendo

preparado, dava uma sensação secreta e misteriosa, como se Willa tivesse finalmente encontrado o lugar perfeito para se esconder.

A loja de Willa, especializada em roupas esportivas orgânicas, ficava na National Street, via principal que conduzia à entrada da Floresta Nacional das Cataratas, amplamente conhecida por suas lindas quedas-d'água, no coração da cadeia montanhosa de Blue Ridge, na Carolina do Norte. Todas as lojas que atendiam ao pessoal das trilhas e acampamentos ficavam localizadas ali, numa extensão movimentada. E foi ali que Willa tinha finalmente encontrado seu nicho, se é que podia chamar assim. Na verdade, ela não ligava muito para caminhadas ou acampamentos, nem todo esse negócio de ar livre que sustentava a cidade, mas se sentia muito mais à vontade com os outros proprietários de lojas e o pessoal novo da região do que com as pessoas que conhecia quando era jovem. Se ela tinha de morar ali, aquela rua era seu lugar, e não com as locais chamativas.

As lojas ficavam em edificações antigas, construídas havia mais de um século, quando Walls of Water era só uma cidadezinha que vivia da madeira. Os telhados eram de estanho e o piso, feito com chapas de madeira pregadas com pregos batidos e gastos. Com a mais leve pressão, eles rangiam e estalavam, como ossos de uma mulher velha, motivo pelo qual Willa soube que Rachel se aproximara.

Ela virou-se e viu Rachel estendendo o temido envelope.

— Abra.

Willa o pegou, relutante. Era grosso e encorpado, dando a sensação de papel de carta. Só para tirar Rachel de seu pé, ela abriu. No instante em que o fez, a campainha tocou e ambas olharam para ver quem era.

Mas não havia ninguém ali.

Rachel esfregou os braços nus, que estavam arrepiados.

— Acabei de ter um arrepio.

— Minha avó diria que isso significa que um fantasma passou por você.

Rachel fungou.

— As superstições são a forma de o homem tentar controlar coisas de que não tem controle algum.

— Obrigada, Margaret Mead.

— Vá em frente — Rachel cutucou-lhe. — Leia.

Willa pegou o convite e leu:

Em 12 de agosto de 1936, um pequeno grupo de senhoras de Walls of Water, Carolina do Norte, formou uma sociedade que, desde então, se tornou um dos mais importantes clubes sociais da área, o qual organiza angariações de fundos, patrocina eventos culturais locais e anualmente concede bolsas de estudo.

É com grande orgulho que as atuais integrantes do Clube Social Feminino a convidam, como ex-integrante ou parente de alguma antiga integrante, para a comemoração do 75º aniversário da fundação dessa grande organização.

Venha nos ajudar a celebrar os 75 anos de brilhantes boas ações. A festa será o primeiro evento realizado na recém-restaurada Blue Ridge Madam, em 12 de agosto, às 19 horas.

RSVP através do cartão anexo, a Paxton Osgood, Presidente.

— Está vendo? — disse Rachel, acima do ombro de Willa. — Não é tão ruim.

— Não posso acreditar que Paxton esteja realizando isso na Blue Ridge Madam.

— Ora, vamos. Eu daria tudo para ver o interior daquele lugar, e você também.

— Eu não vou.

— Você é maluca de dispensar isso. Sua avó...

— Ajudou a fundar o clube, eu sei — Willa terminou a frase, ao colocar o convite de lado. — Ela fundou, não eu.

— É seu legado.

— Não tem nada a ver comigo.

Rachel jogou as mãos para o ar.

— Eu desisto. Quer um pouco de café?

— Sim — disse Willa, contente pelo fim da conversa. — Leite de soja e dois cubinhos de açúcar. — Na semana anterior, Rachel tinha

se convencido de que a forma que as pessoas tomam seu café dá alguma pista secreta de sua personalidade. Será que as pessoas que tomam café preto são inflexíveis? As que gostam de café com leite, sem açúcar, têm problemas com a mãe? Ela tinha um caderno atrás do balcão, no qual anotava suas descobertas. Willa decidiu manter seu empenho, fazendo um pedido diferente a cada dia.

Rachel caminhou de volta ao balcão do café para escrever em seu caderno.

— Humm, interessante — disse ela, seriamente, como se fizesse todo o sentido do mundo, como se ela finalmente tivesse compreendido quem era Willa.

— Você não acredita em fantasmas, mas acredita que a forma como tomo meu café diz algo sobre minha personalidade.

— Aquilo é superstição. Isto é *ciência*.

Willa sacudiu a cabeça e voltou a dobrar as camisetas, tentando ignorar o convite, agora em cima da mesa. Mas aquilo continuava a chamar a atenção, tremulando como se fosse soprado pelo vento.

Ela jogou uma camiseta em cima e tentou esquecer o assunto.

Quando elas fecharam a loja naquela noite, Rachel seguiu para encontrar seu namorado, para uma caminhada noturna, que era tão irritantemente saudável que Willa compensou pegando um *brownie* da vitrine de petiscos e comendo em grandes mordidas. Depois ela entrou em seu jipe Wrangler amarelo a fim de ir para casa lavar roupa. As noites de quarta-feira eram sempre para lavar roupa. Ela até ficava na expectativa disso.

Sua vida era monótona, mas isso a mantinha afastada de problemas. Ela tinha trinta anos. Seu pai diria que isso era ser adulta.

Mas, em vez de ir direto para casa, Willa virou na direção de Jackson Hill, seu desvio particular diário. Era uma colina íngreme, um trajeto assombroso, quase agourento, mas era o único caminho para se chegar à mansão de antes da Guerra Civil que ficava no

topo, localmente conhecida como Blue Ridge Madam. Desde que a reforma começara, havia mais de um ano, Willa fazia essas viagens secretas morro acima, para observar a evolução da obra.

O local havia sido abandonado anos antes pela última de uma série de incorporadoras duvidosas. A casa estava dilapidada e lentamente se desintegrava quando a família Osgood se apresentou para comprá-la. Agora, quase inteiramente restaurada e prestes a se tornar uma hospedaria com um salão de banquetes, as belas e brancas colunas dóricas estavam de volta, ao longo da extensão da casa, em um arrebatador estilo neoclássico. O pórtico inferior agora tinha um lustre épico pendendo do teto. O pórtico superior tinha cadeiras de ferro fundido. E agora havia um conjunto surpreendente de janelas, antes quebradas e fechadas com tapumes. Parecia algo do velho Sul, um solar de alguma fazenda, onde as mulheres de saias rodadas se abanavam e homens de terno falavam do preço das colheitas.

A Madam fora construída em 1800 pelo tataravô de Willa, fundador da já extinta Companhia Madeireira Jackson. Tinha sido presente de casamento à sua jovem noiva — uma jovem bela e delicada de uma proeminente família de Atlanta. Ela adorava a casa, considerada à sua altura, mas detestava essa cidade montanhosa chamada Walls of Water, odiava suas terras verdes solitárias e molhadas. Ela ficou conhecida por dar bailes esmerados, na esperança de persuadir os cidadãos a tornarem-se refinados como ela queria que eles fossem. Nunca aconteceu. Sem conseguir elaborar uma sociedade com o que tinha, ela decidiu trazer a sociedade para si. Convenceu seus amigos de Atlanta a visitar, construir casas, tratar esse lugar como um paraíso divertido, algo que ela própria nunca achara, mas ela era muito boa em convencer os outros. É a magia particular das mulheres belas e insatisfeitas.

Assim, uma rica sociedade se formou nessa minúscula cidadezinha da Carolina do Norte, cercada de cachoeiras e que um dia fora habitada principalmente por madeireiros rudes. Essas famílias prósperas eram curiosas, incongruentes e teimosas. E nada bem-

vindas. Mas quando o governo comprou a floresta montanhosa dos arredores e a transformou em um parque nacional, e a indústria madeireira local definhou, foram essas famílias que ajudaram a cidade a sobreviver.

A ironia é que os Jackson, que um dia foram uma das mais distintas famílias da cidade, razão primordial de sua existência, acabaram perdendo todo o seu dinheiro quando a exploração da madeira cessou. A lembrança de quem eles eram e do dinheiro que possuíram os sustentou por um tempo. Contudo, quando eles não conseguiram pagar os impostos, foram forçados a se mudar da Madam. A maioria dos que tinham o sobrenome Jackson deixou a cidade, permanecendo apenas uma adolescente chamada Georgie Jackson — avó de Willa. Ela tinha dezessete anos, era solteira e estava grávida. Ela acabou se tornando empregada da família Osgood, que um dia fora muito amiga dos Jackson.

Willa parou no acostamento da estrada, pouco antes da entrada que conduzia à Madam. Ela sempre cronometrava o tempo, de modo a chegar ali depois que os trabalhadores já tivessem deixado a obra. Ela desceu do jipe e subiu no capô, recostando-se no para-brisa. Era fim de julho, o período mais quente e denso do verão, com a vivacidade do zunido dos insetos apaixonados. Ela colocou os óculos escuros diante do sol poente e ficou olhando a casa.

A única coisa que faltava na remodelagem era o paisagismo, que aparentemente tinha acabado de começar naquele dia. Isso empolgou Willa. Novas coisas a estudar. Ela viu que havia estacas de madeira e marcadores de corda formando um *patchwork* de quadrados ao longo do quintal da frente, e tracejados de cores diferentes pintados na grama, indicando onde passavam os dutos de luz, gás, água e telefone, para que os trabalhadores não cavassem ali. No entanto, a maior parte da atividade parecia estar concentrada na área ao redor da única árvore na parte plana do topo da colina, onde ficava a casa.

A árvore ficava junto ao precipício no lado esquerdo do declive. Suas folhas cresciam em ramos finos e longos, e seus galhos se

estendiam amplamente. Quando a luz batia na árvore, na hora certa da noite, ela realmente parecia alguém à beira do precipício, prestes a mergulhar no oceano. Havia uma escavadeira estacionada ao lado da árvore, e cordas plásticas estavam amarradas em volta dos galhos.

Eles a derrubariam?

Ela ficou se perguntando o motivo, pois a árvore parecia perfeitamente saudável.

Bem, independentemente do que fizessem, com certeza seria o melhor a ser feito. Os Osgood eram conhecidos por seu bom gosto. A Blue Ridge Madam voltaria a ser um local espetacular.

Por mais que Willa não quisesse admitir, Rachel estava certa. Ela adoraria ver o visual interno. Só achava não ter direito algum de vê-lo. A casa já não era mais de sua família desde a década de 1930. Até mesmo estar assim tão próxima parecia invasão de propriedade... algo que, se fosse honesta consigo mesma, era um dos motivos pelos quais ela fazia isso. Mas Willa nunca tivera a ousadia de sequer se aproximar o suficiente para ver o interior quando era adolescente, e invadir a casa em deterioração era um ritual de celebração da maioridade. Em sua juventude, ela passava todos os tipos de trote possíveis e era tão boa nisso que ninguém soube que era ela até o finalzinho. Ela se tornara uma lenda que sua turma de formandos chamou de *A Piadista da Escola Walls of Water*. Mas esse lugar era diferente. Costumava ter um efeito desconcertante sobre ela, e ainda tinha. Todo adolescente que invadira a casa sempre contava histórias de passos e batidas misteriosas de portas, e um chapéu Fedora escuro que flutuava pelo ar, como se estivesse sendo usado por um homem invisível. Talvez fosse isso que sempre a impediu de se aproximar mais. Os fantasmas a assustavam, graças à sua avó.

Willa se sentou e enfiou a mão no bolso traseiro dos *jeans*. Ela tirou o convite e leu novamente. Dizia RSVP com o cartão anexo, então Willa olhou dentro do envelope, à procura do cartão, e o puxou.

Ela ficou surpresa ao descobrir um Post-it colado, que dizia:

Willa:

Sua avó e a minha são as únicas sobreviventes dos membros originais do clube, e eu gostaria de planejar algo especial para elas na festa. Ligue para mim e vamos tentar bolar alguma coisa.

Pax

Sua letra era bonita, claro. Willa se lembrava disso, do ensino médio. Uma vez, ela tinha pegado um bilhete que Pax acidentalmente deixara cair no corredor e o guardou durante meses — uma lista estranha de características que Paxton queria que seu futuro marido tivesse. Ela lera repetidamente, estudando o y curvo e o x garboso. Ela estudou tanto que descobriu que conseguia reproduzi-los. Depois que ela dominou essa habilidade, era impossível não a usar, o que resultou num encontro muito constrangedor entre a altiva Paxton Osgood e Robbie Roberts, roceiro farrista do colégio, que achou que Paxton lhe mandara uma carta de amor. A piadista da Escola Walls of Water atacava novamente.

— Linda, não é?

Willa deu um pulo ao ouvir a voz, seu coração deu um tranco. Ela deixou o convite cair e ele foi levado pelo vento até o dono da voz, em pé a poucos palmos, à direita do jipe.

Ele estava de calças escuras, com uma gravata azul estampada para fora de um dos bolsos. Sua camisa social branca estava transparente de suor e seus cabelos escuros, grudados na testa e no pescoço. Os óculos espelhados escondiam seus olhos. O convite bateu direto em seu peito e tremulou como um peixe fora d'água. Ele sorriu ligeiramente, cansado, desgrudando o convite, como se isso fosse a última coisa com que ele quisesse lidar naquela hora. Isso era um sinal, pensou Willa. Ela só não tinha ideia de quê. Era exatamente o que sua avó dizia quando acontecia algo inesperado, geralmente acompanhado pelas instruções de bater três vezes na

madeira, girar ou colocar castanhas e moedas no parapeito da janela.

Ele tirou os óculos escuros e ergueu os olhos para ela. Uma estranha expressão surgiu em seu rosto e ele disse:

— É *você*.

Ela o encarou, até compreender. *Ai, meu Deus*. Ser flagrada ali era uma coisa; ser flagrada por um deles era algo totalmente diferente. Mortificada, Willa rapidamente deslizou do capô e disparou para dentro do jipe. Era um sinal, sim. Um sinal que dizia “corra o mais rápido que puder”.

— Espere — ela o ouviu dizer quando ligou o motor.

Mas ela não esperou. Engrenou a marcha do jipe e partiu velozmente.



2

Sussurros

Paxton Osgood tinha ficado até mais tarde para terminar a papelada no centro de apoio social, portanto já estava escurecendo quando ela foi embora. Ela foi para casa dirigindo, seguindo as luzes tremulantes dos postes que começavam a se acender como vagalumes mostrando o caminho. Ela estacionou na frente da casa dos pais e desceu do carro pensando que se cronometrasse direito o tempo poderia dar uma rápida nadada antes de mudar de roupa e seguir para a reunião noturna do Clube Social Feminino.

Esse plano foi cuidadosamente articulado por Paxton, de modo a não ter de se deparar com seus pais. Ela tinha passado semanas adaptando sua agenda para não ter de parar e contar sobre seu dia no instante em que entrasse em casa. Essa impaciência, esse comportamento esquivo era algo relativamente novo e ela não tinha certeza do que fazer quanto a isso. Até agora, Paxton realmente não se incomodara de morar com os pais. Uma vez, a cada temporada, quando ela ia visitar a fraternidade de irmãs Tulane, em Nova Orleans, elas admiravam o fato de Paxton ainda viver na casa dos pais. Não entendiam por que ela havia voltado a morar com eles depois de se formar, já que tinha dinheiro para fazer o que quisesse.

Era difícil explicar. Ela adorava Walls of Water. Adorava fazer parte de sua história, de levá-la em frente. Isso a tocava profundamente. Ali era seu lugar. E como o emprego de Colin, irmão de Paxton, o levava para todos os cantos do país e, às vezes, até do exterior, Paxton achava justo que seus pais tivessem ao menos um filho por perto.

Mas, no ano anterior, como o trigésimo aniversário pairava sobre sua cabeça como uma nuvem sombria, Paxton finalmente tomara a decisão de se mudar, não para outro estado, nem para o outro lado da cidade, mas para um sobrado que sua amiga e corretora Kirsty Lemon estava tentando vender, a apenas dez quilômetros da Cabana da Nogueira. Ela tinha medido o percurso no marcador de quilometragem de seu carro e mencionou isso aos pais, como um ponto positivo. Mas sua mãe ficara tão aborrecida com sua partida, com o rompimento da união feliz e disfuncional, que Paxton foi forçada a recuar. No entanto, ela se mudou da casa principal para a casinha junto à piscina, um passo pequeno, porém necessário. Isso simplesmente levaria tempo.

A casa da piscina provia alguma privacidade, mas, infelizmente, não havia meio de entrar ali sem passar pela principal, portanto seus pais sempre sabiam quando ela chegava e partia. Ela não podia sequer trazer suas sacolas de mercado sem algum comentário da mãe. Era com isso que ela ficava sonhando acordada. Ela fantasiava em manter uma caixa de *donuts* no balcão da cozinha sem que ninguém comentasse a respeito.

Ela subiu os degraus da vasta casa dos pais, chamada Cabana da Nogueira, por conta do grande número de nogueiras no estado. No outono, todo o quintal dos fundos se transformava numa massa de folhagem amarela tão radiante que iluminava a noite como se fosse de dia. Os passarinhos que faziam ninhos nas árvores ficavam confusos, pois não sabiam que horas eram, e permaneciam acordados durante dias até caírem dos galhos, exaustos.

Ela abriu a porta da frente silenciosamente, depois fechou-a devagarzinho, sabendo que os pais estariam assistindo à CNN na

sala de TV. Ela simplesmente iria pé ante pé, até a cozinha, e sairia pelas portas duplas sem que eles notassem.

Paxton virou-se e imediatamente caiu por cima de uma mala.

Aterrissou sobre as mãos, no chão de mármore do *hall*, com as palmas formigando.

— Meu Deus, o que foi isso? — Paxton ouviu a mãe dizer. Então houve um ruído de passos apressados vindo da sala de TV.

Paxton se sentou e viu que o conteúdo de sua bolsa tinha caído e se espalhado pelo chão durante a queda. Todas as suas listas estavam esparramadas ao redor, o que instantaneamente a deixou em pânico. Elas eram particulares. Paxton nunca deixava ninguém ver. Rapidamente pegou os papéis e os enfiou de volta na bolsa, bem na hora em que três pessoas apareceram no *hall*.

— Paxton! Você está bem? — perguntou sua mãe, conforme Paxton se levantava, alisando a roupa. — Colin, faça algo com essas malas, pelo amor de Deus.

— Eu ia levá-las para a casa da piscina, mas isso foi antes de descobrir que Paxton tinha se mudado para lá — disse Colin.

Ao som da voz do irmão, Paxton se virou, ficando de frente para ele. Ela saiu correndo para os seus braços.

— Não era para você chegar antes de sexta! — ela disse, ao apertá--lo com força, de olhos fechados, respirando aquele ar de calma que ele sempre trazia. Ela achou que fosse chorar de tanta felicidade por vê-lo. Depois ficou tão zangada que teve vontade de bater no irmão. Lidar com seus pais seria muito mais fácil se ele simplesmente parasse de ficar perambulando por aí e voltasse para casa de vez.

— As pendências do meu último projeto terminaram antes do que eu imaginava — disse ele, recuando e olhando para Paxton. — Você está ótima, Pax. Por que não se muda, ou se casa de uma vez?

— Não, não diga a ela para se casar! — disse Sophia, mãe deles. — Sabe com quem ela está saindo, agora? Sebastian Rogers.

— Não estou saindo com ele, mamãe. Somos apenas amigos.

— Sebastian Rogers — repetiu Colin, ao olhar para Paxton. — Não estudamos com ele? O garoto afeminado que usava o sobretudo roxo?

— Sim, é ele — disse a mãe, como se Colin tivesse concordado com ela a respeito de algo.

Paxton sentiu seu maxilar se retrair.

— Ele não usa mais sobretudo roxo. Ele é dentista.

Colin hesitou alguns segundos antes de mudar de assunto.

— Então, acho que vou colocar minhas malas na suíte de hóspedes, lá em cima.

— Bobagem. Você vai colocá-las em seu antigo quarto. Tudo está do mesmo jeito que você deixou — disse Sophia, pegando o braço do marido. — Donald, nossos dois bebês estão aqui! Não é maravilhoso? Pegue um champanhe.

Ele assentiu e se virou, deixando o *hall*.

Ao longo dos anos, o pai de Paxton foi lentamente permitindo que a esposa assumisse tudo, a ponto de agora não dar uma palavra, deixando todas as decisões por conta dela e passando a maior parte de seu tempo no campo de golfe. Por mais que Paxton entendesse o ímpeto da mãe, vendo quanto era mais fácil fazer as coisas por conta própria, em vez de deixar que os outros fizessem, ela frequentemente se perguntava por que a mãe não se ressentia da ausência do marido. Não era esse o objetivo principal do casamento? Ter um parceiro, alguém em quem confiar, para ajudar com decisões importantes?

— Só posso ficar para um drinque — disse Paxton. — Desculpe, Colin. Tenho uma reunião no clube.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe. Mais tarde a gente põe o papo em dia. Eu também preciso sair por um tempo esta noite.

Sophia esticou o braço e alisou os cabelos rebeldes do filho, afastando-os da testa.

— Sua primeira noite aqui e você vai sair?

Colin sorriu para ela.

— E você não pode mais me deixar de castigo. Isso a deixa doida, não é?

— Ai, você — disse ela, caminhando em direção à cozinha, gesticulando para que eles a seguissem, acenando com a mão de unhas impecáveis. A luz refletiu em sua pulseira de brilhantes, que cintilou como se ela estivesse tentando hipnotizá-los para fazer o que ela dizia.

Assim que Sophia se distanciou a ponto de não poder ouvir, Paxton suspirou e disse:

— Graças a Deus que você está aqui. Por favor, volte para casa de uma vez.

— Ainda não terminei de curtir as loucuras da juventude — ele sacudi os ombros magros. Toda a família era alta, porém, com um metro e noventa, Colin era de longe o mais alto. No ensino médio, seus amigos o chamavam de Homem-Vareta. Seus cabelos eram mais escuros que os dela, que eram loiros com luzes mantidas meticulosamente, mas eles tinham os mesmos olhos escuros dos Osgood.

— Você usa terno para trabalhar — ela frisou. — Isso não é loucura da juventude.

Ele sacudi novamente os ombros.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estou acordado há dois dias. Preciso dormir. Então, o que está rolando entre você e esse tal de Sebastian?

Paxton desviou o olhar e ajustou a bolsa no ombro.

— Somos só amigos. A mamãe não aprova.

— E ela aprova alguém? Aliás, a Blue Ridge Madam está fantástica. Melhor do que nas fotos que você me mandou por *e-mail*. Fui até lá esta tarde. Preciso fazer algumas mudanças no paisagismo, agora que vi pessoalmente, mas, fora isso, parece que tudo está nos trilhos.

— Você tem certeza de que vai ficar pronto antes da festa de gala no mês que vem?

Ele esticou o braço e apertou a mão de Paxton, quase fazendo que ela chorasse outra vez.

— Prometo.

— Champanhe! — o pai deles gritou, conforme subia os degraus do porão. Colin e Paxton suspiraram ao mesmo tempo, depois foram se juntar aos pais.

A reunião do Clube Social Feminino daquela noite seria realizada na casa de Kirsty Lemon, a Cabana do Limoeiro. Quando Paxton chegou lá, a casa ostentava tudo em limão. As luminárias de papel perfiladas na entrada da frente da casa tinham desenhos de fatias de limão. As plantas ornamentais junto à porta tinham limões de mentira. A própria porta estava forrada com papel amarelo brilhante. De alguma forma, ao longo dos anos, essas reuniões tinham se tornando menos sobre as instituições de caridade que o clube apoiava e mais sobre a tentativa de superar umas às outras na apresentação.

Paxton foi até a porta e bateu. Após os drinques com a família, ela tirara a roupa de trabalho e pusera um vestido branco e saltos altos, depois saiu com o irmão. Os pais chegaram a se despedir dos filhos da porta.

Kirsty abriu a porta. Com seus curtos cabelos castanhos e suas mãos miúdas, ela era uma mulher de ilusão de óptica, que misteriosamente fazia todos ao seu redor parecerem maiores do que realmente eram. Paxton tinha um metro e setenta e sete, pelo menos vinte centímetros e vinte e cinco quilos a mais que Kirsty, e detestava ser tão mais alta, mas nunca demonstrava, nunca se curvava, nem usava sapatilhas perto de Kirsty. Isso seria deslocar o equilíbrio da força.

— Oi, Pax. você está um pouquinho atrasada.

— Eu sei. Desculpe. Colin chegou em casa mais cedo. Estávamos pondo o papo em dia — disse ela, ao entrar, seguindo Kirsty até a sala. — Como vai você?

Kirsty ficou falando sobre seu marido perfeito, seus adoráveis meninos rebeldes e seu emprego fabuloso, de meio período, como corretora imobiliária.

As vinte e quatro participantes estavam sentadas em cadeiras dobráveis enfileiradas na sala. Algumas tinham pratos de petiscos no colo, com porções de salada de frango com limão, miniquiches de brócolis com limão e tortinhas de merengue de limão, da mesa do bufê. Havia uma mesinha no fundo da sala, onde três garotas adolescentes, com roupa de festa, sussurravam entre elas. Eram chamadas de flores em botão. Eram as filhas de membros do clube e estavam sendo moldadas para assumir o lugar de suas mães quando chegasse a hora. O clube era para mulheres jovens. Depois de certa idade, ficava entendido que você já não era mais bem-vinda e era esperado que sua filha assumisse seu lugar. Como regra, as mulheres sulistas ricas não gostavam de ser superadas, em necessidade ou beleza. A exceção era com suas filhas. As filhas do Sul eram, para suas mães, o que os afluentes são para os rios onde desembocam: fonte eterna de força inabalável.

Paxton sorriu para as meninas ao caminhar em sua direção para lhes oferecer saquinhos de chocolate. Como presidente, ela sempre presenteava as meninas nas reuniões, para que se sentissem incluídas. Todas foram abraçá-la e ela retribuiu. Paxton tinha imaginado que nessa idade estaria casada, com filhos e preparando as próprias filhas para isso, como suas amigas estavam fazendo. Queria tanto isso que até sonhava, de vez em quando, depois acordava com a pele avermelhada nos punhos e no pescoço, por conta da renda áspera do vestido de noiva que vestia no sonho. Mas nunca sentiu nada pelos homens que namorou, nada além de seu próprio desespero. E seu desejo de se casar não era forte o bastante, jamais seria forte o bastante para permitir que ela se casasse com um homem que não amasse.

Ela dispensou a comida, como sempre fazia, por conta dos olhares que suas amigas lhe lançavam, atentas ao seu quadril largo, e seguiu para a frente da sala, cumprimentando todas as mulheres

presentes. Uma brisa estranha passou por ela, parecendo sussurros de segredos. Ela se desvencilhou daquilo, distraidamente.

Pegou seus cadernos no púlpito e disse:

— Muito bem, pessoal, vamos manter a ordem. Temos muito a discutir. As confirmações para a festa de gala estão chegando sem parar. E Moira tem uma solicitação para que a Madam abra mais cedo, para as convidadas que vão pernoitar, de modo que as participantes idosas de fora da cidade possam ficar lá na noite de gala. Mas, primeiro, vamos à leitura das atas da última reunião. Stacey?

Stacey Herbst se levantou e folheou seu caderno. Recentemente ela tinha começado a tingir o cabelo de ruivo e, embora todos lhe dissessem que sentiam falta do cabelo castanho, a verdade era que ela ficava melhor ruiva. Mas ela provavelmente voltaria ao castanho em breve. O que as pessoas pensavam significava muito para ela.

Stacey abriu a boca para ler as atas, mas, surpreendentemente, o que saiu foi:

— Eu roubo batom toda vez que vou à farmácia. Não consigo evitar. Simplesmente coloco um tubinho dentro da bolsa e vou embora. Adoro o fato de que nenhuma de vocês sabe disso, é um segredo que escondo de todos.

Ela pôs a mão na boca.

Paxton levantou as sobrancelhas. Mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Honor Redford, que tinha sido presidente do clube antes de Paxton, disparou:

— Desde que meu marido perdeu o emprego, eu tenho medo de não conseguir pagar as taxas do clube e que nenhuma de vocês goste mais de mim.

Moira Kinley se virou para a mulher ao seu lado e disse:

— Sabe por que eu gosto de ir a lugares públicos com você? Porque sou mais bonita e você me faz sentir melhor comigo mesma.

— Eu fiz aquela reforma na casa só porque sabia que você ficaria com inveja.

— Fiz, realmente, plástica nos seios.

— Eu sei que seu problema é incontinência urinária, mas digo a todo mundo que o motivo de você ir tanto ao banheiro é bulimia.

Agora estavam todas falando ao mesmo tempo e cada coisa que diziam era mais absurda que a outra. Paxton assistia impaciente. A princípio, ela achou que elas estivessem fazendo uma brincadeira, porque algumas achavam engraçado irritá-la, já que ela era notoriamente inabalável. Mas depois ela percebeu que todas estavam em pânico, com uma expressão nos olhos que lembrava um cavalo assustado em disparada. Era como se, de repente, tudo que elas pensavam secretamente tivesse criado voz, e elas fossem incapazes de impedi-lo.

— Ordem — disse Paxton. — Todas, em ordem. — Isso não teve qualquer efeito. O estardalhaço aumentava. Paxton subiu em uma cadeira e bateu palmas ruidosamente, depois gritou: — Em ordem! O que há com vocês?

O barulho se dissipou, conforme todas olharam para Paxton. Ela desceu. Agora sentia uma inquietação passar por sua pele. Ela piscou algumas vezes, porque as coisas subitamente pareciam distorcidas, como olhar seu reflexo numa colher. Precisou se conter para não tagarelar que estava apaixonada por alguém que não deveria, algo que ela jamais admitira a alguém. Mas agora Paxton estava aflita para dizer. Deus, ela tinha a sensação de que ia morrer, de que engasgaria com aquilo se não pusesse para fora.

Ela engoliu e, em vez daquilo, conseguiu dizer:

— Kirsty, acho que talvez haja algo errado com seu ar-condicionado. Acho que estamos sendo afetadas pelos gases.

— Pelo menos eu tenho minha própria casa — Kirsty murmurou, ao se levantar e atravessar a sala, em direção ao termostato. — Ao menos não moro na casa da piscina dos meus pais.

— Perdão? — disse Paxton.

— Eu quis dizer que... — Kirsty gaguejou. — Não tive a intenção de dizer isso em voz alta.

Paxton reuniu todas as mulheres e as fez abrir todas as janelas e respirar fundo. O calor úmido de julho rapidamente entrou e fez

todo mundo suar as suas maquiagens leves de verão. A reunião estava oficialmente aberta e a lista de coisas que precisavam ser abordadas foi verificada, mas Paxton podia ver que algumas mulheres simplesmente não estavam ouvindo. Eram quase dez horas quando a reunião finalmente acabou. Todas trocaram beijos no rosto e se apressaram às suas respectivas casas, para se assegurarem de que estava tudo bem, que a casa não tinha pegado fogo, que seus maridos não tinham ido embora e seus melhores vestidos ainda serviam.

Paxton ficou sentada em seu carro, na entrada da garagem de Kirsty, vendo os carros partirem, pensando consigo mesma: *Que diabo acabou de acontecer aqui?*

Em vez de ir para casa, Paxton seguiu até a casa de Sebastian Rogers. Ela viu que as luzes ainda estavam acesas, então estacionou na entrada da garagem.

Quando Sebastian voltou para Walls of Water no ano anterior, a fim de assumir o antigo consultório odontológico do Dr. Kostovo, ele também comprou a casa do velho dentista, porque o Dr. K estava se aposentando e mudando para Nevada, para se afastar da umidade de Walls of Water, que incomodava sua artrite. Era uma casa de pedras escuras, com uma torre decorativa. Chamava-se Cabana da Árvore Frondosa, e Sebastian uma vez lhe dissera que gostava do ar dramático do local, gostava de fingir que estava morando num episódio de *Sombras da noite*.

Ela bateu à porta. Instantes depois, Sebastian abriu.

— Olá, linda — disse ele, se afastando para que ela entrasse. — Eu não esperava vê-la esta noite.

— Eu só quis dar um oi — disse ela, ao entrar, e as palavras soaram bregas até para ela, como se tivesse de haver uma desculpa, mesmo sabendo que Sebastian não se importaria se ela desse uma passada.

Ela entrou na sala e sentou-se no sofá, onde ele obviamente estava assistindo à televisão. A julgar pelo aspecto externo da casa, era de esperar espadas, escudos e brasões nas paredes internas, mas Sebastian optara por um interior leve e confortável. Ele tinha se mudado pouco depois de Paxton desistir de comprar o sobrado, e ela se divertira assistindo esse lugar se transformar no espaço dele. De vez em quando, ela até invejava em segredo sua independência. Paxton tirou as sandálias e dobrou as pernas, sentando-se sobre os pés, enquanto Sebastian se acomodou ao seu lado, cruzando as pernas. Ele estava com calças de amarrar e camiseta. Estava descalço e suas unhas dos pés estavam caprichosamente aparadas. Todos achavam que ele era *gay*, mas ninguém sabia com certeza. Ele não confirmava nem negava, nem no ensino médio nem agora. Paxton tinha quase certeza, embora ela fosse a única pessoa dali que já tinha visto uma prova. No ensino médio ele era magro e pálido, usava delineador e casacos compridos, e carregava um saco de lona enquanto todos usavam mochila. Era difícil não notá-lo. Foi por isso que Sebastian chamou a sua atenção no *shopping* de Asheville quando eles estavam no último ano. Asheville ficava a uma hora de Walls of Water e Paxton ia até lá com as amigas quase todo sábado. Sebastian estava na praça de alimentação com pelo menos uma dúzia de outros garotos adolescentes extravagantes. Garotos que não eram de Walls of Water. Era um pessoal diferente, que não se via em cidades pequenas. Paxton e suas amigas estavam passando quando ela o avistou. De repente, um dos garotos exóticos, de cabelos pretos espetados e luvas sem dedos que iam até os cotovelos, inclinou-se por cima da mesa e beijou Sebastian em cheio, na boca, profundamente. Em determinado momento, durante o beijo, Sebastian abriu os olhos e a viu. Ainda beijando o menino, seus olhos a seguiram, conforme ela se afastava. Ela não conseguia se lembrar de algo tão ousado e sedutor.

Pensando naquele beijo, isso parecia algo tão improvável para ele agora. Ultimamente, Sebastian andava tão controlado, quase

assexuado, com os ternos bem cortados que usava para trabalhar e as gravatas de seda tão macias que chegavam a refletir a luz.

— Como foi o seu dia? — perguntou ele, apoiando o cotovelo no encosto do sofá, tão perto que quase encostou nela.

— Tudo bem, eu acho — ela esticou o braço e ergueu a taça de vinho dele, pela metade, que estava na mesinha de centro.

Ele inclinou a cabeça.

— Só tudo bem?

— O ponto alto foi Colin ter chegado antes do esperado. Agora, o paisagismo da Madam vai ficar pronto a tempo, com certeza. Mas a reunião do clube desta noite foi tão *estranha*. Nunca vi nada parecido. Ainda há tanto a fazer para o baile de gala e subitamente todas parecem distraídas.

— Como?

Ela parou, pensando a respeito.

— Sempre que eu bancava a enxada, quando era criança, minha avó dizia: “Quando você fica sabendo o segredo de alguém, seus próprios segredos já não estão mais seguros. Ao desencavar um, todos vêm à tona”. A reunião foi assim. Todas admitindo coisas, coisas secretas. E depois que começaram, era como se não conseguissem parar.

Ele sorriu.

— Estou confuso. As reuniões não são para isso? Fofocar?

— Não dessa forma — disse ela. — acredite.

— Então, conte — disse ele, erguendo as sobrancelhas. — Que segredos as damas da sociedade vêm escondendo? Qual é o *seu* segredo?

Paxton tentou rir, mas isso fez seu coração doer. Ela esfregou a testa.

— Não tenho segredos.

Sebastian continuou com as sobrancelhas erguidas.

Paxton tinha de confessar algo agora. Mas decididamente não o que ela quase admitiu na reunião.

— Estou morrendo de medo de contar à minha avó sobre o baile de gala. Prometi à minha mãe que faria isso amanhã de manhã, mas não quero. Eu não quero, não mesmo. E me sinto terrível por isso. Nana Osgood ajudou a fundar o clube. Foi errado esconder isso dela por tanto tempo. Mas ela é tão...

Sebastian assentiu. Ele sabia.

— Quer que eu vá com você?

— Não. Ela o trata de forma horrível. — Desde que ela e Sebastian começaram a passar os domingos juntos, algo por que ela esperava a semana toda como a contagem regressiva para o Natal, Sebastian passara a acompanhá-la nas visitas semanais à avó nas noites de domingo. Ela não o faria acompanhá-la durante a semana também. Isso era pedir demais a qualquer pessoa.

— Ela trata todos de forma horrível, querida — ele esticou o braço e pegou a taça de vinho da mão dela, pousou-a e segurou-lhe a mão. — Livre-se dessa marcação cerrada. Você não precisa fazer tudo sozinha — ele olhou nos olhos de Paxton e disse: — Vou com você visitar sua avó amanhã.

— É mesmo?

— Você sabe que eu faço qualquer coisa por você.

Paxton levou a mão dele ao rosto e fechou os olhos. A pele de Sebastian era fresca e macia. Uma vez, ele sugerira que Paxton lavasse as mãos tantas vezes por dia, como ele, e que se tornasse melhor amiga do creme hidratante.

Ela percebeu o que estava fazendo e subitamente abriu os olhos. Soltou a mão de Sebastian e se levantou, procurando as sandálias.

— Eu preciso ir — disse ela, enquanto tentava encaixar os pés nas sandálias de tiras. — Obrigada por me deixar desabafar.

— Você é um poço de energia. Você dorme?

Ela deu um sorriso fraco.

— De vez em quando.

Ele lentamente descruzou as pernas, olhando-a, pensativo, enquanto se levantava. Quando Sebastian voltou à cidade, no ano anterior, no instante em que eles casualmente se reencontraram

depois de uma reunião do clube de leitura no salão de chá Hartley's, Paxton sentiu uma pontada para a qual não estava preparada, como um choque elétrico. A princípio ela não o reconheceu, só sabia que ele era estranhamente bonito, quase uma beleza sobrenatural, e ficou imaginando o que Sebastian estaria fazendo em Walls of Water. Enquanto destrancava o carro, ela resolveu fazer umas ligações e descobrir quem ele era, ao mesmo tempo que o observava seguir para o carro, estacionado numa vaga adiante. Ele abriu a porta e arremessou o saco que carregava, da livraria Slightly Foxed, depois se virou e viu que ela o estava observando. Ele olhou também, depois sorriu ligeiramente e disse:

— Olá, Paxton — o que a deixou em pedaços. Ele precisou lembrá-la de que eles tinham estudado juntos. Acabaram indo parar no salão de chá Hartley's e conversaram durante horas. Quando finalmente seguiram caminhos diferentes naquela tarde, ela estava envolvida. E constatar isso ainda a pegava desprevenida. Independentemente de quantas vezes ela dissesse a si mesma que nada bom poderia resultar disso, que estava armando uma cilada para si mesma, Paxton não conseguia evitar seus sentimentos por ele.

— Boa noite, linda — disse Sebastian, esticando o braço e afagando-lhe os cabelos, quase como se estivesse se desculpando. E foi quando ela percebeu, como uma paulada, a ponto de fazer seu peito doer. *Ele sabia.*

Intimidada, ela se virou para a porta. Havia quanto tempo ele sabia? Ele sempre soube? Ou ela teria feito algo, recentemente, que o fizera suspeitar? Meu Deus, como aquela noite acabou sendo terrível. Parecia que o universo estava lhe pregando peças.

— Pax? O que há de errado? — perguntou ele, seguindo-a.

— Nada. Estou bem. Eu o vejo amanhã de manhã — ela tentou dizer com animação enquanto saía, vestindo uma escura capa de chuva.

E ela podia jurar que ouviu o sussurro do riso de alguém.



3

Código dos banidos

Willa ouviu a batida na porta quando estava tirando a última leva de roupa da secadora naquela noite. Ela teve a sensação de que sabia quem era, mas, com todas as janelas fechadas e o ar-condicionado ligado, ela achou que seus vizinhos impicantes não ouviriam se ela aumentasse o som de Bruce Springsteen.

Deixando a roupa em cima da mesa da cozinha e pulando seu costumeiro ritual de mergulhar o rosto na roupa ainda morna, ela caminhou pela casa até a porta da frente.

Esse era um dos lados negativos de morar num bairro antigo com casas tão próximas. Mas Willa tinha herdado esta, que fora seu lar de infância, quando o pai faleceu, quase sete anos antes. Uma casa com financiamento pago não podia ser esnobada, principalmente levando-se em conta que Willa tinha finalmente quitado o astronômico débito de seu cartão de crédito, contraído na faculdade. Walls of Water tinha um número incomum de habitantes ricos, e quando era jovem ela detestava não ser um deles. Tinha sido uma sensação inebriante quando subitamente teve fácil acesso ao dinheiro, na faculdade, deitando e rolando como sempre quisera.

Seu pai morrera antes de descobrir quão afundada em dívidas ela estava.

Agora, com tudo quitado, ela era a proprietária de um negócio e de uma residência, tudo graças ao pai, que lhe deixara a casa e a pusera como beneficiária de um seguro de vida. Ser adulta era algo importante para ele. Ela lhe devia isso. Essa era sua penitência por causar tanta tristeza a ele e à sua avó, por sua espantosa incapacidade de conter toda a sua inquietante energia juvenil, e passar a viver a vida tranquila que eles queriam.

Springsteen estava cantando "I'm on Fire" quando ela abriu a porta. Willa ergueu os olhos e o homem em sua porta disse:

— E voltamos a nos encontrar.

Qualquer som que poderia estar se formando em sua garganta desapareceu. Quando ela abriu a boca, tudo que saiu foi o ar com palavras dissolvidas.

— Você fugiu tão depressa hoje que se esqueceu disso — ele estendeu a mão com o convite.

Ela o pegou rapidamente e, inexplicavelmente, escondeu atrás das costas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos. Ainda estava vestindo as mesmas calças e camisa social, agora seca, parecendo papel amassado. A intensa luz da luminária em globo ao lado da porta o obrigou a estreitar os olhos, fazendo surgir ruguinhas. Ele a olhou por um momento, antes de dizer:

— Eu levei a culpa por todos os seus trotes no ensino médio. O mínimo que você poderia fazer é me convidar para entrar.

Isso a fez despertar.

— Você não levou a culpa, você levou o *crédito* — disse ela.

Claro que ela se lembrava dele. Isso tornara ainda mais constrangedor ser flagrada em Jackson Hill. Embora Willa nunca tivesse prestado muita atenção em Colin na escola, todos sabiam quem ele era. Era um Osgood. Mas sempre fora ofuscado por sua irmã gêmea popular e obstinada. Não que Colin parecesse se importar. Ele provavelmente poderia ter sido tão popular quanto

Paxton, mas nunca pareceu tão interessado quanto ela em se candidatar anualmente à presidência do conselho estudantil ou em ingressar em um milhão de clubes. Ele andava mais com os garotos que usavam camisa polo em tons pastel e jogavam golfe nos fins de semana. Parecia destinado a regressar depois da faculdade e assumir o lugar do pai, como Rei dos Links, mas, por algum motivo, ele não aparecia com tanta frequência. Ela não fazia ideia da razão.

Willa não tivera a intenção de culpá-lo por seus trotes no ensino médio. No início do último ano, ela saiu escondida numa noite e pregou uma citação do poeta Ogden Nash na marquise da escola. DOCE É ELEGANTE, MAS BEBIDA É MAIS VELOZ. Ela entendeu Colin dizer isso, ele havia passado o dia recitando, e Willa tinha achado engraçado. O que ela não sabia era que Colin tinha acabado de entregar um trabalho sobre Ogden Nash, portanto ela o comprometeu sem querer. Ninguém jamais pôde provar que tinha sido Colin, e seus pais garantiram que ele jamais fosse responsabilizado, mas todas as brincadeiras que Willa fizera até então, e as que fez depois, foram creditadas a ele. Colin ganhou respeito por ser o “Piadista da Escola Walls of Water”, herói dos alunos, ruína dos professores. Foi somente quando Willa foi flagrada de fato, três semanas antes da formatura, que todos se deram conta de que era ela a piadista, não Colin.

— Vai me deixar entrar ou não? O suspense está me matando.

Ela suspirou e deu um passo para trás. Quando ele entrou, Willa fechou a porta, depois passou por cima dos alto-falantes de seu iPod, ao lado do computador, e abaixou o volume do som, antes que Springsteen pudesse soar ainda mais *sexy*. Ela se virou e viu Colin andando ao redor, distraidamente passando a mão por cima do encosto de seu sofá supermacio. Era esse tipo de sofá. Você tinha de tocar. Depois de quase sete anos, foi a primeira coisa nova que ela comprou para a casa, e tinha sido entregue apenas alguns dias antes. Custou caro, era pouco prático, e ela se sentira culpada, mas estava ridiculamente apaixonada por ele.

— Ninguém me disse que você tinha voltado — disse Colin.

— Por que diriam?

Ele sacudiu a cabeça, como se não soubesse a resposta.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Desde que meu pai morreu.

Os ombros de Colin caíram ligeiramente.

— Lamento pelo que aconteceu. — O pai dela tinha sido atropelado e morrera ao tentar ajudar alguém a trocar um pneu na interestadual, no ano que seria o último da faculdade de Willa, se ela não tivesse trancado. Outra coisa que seu pai não soubera. — Ele era um ótimo professor. Tive aula de química com ele no segundo ano. Uma vez, ele deu um jantar para seus melhores alunos aqui nesta casa.

— Sim, eu me lembro. — Ela detestava aqueles jantares, porque os garotos vinham à sua casa, viam como ela vivia. Ela se escondia em seu quarto e fingia estar doente. Não havia nada de errado com a casa, era apenas velha e pequena, nada parecida com as mansões em que metade dos garotos morava.

— Pensei muito em você ao longo dos anos, no que você estava fazendo, em que confusões estaria se envolvendo — ele parou. — Eu não fazia ideia de que você estava aqui o tempo todo.

Willa só olhava, imaginando por que isso teria importância.

Ele observou novamente a sala, olhando ao redor, então pareceu não saber mais o que fazer e sentou-se no sofá, dando um suspiro cansado. Colin passou os dedos pelos cabelos escuros. Suas mãos eram grandes. Ele era um homem grande, de presença marcante. Ninguém parecia perceber isso no ensino médio. O tempo que ele passou distante o modificou, deu-lhe mais confiança, um ar de independência que ele não tinha antes.

— Então, o que você anda fazendo ultimamente, Willa Jackson?

— Sou dona de uma loja de artigos esportivos na National Street.

— Pronto. Isso parecia responsável, não? Normal e prático.

— O que faz para se divertir?

Ela lhe lançou um olhar engraçado. Que tipo de pergunta era essa?

— Lavo roupa — respondeu ela secamente.

— Casou? — perguntou ele. — Tem filhos?

— Não.

— Então, não tem uma prole para ensinar como colocar papel higiênico no gramado da escola, ou decorar os carros dos professores com pasta de amendoim, ou escrever citações escandalosas na marquise da escola, ou trocar os itens dos armários de toda a turma de formandos? — ele riu. — Aquilo foi um clássico. Deve ter levado a noite toda.

Isso era como uma lembrança afetuosa para ele. Mas ela propositadamente não relembrava essas brincadeiras havia anos. E não pensara em Colin duas vezes. Agora, subitamente, estava se lembrando da expressão no rosto dele, quando ela saiu da escola acompanhada por um policial, depois de disparar o alarme de incêndio. A escola toda estava do lado de fora, no gramado. *Foi ela*, eles cochichavam. *Willa Jackson era a Piadista da Escola Walls of Water!* Colin Osgood parecia completamente abatido. Willa só não sabia se era por ser ela ou porque ele não podia mais levar o crédito por seus trotes.

Eles ficaram se olhando, cada um de um lado da sala. Willa observou os olhos de Colin descendo por seu corpo, e estava prestes a mencionar isso quando ele disse:

— Então, você vai? — ele apontou para o convite, ainda na mão dela. — Ao baile de gala?

Ela olhou para baixo, como se estivesse surpresa de encontrar o convite ali. Ela o colocou sobre a mesa do computador, lançando um olhar desprezível, como se fosse tudo culpa do convite.

— Não.

— Por que não?

— Porque não tem nada a ver comigo.

— Então você só vai a festas que têm algo a ver com você? Sua festa de aniversário, por exemplo. — Depois de um breve silêncio, ele franziu o rosto e disse: — Isso pareceu mais engraçado em minha cabeça. Tudo subitamente começa a parecer engraçado

quando você está acordado há quarenta e oito horas. Eu ri de uma placa de limite de velocidade a caminho daqui. Não faço ideia do motivo.

Ele estava bêbado de sono. Isso explicava muita coisa.

— Por que você está acordado há quarenta e oito horas?

— Não consegui dormir no voo, vindo do Japão. E estou tentando ficar acordado o dia todo, para poder ir para a cama na hora certa e não ficar perdido no fuso horário.

Ela olhou em direção à janela.

— Alguém o trouxe de carro, até aqui?

— Não.

Ela olhou em seus olhos. Eram escuros, enervantes e pareciam muito, muito cansados.

— Você está bem para dirigir? — perguntou ela, seriamente.

Ele sorriu.

— Isso foi algo muito responsável de perguntar.

— Deixe-me pegar um pouco de café.

— Se você insiste. Mas a antiga Willa teria encontrado alguma forma de tirar vantagem dessa situação.

— Você não faz ideia de quem era a antiga Willa — disse ela.

— Nem você, obviamente.

Sem dizer mais nada, ela virou-se e foi até a cozinha, onde conseguiu derrubar os grãos de café e a água. Ela só queria ligar a velha cafeteira de seu pai para poder dar uma boa dose de cafeína a Colin e fazê-lo seguir seu caminho.

— Você sempre sobe até a Blue Ridge Madam? — perguntou Colin, lá da sala.

— Não — respondeu ela. Claro que ele acabaria tocando nesse assunto.

— Então você não estava planejando uma brincadeira para, digamos, a grande noite de gala? — ele, de fato, disse isso com um tom esperançoso.

— Ah, pelo amor de Deus — murmurou Willa.

Recostando-se na bancada da cozinha, ela olhava a cafeteira gorgolejar calmamente. Quando a máquina finalmente tinha moído e coado café suficiente para uma xícara, ela serviu e levou até a sala.

Ele ainda estava sentado no sofá cinza de camurça, com as mãos nos joelhos, descansando a cabeça nas almofadas.

— Ah, não — disse ela, entrando em pânico, ao pousar a caneca na ponta da mesa. — Não, não, não. Colin, acorde.

Ele nem se mexeu.

Ela esticou o braço e tocou seu ombro.

— Colin, eu trouxe seu café. Acorde e beba um pouco — ela sacudiu seu ombro. — Colin!

Os olhos dele se abriram, e Colin olhou para ela ligeiramente desconcertado.

— O que aconteceu com você? Você era a pessoa mais corajosa que eu conhecia — Colin murmurou. Então, ele fechou novamente os olhos.

— Colin? — ela procurou por um sinal no tremular de seus cílios, pensando que ele talvez estivesse fazendo um joguinho com ela. — Colin?

Nada.

Ela ficou ali, em pé por um momento, perplexa. Bem na hora em que ia se virar, ela captou um sopro de perfume adocicado. Willa inalou profundamente, querendo saboreá-lo de modo instintivo, mas quase engasgou quando o cheiro pousou em sua língua com um gosto amargo. Era tão forte que ela chegou a fazer uma careta.

Sua avó lhe descrevera isso uma vez, depois de fazer uma torta de limão que saiu ruim, e era exatamente o gosto da tristeza.

A densa névoa matinal de Walls of Water, comum por conta da proximidade das cataratas, era famosa por si só. Não havia uma única loja na National Street que não vendesse os Potes de Neblina turística, potes de vidro cinzento, para que os visitantes pudessem levar para casa uma lembrança de sua estada. Willa achava que era

muito parecido com morar perto do mar. Quando você vê a mesma coisa diariamente, às vezes se pergunta o que tem de mais.

Na manhã seguinte, a névoa estava começando a desaparecer com o aumento da temperatura quando Willa entrou no jipe e seguiu para a casa de repouso. Ainda bem que Colin tinha se levantado e ido embora durante a noite, levando com ele sua decepção por ela não estar mais pregando peças na cidade, por ela não ter mais dezoito anos.

Willa gostaria que ele nunca tivesse vindo vê-la. Ela estava fazendo a coisa certa em ficar ali. Tinha crescido. Todo o sentido de estar ali era *não* decepcionar mais as pessoas.

— Oi, vovó Georgie — Willa disse alegremente quando chegou à casa de repouso e entrou no quarto da avó. Ela já tinha sido vestida e deixada na cadeira de rodas. Estava sentada, ligeiramente curvada, perto da janela. O sol matinal em seus cabelos brancos e em seu rosto claro lhe dava um ar quase translúcido. Ela havia sido uma bela mulher em sua época, com olhos grandes, maçãs do rosto proeminentes e um nariz longo e fino. Às vezes, ainda dava para ver aquela beleza, e era como olhar através de um vidro encantado.

Sua avó tinha começado a apresentar os primeiros sinais de demência quando Willa partiu para a faculdade. Nessa época, o pai de Willa levou a mãe para morar com ele, instalando-a no antigo quarto de Willa. Dois anos depois, ela teve um derrame e ele foi forçado a transferi-la para uma casa de repouso. Willa sabia que a decisão não tinha sido fácil para o pai, mas ele conseguira alojá-la na melhor casa da região. Depois que seu pai morreu, Willa assumiu seu lugar, passando a visitá-la, pois sabia que era o que ele gostaria que ela fizesse. Ele adorava a mãe e agradá-la havia sido a ambição de sua vida.

Willa sempre achou a avó meiga, mas ela era uma daquelas pessoas com espinhos invisíveis, que impediam os outros de se aproximarem demais. Georgie Jackson tinha sido uma pessoa nervosa, alerta, sem frivolidade nenhuma, que Willa achava extraordinária, levando-se em conta como os Jackson tinham sido

ricos um dia. Mas depois que a família perdeu todo o seu dinheiro, Georgie trabalhou como doméstica para várias famílias ricas da cidade até ter quase setenta anos.

Ela sempre foi quieta, como o pai de Willa. A mãe de Willa tinha sido a ruidosa da família, e Willa ainda se lembrava de sua risada, um som meigo e pontuado, como brasa estalando. Ela era recepcionista de um escritório local de advocacia, mas morrera quando Willa tinha seis anos. Isso desencadeou a fase em que Willa gostava de brincar de morta. Ela costumava se posicionar no sofá, completamente encharcada, como se tivesse se afogado ali. Ela se deitava contorcida, no capô do carro, como se tivesse sido atropelada. Sua morte preferida era a Morte das Colheres, na qual ela se deitava no chão da cozinha, se lambuzava de *ketchup* e enfiava colheres sob as axilas. Naquela idade, Willa não entendia a morte, não via como algo ruim, se acontecera com alguém tão bondoso como sua mãe, francamente ela era fascinada por isso.

Uma vez, sua avó flagrou-a tendo uma conversa imaginária com sua mãe e imediatamente abriu todas as janelas e queimou sálvia. “Fantasmas são coisas terríveis”, ela dissera. “Você não vai querer falar com eles. Mantenha-os distantes.” Isso tinha magoado Willa, e levou um bom tempo para que ela perdoasse a avó por negar-lhe um elo com a mãe, por deixá-la com medo disso, por mais tolo que fosse.

Agora, todas essas superstições tinham sumido da mente da avó. Sua avó nem se lembrava mais de Willa, mas a neta sabia que ela gostava da melodia de vozes, embora não entendesse mais as palavras. Então, isso era o que Willa fazia, várias vezes por semana; ela vinha conversar sobre o que se passara no noticiário, sobre o visual das árvores naquela época do ano, o que estava sendo vendido em sua loja, que melhorias estavam sendo feitas na casa do pai. Ela contou à avó sobre o novo sofá, mas não sobre Colin.

Falou até que trouxessem o café da manhã de Georgie, então Willa ajudou a alimentá-la. Depois que a bandeja foi levada, ela delicadamente limpou o rosto da avó e sentou-se ao seu lado.

Willa hesitou por alguns instantes antes de pegar o convite no bolso traseiro.

— Tenho me questionado quanto a contar-lhe ou não sobre isso. Haverá uma festa na Blue Ridge Madam no mês que vem. O Clube Social Feminino está comemorando sua fundação. Paxton Osgood quer homenageá-la na festa, o que me parece bacana. Mas você nunca falou a respeito. Eu não sei se realmente significava algo para você. Se eu achasse que significasse, eu iria. Mas simplesmente não sei.

Willa baixou o olhar para o convite e, pela primeira vez, fez as contas. Ela percebeu que a avó tinha somente dezessete anos quando ajudou a fundar o clube. Isso foi no ano em que sua família tinha perdido a Blue Ridge Madam, ano em que ela dera à luz o pai de Willa.

Era doloroso para Willa pensar nisso agora, mas, quando era mais jovem, ela nunca se orgulhara particularmente de ser uma Jackson. Contudo, à medida que foi ficando mais velha, ela passou a apreciar mais a forma que sua família tinha trabalhado duro para se manter, e como ninguém, exceto ela, se envergonhara pelo que eles tinham perdido. Willa já tinha enfrentado e aceitado o fato de sua avó não poder mais lhe contar coisas que ela queria saber sobre a família, que ela perdera todas as oportunidades de perguntar quando a avó ainda tinha a mente boa, ou que poderia ter perguntando ao pai, quando ele estava vivo. Mas, em momentos como aquele, ela ainda sentia profundamente, todos os “Eu te amo” que ela deveria ter dito e não disse, as coisas que ela gostaria de voltar no tempo para mudar, como ela poderia tê-los feito se orgulhar dela em vez de preocupá-los constantemente.

Willa ergueu os olhos do convite e se surpreendeu ao ver que Georgie tinha virado a cabeça para ela e seus olhos cinza-claros, do mesmo tom dos de Willa, estavam olhando diretamente para ela, como se Georgie tivesse reconhecido algo familiar no que Willa dissera. Isso não acontecia havia anos, literalmente, e Willa ficou tão surpresa que seu coração se acelerou.

Willa inclinou-se para a frente.

— O que foi, vovó Georgie? É a Blue Ridge Madam? O Clube Social Feminino?

O lado esquerdo de Georgie ficara paralisado pelo derrame, então ela levantou a mão direita e a pousou sobre a de Willa. Georgie tentou mover a boca, formar palavras.

Precisou de algumas tentativas antes que Willa reconhecesse uma palavra: pêssego.

— Pêssego? Você quer pêssegos?

O rosto da avó subitamente ficou inexpressivo, como se ela tivesse esquecido o que queria dizer. Ela se virou para a janela.

— Certo, vovó Georgie — disse Willa ao se levantar e beijar a avó na cabeça. — Pode deixar que eu vou trazer alguns pêssegos.

Ela colocou um xale ao redor dos ombros da avó e prometeu voltar logo para vê-la.

Após uma última olhada, Willa se virou e deixou o quarto.

Era tolice esperar algo profundo. Só o fato de estar tentando se comunicar já era o suficiente.

Ela parou no posto de enfermagem para ver se havia alguma anotação médica, depois perguntou se a avó poderia comer pêssegos na próxima refeição.

Ela colocou os óculos escuros e saiu no sol radiante, atravessando o pátio de tijolinhos em direção ao estacionamento. O sol já irradiava ondas quentes metálicas dos para-brisas dos carros, motivo pelo qual Willa não poderia ver ninguém se aproximando até estar a apenas alguns passos de distância.

Era Paxton Osgood, com um lindo vestidinho cor-de-rosa e sapatos deslumbrantes. Ela era alta como o irmão, mas tinha curvas generosas, como se um de seus ancestrais franceses tivesse escandalizado todos se casando com uma bela ordenhadora parruda e, algumas gerações depois, Paxton fosse o resultado. Estava acompanhada de um homem de cabelos loiros e pele clara. Ele vestia um terno de alfaiate que não ficaria bem em qualquer pessoa tão esguia. Nele ficava. Ele era lindo, de um jeito muito incomum,

uma daquelas pessoas que você não consegue identificar se ficam mais do lado masculino ou feminino.

Sem saber o que Colin dissera à irmã na noite anterior, ou que rancores Paxton ainda guardava pela vez que Willa falsificou uma carta de amor de Paxton para Robbie Roberts, Willa não tinha certeza se Paxton sequer a cumprimentaria.

Ela decididamente não estava esperando que Paxton sorrisse e dissesse:

— Willa! Olá! Que bom tê-la encontrado. Então, você passa as manhãs aqui? É por isso que nunca a vejo. Você recebeu meu bilhete sobre fazer algo especial para nossas avós no baile de gala?

Willa, constrangida, alisou seus cabelos rebeldes e ondulados, pois os de Paxton estavam presos num coque que era sua marca registrada. Ela estava sempre muito bem-arrumada.

— Minha avó não está boa o bastante para participar — disse Willa. — Ela nem se lembra de mim, muito menos do clube.

— Sim, eu sei. E lamento — disse Paxton. — Eu estava pensando em fazer uma homenagem a ela através de você. Que você poderia aceitar um presente por ela.

— Eu... acho que já tenho compromissos pré-agendados nessa noite — disse Willa.

— Ah — disse Paxton, obviamente surpresa. Houve um silêncio estranho.

Sebastian limpou a garganta.

— Olá, Willa. É um prazer revê-la. Já faz bastante tempo.

— Sebastian. Ouvi dizer que você assumiu o consultório do Dr. Kostovo. — Sebastian Rogers reforçava sua crença de que a reinvenção não era apenas uma boa teoria. Isso realmente acontecia. Na época do ensino médio, seus colegas às vezes se esqueciam de que ela estava ali, porque Willa era muito quieta durante as aulas, mas Sebastian não tinha a mesma sorte. Willa possuía o poder de ser invisível, algo que alguém com a aparência de Sebastian jamais poderia ter. Ele aturara provocações constantes. No entanto, ali estava ele, um dentista, vestindo um terno que

provavelmente custava mais que um ano de financiamento de seu jipe. — Na última vez que o vi, você usava delineador e um casacão roxo.

— Na última vez que a vi, você estava sendo presa por acionar o alarme de incêndio.

— *Touché*. Apareça na Au Naturel, na National Street, qualquer hora dessas. Você pode tomar um café por conta da casa.

— Talvez eu vá. Você era paciente do Dr. Kostovo, não era? Espero que continue frequentando o consultório, para suas limpezas regulares.

— Você agora é o policial dental?

Ele ergueu uma sobrancelha, seriamente.

— Sim, eu sou.

Willa riu, depois percebeu que Paxton a olhava curiosa. Com o riso sumindo, Willa desviou o olhar de Paxton para Sebastian, depois de volta.

— Bem, eu preciso ir — ela finalmente disse.

— Tchau, Willa — disse Sebastian, à medida que ela se afastava. Paxton não disse nada.

Paxton observava Sebastian de canto de olho enquanto eles caminhavam pelo corredor em direção ao quarto de sua avó. Os passos dela eram pesados sobre os saltos, mas os dele eram sopros leves, em seus mocassins italianos. Nem o buquê de hortênsias que ele levava murchara.

— Eu não me lembro de você e Willa serem próximos no ensino médio. Vocês eram?

— Não — disse ele, simplesmente.

— Ela pareceu mais feliz em ver você do que a mim.

— É o código dos banidos — disse ele, sorrindo. — Você não entenderia — antes que Paxton pudesse perguntar, eles chegaram à porta de sua avó. — Pronta para ver a senhora dragão?

— Não — disse Paxton.

— Estou aqui com você — Sebastian passou o braço ao redor da cintura dela, dando um apertão consolador antes de baixar o braço.

Eles entraram juntos, e Paxton cautelosamente se aproximou da cama da avó. À medida que se aproximava, sentia a pele começar a queimar. Ela temera aquela mulher por toda a sua vida, algo que nunca contou a ninguém. Ela olhava para a avó e sentia um terror profundo de se transformar nela um dia.

— Nana Osgood? — disse ela baixinho. — Sou eu, Paxton. Você está acordada?

Sem abrir os olhos, Agatha disse:

— O fato de você ter de perguntar deveria ser uma dica.

— Hoje estou aqui com o Sebastian.

Ela finalmente abriu os olhos.

— Ah, o homem elegante.

Paxton suspirou, mas Sebastian sorriu e piscou para ela.

— Eu lhe trouxe hortênsias, Agatha — disse Sebastian. — Suas favoritas.

— Você não precisa me dizer que são minhas prediletas. Eu sei disso. Mas a minha pergunta é: por que você está trazendo flores para uma mulher cega? Não posso vê-las. Estou sempre lhe dizendo, eu quero chocolate. A comida é o último prazer que me resta.

— Vovó, você sabe que a mamãe não quer que você coma doce demais.

— Sua mãe não sabe nada. Pegue meus dentes.

— Onde estão? — perguntou Paxton.

— Na mesa, onde sempre ficam — disse Agatha, se sentando. — Honestamente, até parece que não fazemos isso toda vez que você me visita. De qualquer forma, por que você está aqui tão cedo? Nem é seu dia de vir me ver.

— Tenho algo maravilhoso para lhe contar, sobre a Blue Ridge Madam — disse Paxton, olhando para a mesa de cabeceira, à procura dos dentes da avó.

— Não há nada maravilhoso sobre a Blue Ridge Madam. Fique longe dali. É assombrada. Passe para cá meus dentes.

Paxton começou a entrar em pânico.

— Seus dentes não estão aqui.

— Claro que estão — Agatha jogou as cobertas para o lado enquanto levantava e cutucava Paxton para sair do caminho. Ela apalpou o tampo da mesinha, com a boca aberta e as gengivas à mostra. — Onde estão? Alguém roubou meus dentes! Ladrões! — ela gritou. — Ladrões!

— Vou colocar essas flores na água — disse Sebastian, pegando um vaso de cristal Waterford na cômoda e seguindo para o banheiro anexo. Segundos depois, ele pôs a cabeça para fora e disse: — Querida?

Paxton agora estava de joelhos, procurando embaixo da cama da avó enquanto Agatha continuava a gritar. Ela ergueu os olhos e viu que Sebastian tentava desesperadamente conter o riso. Paxton adorava que ele não deixasse que sua avó o aborrecesse. Adorava que ele estivesse disposto a passar por isso com ela, que ela não tivesse de esconder como Agatha era horrível. Se Sebastian podia conviver com seu segredo, então ela podia viver com o fato de que ele soubesse. Nada aconteceria entre eles. Se apenas levassem as coisas como sempre, tudo ficaria bem.

— Acho que encontrei os dentes de Agatha — disse ele.

Depois que Paxton e o homem elegante partiram, Agatha Osgood sentou-se na poltrona de seu quarto, com os lábios comprimidos, os dedos nervosamente enroscando o cardigã que ela imaginava combinar com seu vestido. Uma degeneração maligna lhe tirara a visão. Mas ela sabia onde ficavam todos os móveis de seu quarto, os quais eram macios e confortáveis. Alguém lhe disse que o estofamento tinha uma estampa azul de hortênsias que ela quase podia identificar quando a luz certa refletia. Ela também tinha seu próprio frigobar, que a família mantinha abastecido com as coisas de que ela gostava. Ela ainda adorava comer, portanto isso ajudava um pouquinho, mesmo que não lhe dessem tanto chocolate quanto ela

gostaria. Esse lugar não era tão ruim, ela imaginava. Na verdade, era o melhor das redondezas, e o preço deixava isso claro. Não que Agatha ligasse para dinheiro. Isso é o que acontece quando você tem demais. Ele passa a ser como poeira, algo que constantemente se desloca ao seu redor, mas você nunca toca de fato.

Agatha achava que a família a consultava a respeito das coisas, que, como matriarca, sua opinião ainda era relevante. Essa era a impressão que eles lhe davam quando a visitavam. Esse lugar iludia os residentes a pensarem que aquilo ali era tudo que existia no mundo. O lugar encolhia tudo, como em *Alice no País das Maravilhas*. Para ela, era surpreendente que ainda houvesse um mundo além dessas paredes, um mundo que continuava girando mesmo sem ela.

Agatha não podia acreditar que sua família tinha, de fato, comprado a Blue Ridge Madam. Todos aqueles anos cuidadosamente construindo os boatos sobre os fantasmas, fazendo com que todas as crianças e a maioria dos adultos temessem a Madam, vissem-na ruindo, ano após ano, esperando pela hora em que finalmente desabasse e tudo que havia acontecido ali desaparecesse, tudo em vão.

Como se isso não fosse ruim o bastante, Paxton estava planejando um grande baile de gala ali, comemorando a fundação do Clube Social Feminino. Agatha tentara tudo para fazer Paxton parar, cancelar aquilo. Ela dissera coisas odiosas e insinceras, e fizera ameaças que não podia cumprir, mas nada impediria aquilo. Agora Paxton estava no controle do clube, e Agatha sentia profundamente a sua impotência.

Aquelas garotas tolas não faziam ideia do que realmente estavam comemorando. Elas não tinham ideia do que foi preciso para reunir Agatha e suas amigas, setenta e cinco anos antes. O Clube Social Feminino tinha a ver com o apoio de umas às outras, com a união para proteger umas às outras, porque ninguém mais o faria. Mas isso havia se transformado num monstro horrendo, um meio através do qual as damas ricas podiam se parabenizar por dar dinheiro aos

pobres. E Agatha deixou que isso acontecesse. Parecia que durante toda a sua vida ela estava se redimindo por coisas que tinha deixado acontecer.

Ela sabia que não era coincidência que o clube estivesse organizando sua comemoração na Madam. Não havia coincidência. Era destino. Olhando de modo objetivo, aquilo tinha até um tipo de simetria cruel. O motivo para que elas fundassem o clube tinha a ver com a Madam. Era só uma questão de tempo até que tudo viesse à tona. Segredos nunca permanecem sepultados, independentemente do esforço que você faça. Era isso que Georgie sempre temera. Ela se levantou e saiu do quarto, contando os passos até o posto de enfermagem. Dava para ouvir a voz da enfermeira da manhã que se aproximava. A enfermeira era jovem. Jovem demais. Tinha voz de quem ainda deveria estar pulando amarelinha com as amigas. Por que as meninas tinham tanta pressa de crescer? Agatha jamais entenderia. A infância era mágica. Deixá-la para trás era uma perda monumental.

— Olá, Sra. Osgood — disse a enfermeira num tom que tentou ser agradável, mas não chegou a ser. Agatha provocava isso em todos os funcionários dali. Ela não tinha certeza de quando isso acontecera, mas, em algum momento, ao longo desses últimos dez anos, ela descobrira que se sentia melhor quando fazia os outros infelizes como ela. Foram os empregados que esconderam seus dentes no banheiro, naquela manhã, onde o homem elegante os encontrara. Ela tinha certeza. Era um jogo de toma lá dá cá com os empregados, que já durava anos. — O que posso fazer pela senhora?

— Se eu precisar de sua ajuda, eu peço — Agatha estrilou ao passar. Ela caminhou até o terceiro corredor, passando as pontas dos frágeis dedos pelas paredes, enquanto contava as portas até o quarto de Georgie. Quando o filho de Georgie, Ham, viera lhe pedir ajuda para arranjar uma vaga para Georgie ali na casa de repouso, Agatha lhe dera o dinheiro sem hesitar. Tudo que ela sempre quis foi ajudar Georgie, compensar pela época em que Georgie mais

precisou de Agatha e ela lhe deu as costas... a época que mudara tudo. Agatha sempre acompanhava a forma que Georgie estava sendo tratada, mas ela raramente a visitava. Georgie não iria gostar. Ela teria dito: "Você tem o seu lado, eu tenho o meu. Agora, é assim que tem de ser".

Quando ela chegou ao quarto, tudo que Agatha pôde identificar foi um vulto escuro aureolado pelo sol matinal. Georgie parecia um buraco dentro do qual Agatha poderia cair.

Agatha sentia pesar por muitas coisas que perdera, mas, ultimamente, essa era a perda que ela mais sentia, a perda da amizade. Ela sentia falta de sua visão. Sentia falta de seu marido. Sentia falta da mãe e do pai. Mas aquelas garotas com quem ela crescera foram uma parte muito importante de sua vida. Se todas as suas velhas amigas lhe aparecessem agora, ela as protegeria até o último suspiro, o que, obviamente, significava muito pouco, e era tarde demais. Do jeito que sempre fora. Elas tinham partido, todas, exceto Georgie, que flutuava na vida apenas por um fio tênue e cintilante.

Ela caminhou até Georgie e sentou-se ao seu lado.

— Finalmente está acontecendo — sussurrou Agatha.

Georgie, a meiga e inocente Georgie, virou-se para ela e disse:

— Pêssego.

Agatha tateou até encontrar a mão de Georgie, depois a segurou:

— Sim — disse Agatha. — Ainda está lá.

Mas a questão era: por quanto tempo?



4

Listas de desejos

Colin estava sentado no canto da Au Naturel Artigos Esportivos e Café curtindo seu *cappuccino* e olhando pelo janelão da loja, vendo os carros passarem. Como a loja ficava na rua que conduzia à entrada da Floresta Nacional das Cataratas, havia muito tráfego. Aquele lado da cidade tinha um astral totalmente diferente, caótico e ligeiramente superficial. Fazia muito tempo que ele não ia até ali, mas nada tinha mudado muito, como o fato de que os moradores raramente iam à National Street, porque eles a consideravam um lugar para turistas. As longas fileiras de prédios de tijolinhos eram antigas, mas as lojas que eles abrigavam eram estilosas e novas, e a maioria pertencia à gente de fora que se mudara para a cidade.

Por mais que detestasse reconhecer, ele ainda estava ligado a esse lugar, mesmo que só pela lembrança. Ele vira muito do mundo através de seu trabalho. Paisagismo urbano não tinha a ver com homogeneizar as cidades, mas lançar mão das heranças dos lugares, e ele era um dos melhores arquitetos paisagistas no mercado. Aprender novas culturas, viajar a novos lugares, não ficar muito tempo num só lugar, isso era exatamente o que ele queria fazer. Mas depois ele voltava para casa, geralmente só quando era forçado por

sua mãe, por meio da culpa, ou, nesse caso, por um pedido de ajuda de sua irmã, que nunca fazia isso, e ele era tomado por uma estranha sensação, como se seus pés estivessem pesando. E ele não queria mais ser aquele Colin enraizado ali, podado segundo o padrão que todos esperavam que ele seguisse.

Ele ouviu a campainha acima da porta e se virou.

Willa Jackson tinha acabado de entrar. Ela estava de *jeans*, botas pretas de caubói e uma camisa preta, cruzada sobre os ombros nus. Seus cabelos castanho-claros eram ondulados de um jeito que não encaracolavam, mas tinham volume. Eram bem mais compridos no ensino médio, e ela sempre usava uma trança bagunçada. Na verdade, ele realmente não sabia se Willa sempre usara o cabelo assim, era apenas o jeito que ele se lembrava de tê-la visto pela última vez na escola.

Agora seus cabelos iam até pouco abaixo das orelhas e ela os dividia do lado, prendendo com uma fivela brilhante junto a uma das têmporas. Colin gostava, porque era impetuoso e combinava com a imagem do que ele achava que ela tinha se tornado. Ele não tinha percebido quanto se enganara. Certamente, Colin não poderia ter se iludido tanto. Porque se estivesse errado sobre Willa, sua inspiração, então talvez ele também estivesse errado sobre suas próprias decisões.

A garota que lhe fizera o *cappuccino* pediu licença na conversa com um cliente e caminhou até Willa. Ele pôde ouvi-la dizer:

— Tem uma pessoa esperando por você.

— Quem? — perguntou Willa.

— Não sei. Ele chegou há uma hora e perguntou por você. Eu disse que você estaria aqui em breve, e ele está sentado no café, esperando. *Cappuccino* com uma pedrinha de açúcar — disse ela num tom de voz mais baixo, recitando o pedido dele como se fosse informação confidencial, algum segredo que ela estivesse revelando sobre ele.

Willa se virou para ir até o café, mas parou quando o viu. Ela rapidamente deu meia-volta, o que o fez sorrir.

— O que foi? — perguntou a garota de cabelos escuros. — Quem é ele?

— Colin Osgood — disse Willa.

— Parente de Paxton?

— Irmão dela.

— Você também o detesta? — perguntou a garota.

— Pare com isso. Eu não os detesto — Willa murmurou, antes de se desvirar e caminhar na direção de Colin. Ela parou junto à sua mesa e deu um sorriso educado. — Estou vendo que você chegou vivo em casa.

— Sim. E quero me desculpar por ontem à noite. Faz muito tempo que não fico tão cansado — ele esfregou os olhos com uma das mãos. Sentia-se uma sombra do seu antigo eu, como se alguém pudesse esticar a mão em sua direção e pegar somente o ar. — Eu provavelmente poderia dormir por mais alguns dias.

— Então o que está fazendo aqui?

— Parada nos boxes para seguir adiante — ele ergueu o copo tampado de *cappuccino*, que por sinal estava muito bom.

— Já está indo embora? — A ideia pareceu melhorar o seu humor.

— Não. Ficarei por aproximadamente um mês. Estou a caminho de Asheville, para passar a tarde.

Ela começou a recuar.

— Então não vou atrasá-lo.

— Não está atrasando — ele gesticulou para a cadeira do outro lado da mesa e Willa ficou olhando para ele, seus lindos olhos acinzentados se estreitaram ligeiramente, antes que ela puxasse a cadeira para se sentar. — Então, você é dona desta loja?

— Sim — disse ela, lentamente, como se pudesse ser uma pegadinha. — Mencionei isso ontem à noite. E, sem dúvida, foi assim que você me encontrou.

Ele tirou os olhos dela por um momento e olhou em volta. Tinha contado outras duas lojas esportivas na National Street, mas Willa parecia ter encontrado um diferencial ao se especializar em roupas e

equipamentos ecológicos, com um café na loja, que deixava o local com perfume de grãos escuros torrados.

— Você deve fazer muitas trilhas e acampamentar bastante.

— Não. A última vez em que estive nas cataratas foi durante uma excursão, na terceira série. Peguei uma urticária venenosa.

— Então você deve adorar café.

— Não mais que o habitual — Willa assentiu na direção da balconista. — Esse é o território da minha amiga Rachel.

Ele ficou confuso.

— Então por que você é dona de uma loja de artigos esportivos e um café?

Ela sacudiu os ombros.

— Alguns anos atrás, conheci uma pessoa que queria vender este lugar e eu precisava de alguma coisa para fazer.

— E foi isso que escolheu.

— Sim.

Ele se inclinou e apoiou os cotovelos na mesa. Por que será que isso o incomodou tanto? Quando a reconheceu no dia anterior, em Jackson Hill, sentada em cima do jipe, ele sentiu uma verdadeira onda de felicidade, como se visse um mentor. Era Willa Jackson, autora de trotes tão épicos que, nas raras ocasiões em que ele se encontrava com os antigos colegas de turma, isso ainda era uma das primeiras coisas de que eles falavam. O esmero, o cuidado e o tempo investidos em alguns deles era algo incrível, como o último, em que ela acionou o alarme de incêndio e, quando todos os alunos estavam lá fora, um cartaz gigante foi desenrolado do telhado da escola, dizendo WILLA JACKSON É A PIADISTA DA ESCOLA WALLS OF WATER.

— Eu fiquei olhando, naquele dia em que a polícia a levou da escola, e você não pareceu constrangida. Você parecia aliviada. Como se finalmente pudesse parar de fingir. Achei que você fosse embora daqui sem sequer olhar para trás.

Ela lhe lançou um olhar aflito. Ele não podia condená-la. Ele devia calar a boca. Nada disso era de sua conta.

Não, havia mais uma coisa que Colin precisava dizer.

— Você é o motivo de eu ter decidido seguir meu próprio caminho, em vez de voltar para cá e fazer o que todos queriam que eu fizesse — disse ele, o que fez Willa erguer as sobrancelhas. — Ninguém achava que você pudesse causar todo aquele caos, e você mostrou a eles que não deviam subestimá-la. Se você pôde ser tão corajosa, achava que eu também poderia ser. Eu lhe devo isso. Devo isso à piadista.

Ela sacudiu a cabeça.

— Aquela coragem, como você diz, resultou num delito de segunda categoria, quando acionei o alarme de incêndio. Eu fui formalmente acusada, quase expulsa, e não tive permissão para ir à formatura. E meu pai foi despedido por minha causa, porque eu peguei suas chaves e suas senhas de computador para passar meus trotes. Não exalte isso, Colin. Fico contente que você tenha encontrado seu caminho e estou feliz por isso ter algo a ver comigo. Mas eu também encontrei o meu caminho, mesmo não sendo o que você esperava.

Willa achava que seu pai tinha sido despedido? Colin sabia que ele, na verdade, pedira demissão. Colin estava lá quando isso aconteceu. Por que será que o pai dela não lhe contou?

Willa aproveitou o silêncio de Colin e se levantou.

— Eu preciso trabalhar — disse ela. — Obrigada por devolver o convite ontem à noite.

— Você não vai mesmo? — ele perguntou, enquanto também se levantava.

— Não. E antes que você volte a perguntar, eu não estou planejando nenhum grande trote.

— Que pena. Aquele grupo bem que merecia uma sacudida.

Willa evitou os olhos de Colin e passou direto.

— Não sou a garota para fazer isso.

Ele a observou se afastando. Ela tinha um aroma de algo fresco e doce, como limões.

— Quer sair uma hora dessas? — Colin disse atrás dela porque, de alguma forma, sabia que se arrependeria se não o fizesse.

Willa parou bruscamente. A balconista ergueu os olhos do balcão de café e sorriu. Willa se virou e caminhou de volta até Colin.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ela, baixinho.

— Eu perguntei se você queria, não se era uma boa ideia.

— Acha que são coisas diferentes?

— Com você, Willa, acho que *decididamente* são duas coisas diferentes — disse Colin, dando um gole no *cappuccino* sem tirar os olhos dela.

— Você só vai ficar aqui um mês. Acho que é arbitrário, sem mencionar completamente ridículo, pensar que você pode me fazer ver meus erros nesse curto período de tempo. — Ela tinha boa intuição. Sabia exatamente o que ele estava tentando fazer.

— Isso é um desafio?

— *Não.*

Colin caminhou até a porta, sorrindo.

— Eu a vejo por aí, Willa.

— Não se eu o vir primeiro, Colin.

Ah, sim, isso decididamente era um desafio.

Ora, ora. A antiga Willa ainda estava ali dentro no fim das contas.

— Onde você esteve ontem à noite? A mamãe teve um chilique — disse Paxton quando Colin chegou em casa naquela noite. Ela acabara de chegar do trabalho, no centro de apoio social, onde tinha um escritório e supervisionava as ações beneficentes da família Osgood. Eles por acaso se encontraram na entrada da garagem, uma sincronia que sempre tiveram, um vínculo de gêmeos de que ele às vezes sentia falta.

— Lamento — disse Colin, passando o braço ao redor de Paxton enquanto eles entravam. — Não tive a intenção de deixar ninguém preocupado. Peguei no sono no sofá de uma pessoa.

— De uma pessoa? Que vago — disse Paxton enquanto eles seguiam até a cozinha. A empregada, Nola, estava preparando o jantar. Nola fazia parte da Cabana da Nogueira havia anos. Várias gerações de sua família tinham trabalhado ali. Ela era persistente com relação a boas maneiras e respeito, e Paxton e Colin sempre lhe deram isso. Em retribuição, ela lhes dava petiscos secretos. Colin parou para pegar alguma coisa na geladeira. Nola estalou a língua e lhe deu um dos pãezinhos que acabara de fazer, depois enxotou ambos.

Colin seguiu Paxton ao pátio, onde ela parou e se virou para o irmão.

— Pode ir falando. No sofá de quem você dormiu?

Ele deu uma mordida no pãozinho e sorriu para ela, o que costumava resultar num sorriso de retribuição. Não dessa vez.

Ontem, no *hall*, fora a primeira vez em quase um ano que ele pusera os olhos na irmã, desde que ela tinha voado até Nova York para passar uma semana com ele e comemorar o aniversário de trinta anos dos dois. Paxton parecia muito empolgada com a possibilidade de finalmente se mudar da Cabana da Nogueira, mas esses planos falharam, algo que tinha o dedo de Sophia, e a diferença entre quando ele a vira pela última vez e agora era estarrecedora. A infelicidade irradiava de Paxton como calor. Ela era linda e sempre se cuidou, mas estava há tempo demais naquela casa, com os pais deles, assumindo absolutamente tudo o que significava ser um Osgood. E isso, em parte, era culpa dele. Colin a deixara sozinha para lidar com isso. Ele sabia o que era esperado dele, assim como Paxton. Mas ela abraçara aquilo. Colin quis estabelecer algo que fosse só dele, provar que ele realmente poderia existir fora de Walls of Water. Para Paxton, *nada* existia além de Walls of Water.

— Ora, vamos — disse Paxton. — Conte, por favor.

Ele finalmente sacudiu os ombros e disse.

— Foi no sofá de Willa Jackson.

Paxton pareceu surpresa.

— Eu não fazia ideia de que você era amigo de Willa.

— Não sou — disse ele, terminando o pãozinho com mais duas mordidas. — Quando saí, ontem, vi que ela deixou cair uma coisa, mas não consegui alcançá-la, então passei por lá para devolver. Eu não tinha ideia do quanto estava cansado. Acho que a deixei constrangida.

Isso fez Paxton rir. Ela não fazia isso com muita frequência.

— Então, conte sobre Willa — disse ele, cruzando os braços e recostando-se na balaustrada de concreto.

Paxton arrumou a bolsa grande, eternamente em seu ombro.

— O que quer saber?

— Ela parece ter uma vida bem reservada.

— Sim — Paxton inclinou a cabeça. — Por que você está tão surpreso? A família dela sempre foi reservada.

— Mas Willa era a Piadista da Escola — disse ele.

— É?

Paxton não entendeu o comentário do irmão. Nem ele, exatamente.

— Só achei que ela fosse mais... extrovertida.

— Ela cresceu, Colin. Todos nós crescemos.

Ele coçou a lateral do rosto.

— Por que ela não quer ir ao baile de gala? A avó dela ajudou a fundar o Clube Social Feminino.

— Eu não sei. Quando mandei o convite, escrevi um bilhete pessoal sobre querer homenagear a avó dela. Mas ela me ignorou.

— Ela não quis participar da restauração?

Paxton pareceu confusa com a pergunta.

— Eu não a convidei.

— Você não perguntou se ela tinha fotos ou jornais antigos? Se Willa não queria ver o que estava acontecendo ali dentro enquanto a casa era restaurada? Nada?

— Tinha fotos suficientes. Colin, honestamente, essa restauração exigiu lidar com construtores e *designers* e percorrer leilões de arte

e vendas estaduais em busca de peças de época. Isso não tem nada a ver com Willa. Com o que ela poderia ter contribuído?

Ele deu de ombros, olhando além do pátio, vendo a piscina, a casa da piscina, a paisagem da montanha, e além. A cadeia montanhosa parecia crianças brincando embaixo de um imenso cobertor verde. Ele tinha de admitir que não havia lugar no mundo como aquele. Parte de seu coração ainda estava ali em algum lugar. Ele só gostaria de saber onde, para que pudesse pegá-lo de volta.

— Acho que simplesmente teria sido algo legal a fazer.

— Fiz o melhor que pude — ela estrilou. — E onde estava você enquanto tudo isso estava acontecendo? Você coordenou todo o paisagismo por telefone e *e-mail*. Nem *isso* você fez pessoalmente.

— Eu não sabia que você me queria aqui o tempo todo — ele parou, franzindo o rosto diante da reação da irmã. — Ninguém pediu que você assumisse esse projeto sozinha, Paxton — Colin ficou surpreso pelo telefonema de Paxton, no ano anterior, pedindo que ele fizesse o paisagismo, e ele não pôde dizer não. Paxton queria uma árvore grande na propriedade e, depois de contatar várias pessoas, Colin descobriu uma que estava ameaçada por uma incorporadora. Mas transplantar uma árvore tão pesada e antiga era algo que tinha de ser cuidadosamente articulado. Tudo tinha de ser planejado nos mínimos detalhes. Durante todo o ano ele estivera em contato semanal com os botânicos que eles haviam contratado. E Colin tinha tirado um mês para supervisionar tudo, até a grande inauguração da Madam, o que ele considerava um grande sacrifício, pois não passava tanto tempo em casa havia mais de uma década.

Paxton jogou as mãos para o ar.

— A Blue Ridge Madam é a primeira coisa avistada quando se chega de carro à cidade. Era uma coisa horrível. Ou demolíamos, ou restaurávamos. Aquela casa faz parte da história de nossa cidade. Eu fiz algo bom, embora não tenha pedido a Willa Jackson para ajudar.

— Calma, Pax. O que há de errado?

Ela fechou os olhos e suspirou.

— Não há nada de errado. Eu simplesmente nunca pareço fazer o bastante.

— Bastante para quem? Nossa mãe e nosso pai? Você tem de superar isso. Você nunca será feliz até viver sua própria vida.

— A família é importante, Colin. Mas não é algo que eu espere que você entenda — ela se virou para sair. — Pode me dar uma cobertura no jantar? Diga à mamãe e ao papai que eu tive de terminar um trabalho no centro de apoio social.

— Por quê?

Ela se virou para o irmão e disse:

— Você não pode fazer isso por mim? Até parece que estive por aqui para me ajudar nos últimos dez anos.

Ela estava certa.

— É para lá mesmo que você está indo? — ele perguntou enquanto a irmã dava um passo atrás e entrava na cozinha.

— Não.

Paxton foi de carro até a frente da casa de Sebastian e parou. O carro dele não estava lá. Então ela se lembrou de que Sebastian ficava até mais tarde no consultório às quintas, motivo pelo qual ele tivera tempo para acompanhá-la na visita à sua avó naquela manhã. Agora ela precisava vê-lo duas vezes para conseguir enfrentar o dia? Paxton ficou imaginando como sobreviveu antes que ele voltasse à cidade. Basicamente, ela guardava o estresse dentro de si mesma, sufocando-o com alcaçuz e tentando aliviá-lo através de suas intermináveis listas particulares.

Paxton desceu os vidros do carro e desligou o motor. Sentia-se melhor só de ficar ali sentada, olhando a Cabana da Árvore Frondosa. Ela esticou o braço até sua bolsa e pegou um caderninho entre as dúzias que carregava. Às vezes, Paxton usava o que tivesse à mão, um guardanapo de papel ou um envelope. Tudo ia parar em sua bolsa. A maioria de suas listas era sobre controle, sobre fracionar sua vida em partes administráveis. Mas algumas listas

eram simplesmente desejos. Não há nada mais satisfatório do que colocar no papel o que você mais quer. Isso dá substância a algo que antes era tão abstrato quanto o ar. Isso é um passo a mais para o seu desejo se tornar real.

Paxton folheou o caderno até uma página em branco e começou uma lista sobre Sebastian. Tinha muitas listas sobre ele. “As coisas prediletas de Sebastian.” “Se Sebastian e eu tirássemos férias juntos, para onde iríamos?”

Naquele dia, ela começou:

motivos por que sebastian me faz sentir melhor

- Ele não liga por eu ser tão alta quanto ele.
- Ele não liga por eu estar acima do peso.
- Ele segura minha mão e não me subestima por isso.
- Ele tem um cheiro fantástico.
- Ele é todo limpinho e tem modos perfeitos.

— Você faz isso com frequência quando não estou aqui? Fica aqui fora sentada trabalhando em suas listas?

Paxton tomou um susto e se virou para ver Sebastian com as mãos em cima do capô de seu carro, olhando para baixo, para dentro da janela. O sol realçava a brancura de sua pele sem poros e deixava cristalinos seus olhos azuis. Ela não ouvira quando Sebastian se aproximou, mas agora via que ele tinha estacionado atrás de seu carro, na entrada da garagem.

Ela sorriu e rapidamente guardou o caderno.

— Não, eu só estava esperando você.

Sebastian abriu a porta do carro e ajudou Paxton a descer.

— Está quente demais para ficar sentada no carro. Seu cabelo está molhado — ele colocou a mão fresca na base do pescoço de Paxton, o que a fez estremecer. Foi uma reação primitiva, vinda de dentro dela, uma fonte de anseios profundos e sonhos fáceis. Ela não conseguia saciar essa fonte, não podia contê-la, por mais que tentasse. Mas, em nome da amizade que tinham, Paxton fazia tudo para não demonstrar.

Ela sorriu.

— Você nunca transpira. É realmente humano?

— Eu gosto demais de ar-condicionado para passar muito tempo sem ele. Vamos. — Eles caminharam até a porta, Sebastian destrancou e gesticulou para que Paxton entrasse primeiro. Ele colocou as chaves na mesinha junto à entrada. Ela viu o próprio reflexo no espelho dourado em forma de estrela e logo soltou a bolsa, usando as duas mãos para ajeitar os cabelos para trás, prendendo todas as mechas soltas no coque que fizera pela manhã.

— Você já jantou? — perguntou ele.

Paxton baixou as mãos.

— Não.

— Então me acompanhe. Vou preparar um salmão grelhado. Ainda bem que vim para casa primeiro.

— Primeiro?

— Às vezes vou àquele restaurante na estrada.

— O Happy Daze? — perguntou Paxton, incrédula. O lugar não combinava em nada com ele. Houve uma época em que era um restaurante de família, mas agora era um pé-sujo engordurado, que continuava aberto por conta do pessoal idoso que lembrava seus tempos áureos e continuava a frequentar o local.

Ele sorriu diante da reação de Paxton.

— acredite ou não, eu tenho boas lembranças do lugar. Minha tia-avó costumava me levar lá quando eu era garoto — Sebastian desatou o nó da gravata. — Então, como foi seu dia?

— A mesma coisa de sempre. Até que cheguei em casa à noite — Paxton hesitou. — Acho que meu irmão está interessado em Willa Jackson.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— E você não aprova? — A gravata fez um chiado no momento em que ele a puxou. Talvez fosse pelo fato de já estar nervosa, mas Paxton achou o som sedutor. Fez sua pele pinicar.

— Não, não é isso. Eu a adoraria eternamente se ela o fizesse ficar.

— Então qual é o problema? — perguntou ele.

Ela hesitou, ainda contrariada.

— Parece que Colin acha que eu deveria tê-la convidado para participar da restauração da Blue Ridge Madam.

— E por que você não a convidou?

— Isso não me ocorreu — disse ela. — Você acha que eu deveria ter convidado?

Ele sacudiu os ombros.

— Teria sido uma coisa legal a fazer.

— Foi isso que o Colin disse. Não tive a intenção de despezá-la.

— Eu sei que não. Você gosta de estar no controle. Nunca lhe ocorre pedir ajuda — Sebastian sorriu e colocou a mão no rosto dela. — Mas para algumas coisas vale a pena pedir, querida.

— Para você é fácil falar — disse ela, infeliz.

— Não, na verdade não é — ele respondeu. — Eu vou me trocar. Você não foi lá em cima desde que eu redcorei meu quarto, foi?

— Não.

— Então venha.

Ela sabia onde ficavam todos os cômodos — o quarto de hóspedes, o cômodo com o equipamento caro de exercícios, o vazio, que ele dizia ter planos remotos de transformar num escritório, e sua suíte *master*. Ele mencionou ter mandado pintar seu quarto no mês anterior, mas ela não estava preparada para a megarreforma que ele tinha feito. As paredes cinzentas tinham um verniz metálico e agora todos os móveis eram de laca preta. Logo que se mudou para aquela casa, ele passou a maior parte do tempo redecorando o andar de baixo, livrando-se da decoração medieval deixada pelo proprietário anterior. Ela adorou observar a transformação, ver como o lugar ficou mais parecido com Sebastian. Porém, a nova decoração do quarto não tinha nada a ver com o que ela esperava. Escuro, temperamental, severo, masculino.

Paxton ia sair para que Sebastian pudesse mudar de roupa, mas ele lhe disse para ficar e sumiu no *closet*.

— Por que você escolheu uma casa tão grande, se vive sozinho?
— ela gritou enquanto andava pelo quarto. A cama era *king size*. Havia espaço para mais uma pessoa; ele só não parecia ter interesse em convidar ninguém, embora houvesse interesse de sobra, tanto de homens quanto de mulheres.

— Toda vida precisa de um pouquinho de espaço. Isso deixa lugar para que coisas boas entrem.

— Nossa, Sebastian. Que profundo.

Ela o ouviu rir.

Paxton passou pela cama, correndo os dedos pela colcha preta de seda. Parou para olhar uma pintura acima da cômoda. Ela nunca tinha visto. Estava rachada e era escura, obviamente antiga. Parecia com algo que deveria estar num museu de arte folclórica. Trazia a imagem de um pote vermelho cheio de frutas vermelhas maduras. Um pássaro preto e amarelo estava empoleirado na borda do pote, olhando zangado, como se desafiasse alguém a tirar-lhe um frutinho. A ponta de seu bico estava vermelha do suco da fruta, ou talvez fosse sangue. Era ligeiramente perturbador.

— Isso pertenceu à minha tia-avó — disse Sebastian. Ela pôde sentir o peito dele roçar na parte posterior de seu braço quando Sebastian parou atrás dela. — Ela adorava esse quadro. Ficava pendurado em sua sala de estar, ao lado de seu fogão a lenha. Aliás, é tudo que tenho de herança de família. Ficou guardado durante anos.

— Por que você só expôs agora? — perguntou ela, ainda olhando a pintura.

— Eu não tinha certeza se ficaria.

— Nessa casa?

— Não, em Walls of Water. Eu não sabia se as coisas dariam certo — ele parou. — Mas deram.

Ela estremeceu, como se tivesse acabado de escapar de uma colisão. Paxton não sabia que quase o perdera. O que havia de tão errado com esse lugar para que todos quisessem partir? O que havia

de tão errado com o lar, a história e a família, mesmo que tudo isso lhe desse nos nervos? Ela ainda estava de costas para ele, e disse:

— Você já mencionou sua tia-avó duas vezes esta noite. Acho que nunca tinha falado dela.

— Era a única pessoa da minha família que eu sei que me amava sem reservas. Mas ela faleceu quando eu tinha dez anos.

Sebastian não falava muito da família, mas pelo pouco que ele lhe contara, Paxton sabia que seu pai era verbalmente agressivo e que Sebastian tinha um irmão bem mais velho, que morava na Virgínia do Oeste. Eles tinham morado num parque de *trailers*, perto da divisa do município. Ela imaginava ter respondido à própria pergunta. Talvez simplesmente houvesse coisas das quais você precisasse se afastar. Paxton podia entender os motivos de Sebastian. Mas não entendia os de seu irmão. Para mudar de assunto, ela sorriu, se virou e disse:

— Jantar?

Ela não tinha percebido quão perto ele estava.

— A menos que haja outra coisa que você queira fazer aqui em cima — disse Sebastian.

Ela não tocara no assunto. Não podia.

— Você está querendo dizer que devo usar sua sala de exercícios?

— Paxton brincou.

Ele baixou os olhos e desviou o olhar.

— Jamais, querida. Eu a amo do jeito que você é.



5

Desenterrado

Era difícil acreditar num dia como aquele, quando Willa e Rachel ficavam tão ocupadas que o almoço delas seria só *donuts* de *cappuccino* e um café gelado, mas o movimento da National Street tinha caído vertiginosamente depois do Dia de Ação de Graças. Durante o inverno cinzento, elas chegavam a passar dias, às vezes toda uma semana, sem um único cliente. Dava uma ligeira melhorada em fevereiro, mês mais frio do ano, quando as pessoas de fora gostavam de fazer trilhas pelo parque nacional para ver as famosas cataratas congeladas, parecendo véus de noivas, em contraste com as montanhas. Mas, principalmente, de dezembro a abril, aqueles que ganhavam a vida com os turistas simplesmente sofriam sonhando com meses mais quentes, com um céu azulado repleto de alcedinídeos, com folhas tão verdes que pareciam recém-pintadas, como se a cor pudesse borrar se você as tocasse.

Era nesses meses parados que muitos moradores vindos de outros lugares se inquietavam e decidiam partir. Willa tinha visto isso acontecer repetidamente. Rachel tinha durado ali mais de um ano, mas Willa podia ver quão difíceis eram os meses frios para alguém tão ativo quanto ela. Willa estava apavorada com o inverno que

chegava. Ela temia perder Rachel. E Rachel, seu café e seu chocolate eram as únicas coisas que tornavam a vida suportável ali, que realmente a deixavam animada agora que a restauração da Madam estava quase concluída e ela não tinha desculpa para ir de carro até Jackson Hill diariamente, para ver como estavam as obras.

— Willa, olhe — disse Rachel por volta de quatro da tarde, quando elas finalmente tiveram um momento de calma na loja. Willa se virou e viu que Rachel tinha parado de reabastecer a vitrine de petiscos do balcão do café e estava olhando pela janela. — Alto e moreno vindo para cá.

Willa ergueu os olhos e viu Colin Osgood passando pela vitrine da loja, seguindo até a porta.

— Ai, droga. Diga a ele que não estou aqui — disse ela, dirigindo-se para a sala de estoque atrás do balcão.

— O que há com você? — gritou Rachel.

Willa desapareceu, fechando a porta atrás de si, bem na hora em que ouviu a campainha tocar.

O que havia de errado com ela? Essa era uma boa pergunta. Mas era difícil explicar, principalmente para alguém como Rachel. Os invernos eram duros para Willa também, talvez até mais, porque ela sabia que não podia ir embora. Essa era a grande diferença entre Willa e Rachel, entre Willa e todos os moradores vindos de fora. Sua avó estava ali. A casa de seu pai era ali. Sua história estava ali. Às vezes, ela se debruçava no balcão da frente com o queixo apoiado na mão e ficava olhando a neve, desejando algo diferente, algo diferente de sua vida, e isso lhe dava um nó no estômago, do jeito que se sentia na escola quando as semanas se passavam depois que ela prometia a si mesma que não voltaria a fazer tolices. A sensação ia piorando cada vez mais até que ela se via pendurando uma corda feita de *colants* no janelão da torre da sala de dança, às duas da manhã, para que todos que chegassem à escola pensassem que as dançarinas tivessem ficado presas ali e sido obrigadas a amarrar as roupas e sair nuas.

Por isso ela queria ficar distante, longe de Colin Osgood. Ninguém, ninguém lhe dissera que ela era uma inspiração. Ninguém jamais lhe dissera admirá-la pelo que ela tinha feito. Isso ia de encontro a tudo que lhe haviam dito, tudo que qualquer um que sofreu ao longo do ensino médio queria acreditar, que se você simplesmente se esforçasse o bastante poderia se afastar de seu antigo eu. Contudo, não pela primeira vez, ela se viu imaginando: e se quem ela era antes fosse seu *verdadeiro* eu?

Ela ouvia vozes no lado de fora. O timbre baixo da voz de Colin, o riso de Rachel.

Então, subitamente, a maçaneta da sala de estoque estava girando. Ela estava de costas para a porta, então instintivamente a empurrou para trás. Mas Colin tinha a vantagem de ser mais forte e da cinética, portanto foi uma batalha perdida. Ela desistiu e saiu do caminho, deixando que a porta fosse escancarada.

Colin esticou o braço e pegou a porta antes que ela batesse na parede, depois olhou para Willa estranhamente. Havia sido um dia longo, e ela tinha a sensação de que seu cabelo estava com dois palmos de volume. Em determinado momento, ela tinha pegado um lenço do estoque e usara para tirar os cabelos do rosto. Completando o adorável traje do dia, vinham os *jeans*, os tênis de plataforma e uma camiseta que dizia: *Vá, Au Naturel! Au Naturel! Produtos Esportivos e Café, Walls of Water, Carolina do Norte*. Claro que estava manchada de café.

— Por que você estava encostada na porta? — perguntou ele.

— Eu disse que você não me veria se eu o visse primeiro.

— Não achei que isso significasse que você literalmente se esconderia de mim.

— Não estou em um dos meus melhores momentos — ela admitiu.

Ele estava de calças cáqui e mocassins. Seus óculos de aviador estavam pendurados na gola da camiseta azul-clara. Ele parecia tão bem-composto e controlado. Aparentemente, esse era um poder de

todos os Osgood, a habilidade que tinham de fazê-la se sentir ligeiramente fora de controle.

— O que você quer, Colin?

— Quero que você venha até a Madam comigo — disse ele. — Há algo que eu quero lhe mostrar.

Certo, isso chamou a sua atenção, mas Colin também devia ter imaginado que chamaria.

— Não posso, estou trabalhando — disse ela. Para provar, Willa pegou uma caixa de copos de papel e se espremeu, passando por ele e pela porta.

— Não vai demorar — disse ele, seguindo-a ao outro lado da loja, até o balcão do café. — Nós encontramos algo na propriedade hoje, e talvez você possa nos ajudar a descobrir a quem pertencia.

— Eu duvido. Não conheço nada daquela casa — disse ela. E era verdade, infelizmente. Sua avó nunca falava de sua vida ali. Willa entregou os copos a Rachel, que estava fazendo uma expressão juvenil de quem diz: “Você está falando com um rapaz”. Ela se virou e achou Colin mais perto do que esperava. — O que você encontrou?

Ele se inclinou para a frente, alto e à vontade, e sorriu para ela.

— Venha comigo e você vai descobrir — disse ele, sedutor. Colin estava com um cheiro intrigante, diferente do sândalo e do *patchouli* aos quais ela estava acostumada; o cenário da National Street era notoriamente boêmio. O aroma de Colin era agudo e fresco, tão desconhecido quanto estranhamente familiar. Verde, caro.

Ela deu um passo atrás.

— Não posso.

— Você está me dizendo que não está nem um pouco curiosa?

— Ah, ela está curiosa — disse Rachel.

Willa desviou os olhos para ela.

— Então, venha comigo — disse Colin. — Não vai demorar.

Era demais para resistir. Ela vinha querendo ver a casa há mais de um ano, e agora tinha a desculpa perfeita, uma desculpa que não envolvia vestidos de noite, conversa fiada ou Paxton Osgood. No

entanto, envolvia Colin Osgood, seus motivos confusos e decididamente uma tensão sexual. Mas ele estaria partindo em um mês, portanto não era como se ela tivesse de se esconder dele para sempre.

— Rachel, segure as pontas — disse Willa. — Volto já.

— Vá tranquila — disse Rachel, com um sorriso malicioso. — Estou formulando algumas teorias sobre *cappuccino* com uma pedra de açúcar.

Sim, Willa apostava que sim.

— Ela se lembrou do meu pedido — disse Colin enquanto saía na frente de Willa para abrir a porta para ela.

— Ela faz isso. Vou segui-lo em meu jipe — disse ela ao se virar para onde tinha estacionado, mais adiante, na calçada.

Ele a pegou pelo cotovelo.

— Tudo bem, vamos juntos no meu carro — ele apontou para o Mercedes preto na frente deles. Apertou o chaveiro, os faróis piscaram e as portas se destravaram. Ela reconheceu o carro. Era difícil deixar de notar. Pertencera ao pai dele.

Ele desceu do meio-fio e abriu a porta do carro para Willa. Ela suspirou, concluindo que discutir só tomaria mais tempo, e entrou. Quase foi engolida pelos imensos bancos de couro. Depois que Colin sentou-se atrás do enorme volante — havia algo excessivamente compensador no carro — , ele colocou os óculos de aviador e engatou a ré. Manobrou o carro suavemente, entrando no tráfego da National Street, com uma das mãos no volante e a outra no joelho.

Depois de alguns minutos de silêncio, ela se virou para ele e disse:

— Por que você vai ficar aqui um mês?

O canto de seus lábios se ergueu diante da insinuação de Willa, pelo que pareceu uma eternidade.

— Eu tirei uma licença para ajudar a Paxton, na Madam. E para ir ao baile de gala.

— Onde você mora agora?

— Nova York. Mas viajo muito.

Nesse momento, eles viraram a esquina para subir o caminho íngreme rumo à Madam, e ela parou de tentar puxar conversa. Willa nunca tinha passado daquele ponto. Desviou a atenção de Colin e ficou observando a casa enquanto se aproximava. Uma alegria pareceu entranhar em sua pele, todo o seu ser parecia estar se abrindo num sorriso. *Isso será algo importante*, pensou ela. *Nada de fantasmas. Isso vai ser como voltar para casa.*

Quando Colin parou o carro, diante da casa, ela mal podia esperar para descer. Mas estava faltando alguma coisa. Willa não conseguia identificar o quê. O vento passou por ela numa forte rajada, soando como vozes em seus ouvidos. Ela se virou na direção do vento e seus sussurros. Na margem do platô, havia uma escavadeira trabalhando e, em volta, alguns homens de capacete.

— A árvore sumiu — disse ela, percebendo o que estava faltando. Colin caminhou até Willa.

— O pessegueiro, sim.

— Era um pessegueiro? — a descoberta a surpreendeu. — Eu não sabia que pessegueiros cresciam nesse tipo de terreno.

— Conseguem crescer, só não dão frutos. As primaveras são muito frias aqui. Matam os botões — ele se recostou no carro, ao lado dela.

— Então, por que plantar um pessegueiro aqui?

Ele deu de ombros.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Paxton disse que a árvore não estava em nenhuma das fotos antigas do local, então só pode ter crescido depois que a sua família se mudou. Como não era histórica e não dava frutos, Paxton decidiu que podia ser removida.

— Como soube que era um pessegueiro se nunca deu frutos? Acho que ninguém sabia que era um pessegueiro.

— Sou arquiteto paisagista — disse ele.

Tudo começava a fazer sentido.

— Ah. Você está fazendo o paisagismo. Por isso está aqui.

— Sim. Eu fiz o projeto, depois contratei os trabalhadores antes da minha chegada. Minha maior contribuição foi encontrar um

carvalho vivo para plantar na propriedade. Encontrei um de cento e cinquenta anos no condado de Buncombe. Estava sendo ameaçado por uma incorporadora e o empreiteiro não queria se envolver com os ambientalistas, então concordou em dividir o custo conosco para podermos transplantar a árvore para cá. Já faz quase um ano que estamos cuidando dos preparativos, deixando a árvore pronta. A estrada terá de ser fechada na terça-feira, só para trazê-la para cá — ele se virou para Willa e sorriu. — Você deveria vir assistir.

— Assistir você plantando uma árvore? Nossa, você sabe mesmo entreter uma garota.

Isso o fez sorrir.

— É muito mais que isso. Acredite. Como você pode ser dona de uma loja de artigos esportivos e não gostar da natureza?

Antes que ela pudesse responder, um dos homens que estava no local da escavação gritou:

— Ei, Homem-Vareta!

Colin virou a cabeça, mas não se mexeu de sua posição confortável, recostado no carro. Ela, porém, sentiu uma onda de tensão passar por Colin e percebeu que o fato de ele ter encarado o homem que gritou era uma atitude deliberada, para deixar claro que ele não iria gritar de volta.

O homem suspirou e caminhou do local da escavação até o carro. Ao chegar mais perto, Willa reconheceu Dave Jeffries. Todos eles tinham estudado juntos no ensino médio. Ele fora do time de futebol e ainda tinha o peito largo, embora estivesse menos musculoso agora.

— O que está rolando, Dave? — perguntou Colin assim que Dave parou à sua frente.

— Logo depois que você saiu, nós desencavamos outra coisa — ele segurava uma frigideira de ferro, ainda coberta de terra.

Colin pegou-a de sua mão e inspecionou.

— Uma frigideira?

— A-hã.

— Isso está ficando mais interessante.

Dave sorriu ao ver Willa.

— Willa Jackson — disse ele, empurrando o capacete para trás. — Eu quase nunca a vejo. Lembra aquela vez em que você programou a campainha do recreio para tocar a cada cinco minutos? Aquilo foi demais. A gente ficava saindo no corredor a cada cinco minutos, e os professores ficavam tentando nos pôr de volta nas salas de aula — ele deu uma olhada nela, depois balançou o dedo entre Willa e Colin. — Você e o Homem-Vareta não estão juntos, né? Porque você podia dar uma chance ao velho Dave, se estiver solitária.

— Oferta tentadora, Dave — disse Willa. — Mas, não, obrigada.

Dave riu e deu um soco no braço de Colin com uma força que pareceu excessiva. Mas o que ela sabia? Talvez fosse coisa de homem.

— Boa sorte — ele disse a Colin.

Assim que Dave se afastou, Willa se virou para Colin e disse:

— Homem-Vareta?

— Era assim que eles me chamavam no ensino médio. Graças ao Dave.

— Porque você era muito alto?

— Isso é o que todo mundo achava.

Ela aguardou um pouco, depois disse:

— Você não vai me contar?

Ele suspirou.

— Dave me chamava de Homem-Vareta porque ele dizia que eu era todo empinado, parecia ter uma vareta espetada na bunda.

Willa ficou tão surpresa que riu sem ter a intenção de fazê-lo. Ela pôs a mão na boca e disse:

— Desculpe.

— Bem, para ser honesto, era verdade. Eu era meio austero. Era como agiam os homens que eu conhecia, então achei que também devia agir daquela forma. Caras como Dave adoravam debochar de caras como eu, que pareciam não saber o que era diversão. Eu nem posso lhe dizer como foi bom no último ano, quando todos achavam

que eu era o Piadista. Eles me olhavam e pensavam: *Nossa, eu não sabia que ele tinha esse lado.*

— Eu me lembro dessa sensação — disse ela. Antes que eles pudessem entrar em outra discussão sobre valentia, ou a falta dela, Willa perguntou: — Então, o que você queria me mostrar aqui?

Ele tirou os óculos de sol e pendurou-os na gola da camisa, depois gesticulou para que Willa o seguisse, subindo os degraus do pórtico da frente. O local era imenso, bem maior do que ela imaginara a distância. Aquilo a arrebatou. Ela tinha passado tanto tempo observando esse lugar de longe que parecia ligeiramente surreal estar realmente subindo os degraus, tocando as colunas.

— Hoje, enquanto escavávamos o caule do pessegueiro, nós encontramos um tesouro enterrado. Uma maleta e um chapéu Fedora. E, aparentemente, uma frigideira — ele acrescentou, dando uma girada no objeto enferrujado que tinha na mão. — Quando eles me mostraram o chapéu, senti um arrepio, porque todos os garotos que invadiram a Madam ao longo dos últimos quarenta anos afirmaram ter visto um chapéu Fedora flutuando pela casa. Minha avó costumava nos assustar contando histórias sobre o fantasma que morava aqui.

— Você o viu alguma vez? — perguntou ela.

— Fiquei de olhos fechados na única vez que invadi com meus amigos — disse Colin. — E eu vou negar isso se você contar a outra pessoa.

Ela lhe lançou um olhar de interrogação. Para quem ela contaria?

— E você? — perguntou ele. — Você já o viu?

— Eu nunca invadi — disse ela.

— Está brincando? Depois de tantas proezas, você nunca entrou na Madam?

— Nunca estive assim tão perto — ela chegou a esticar a mão e tocar a lateral da casa, como se para ter certeza de que era real.

— Por que não?

Ela baixou a mão, receando parecer tola.

— Pelo mesmo motivo que todo mundo entrou. Fantasmas. Minha avó também me contava essas histórias.

— *Você* tem medo de fantasmas? — perguntou ele.

— Apenas acho que as coisas que são postas em descanso devem permanecer assim — disse Willa, percebendo que soava muito como a avó. Ela passou por cima da maleta que estava na beirada do pórtico. Era de um gasto couro preto e estava coberta de terra, mas ainda permanecia surpreendentemente intacta. O conteúdo da maleta tinha sido removido e estava caprichosamente perfilado junto ao chapéu Fedora.

Ela se agachou e olhou tudo, embora não tivesse certeza do motivo. Não que ela fosse reconhecer alguma coisa da época em que sua avó tinha morado ali. No que dizia respeito a Georgie, a vida da avó tinha começado depois que ela deixara aquele lugar.

Os itens da maleta eram peças de roupas masculinas de época, de algodão e linho. Mas também havia um jornal desintegrando e um álbum de recortes. Ela cuidadosamente ergueu as páginas do álbum e foi olhando. Estava abarrotado de recortes, as páginas amareladas e frágeis, com resíduos de cola. Quem quer que tivesse sido o dono gostava de acompanhar o que os astros de cinema estavam fazendo na década de 1930. Essa parecia ser a finalidade do álbum. Contudo, de vez em quando, surgiam fotos reais. Eram bem antigas, de gente embaçada, num pomar de algum tipo.

— Essas árvores, ao fundo, se parecem com o pessegueiro que estava plantado aqui? — ela perguntou e Colin olhou por cima de seu ombro. Ele estava bem mais próximo do que Willa achava que ele precisava estar e, sem dúvida, estava fazendo isso de propósito.

— Sim, parecem. Observação interessante.

Enquanto Willa olhava o restante do álbum, ela encontrou um diploma de ensino médio da Escola do Orfanato de Meninos de Upton, no Texas, em nome de alguém chamado Tucker Devlin.

— Alguma coisa disso lhe parece familiar? — Colin perguntou, ainda se curvando acima dela como uma onda.

— Na verdade, não, só... — Willa parou quando chegou à última página. Havia uma única foto, de um belo homem de terno leve, usando um chapéu Fedora, talvez o mesmo que estava enterrado com a maleta. Ele parecia saber que era bonito. Ele parecia capaz de conseguir o que quisesse.

— O quê? — perguntou Colin.

— Eu não sei. Há algo familiar sobre ele — Willa fechou o álbum de recortes sem conseguir entendê-lo.

— Aquele jornal de Asheville que estava na maleta está datado de agosto de 1936, ano em que sua família se mudou — disse Colin, dando um passo atrás.

— Foi o mês e o ano em que o Clube Social Feminino foi fundado, segundo os convites que sua irmã enviou — Willa acrescentou ao se levantar. — Não sei nada sobre isso. Desculpe. Algumas coisas da minha avó estão guardadas no meu sótão. Talvez haja alguma pista desse tal Tucker Devlin. Eu poderia dar uma olhada.

— Isso seria ótimo — ele sorriu. — Você gostaria de ver o interior da casa?

Willa teve de se segurar para não gritar: “Sim, por favor!”.

Colin foi até a imensa porta de oito folhas com vidros redondos feitos à mão. Havia uma placa de cobre ao lado, que dizia A HISTÓRICA HOSPEDARIA BLUE RIDGE MADAM. A porta parecia pesada, mas ele a abriu facilmente.

Suas mãos estavam tremendo quando ela entrou, ingressando num sopro fresco do passado. A primeira coisa que Willa viu foi a nobre escadaria junto à parede, formando uma longa inclinação curva. No alto da escada havia uma pintura de uma mulher com cabelos escuros e olhos cinzentos, com um deslumbrante vestido azul-marinho. Willa olhou para o *lobby* com uma expressão saudosa.

Era uma sensação esmagadora pensar que sua avó tinha vivido ali, daquela forma. Era difícil conciliar a avó que ela conhecia com a que vagava por aqueles cômodos adoráveis e opulentos. Ela desejava desesperadamente se sentir ligada ao lugar, sentir... algo. Contudo, ao olhar em volta, Willa não conseguia sentir coisa alguma.

Nada.

O *foyer* tinha sido transformado em *lobby* e havia uma escrivaninha escura de cerejeira na lateral. Uma mulher de *jeans* e camiseta estava ao telefone. Quando viu Colin, ela acenou.

Colin acenou de volta, enquanto conduzia Willa à direita, passando por um arco que levava ao salão de jantar. Dúzias de mesas redondas ocupavam o espaço iluminado por janelas que iam até o teto. Em uma das paredes havia uma imensa lareira revestida em lambri, ladeada por poltronas épicas.

— Paxton disse que encontrou um *chef* cinco estrelas. O Restaurante Rebecca será aberto ao público, mas, aparentemente, eles estão com reservas até o ano que vem.

— Por que Rebecca? — perguntou ela.

— Era o nome da esposa de seu tataravô. Ele construiu a Madam para ela.

— Ah — disse Willa, constrangida por não saber.

Colin a conduziu à saída do salão de jantar, pelo arco oposto, do outro lado do *lobby*.

— Aqui ficava a biblioteca — disse Colin. — Agora é uma sala de estar onde será servido o chá da tarde aos hóspedes.

Ali havia um lambri de madeira escura, como na maior parte do andar de baixo. Havia uma lareira igual à do restaurante, mas ladeada por prateleiras repletas de livros. Sofás e poltronas de estofamento ornamentado estavam espalhados pelo cômodo.

A mulher que falava ao telefone entrou na sala nesse momento.

— Desculpe, Colin. Sempre há algo a fazer. Ainda estou tentando encontrar um serviço de lavanderia. Paxton me deu uma tarefa arduosa ao me perguntar se a Madam poderia estar pronta para o pernoite dos convidados na noite do baile de gala.

Colin fez as apresentações.

— Willa, essa é Maria, a gerente. Paxton a roubou do Grand Devereaux Inn, em Charleston. Ela é a melhor do ramo. Maria, você está olhando para uma herdeira direta da Blue Ridge Madam. Essa é Willa Jackson. Seus antepassados construíram este lugar.

— É uma honra — disse Maria. — Bem-vinda, Willa.

— Obrigada — disse Willa. Ela estava começando a se sentir profundamente desconfortável, e o calor estava subindo por seu pescoço. Aquele não era seu lugar. Teoricamente, ela sempre soube disso. A casa não pertencia à sua família havia décadas. Por isso ela se manteve distante. Mas sempre cultivou a esperança, desde a infância, de que de alguma forma mágica um dia alguém percebesse que houvera um engano e a propriedade realmente pertencia a Willa.

— Maria pode me respaldar — disse Colin. — Você viu o Fedora, não viu?

Maria riu.

— Tenho certeza de que foi minha imaginação. Depois que você ouve que um lugar é assombrado, todo rangido se transforma em fantasma.

— Vou mostrar a parte de cima a Willa — disse Colin. — Os quartos de hóspedes continuam destrancados?

— Sim — disse Maria. — Fiquem à vontade.

Eles caminharam de volta ao *foyer*.

— Depois do balcão da recepção fica o salão de banquete. É ali que será realizado o baile de gala do Clube Social Feminino — disse Colin, enquanto ele e Willa subiam a escada. Ao chegarem lá em cima, Colin parou diante do retrato da dama de azul. — Esta é sua tataravó, Rebecca Jackson. A pintura foi encontrada num armário, embrulhada em cobertores. É um milagre que tenha resistido a todos esses anos de pilhagem.

Willa ficou olhando para ela. Então esta era a avó de sua avó. Será que a vovó Georgie a conhecera? Willa não tinha ideia.

— Eu tenho os olhos dela — disse Willa a si mesma.

— Eu sei.

— Esta é a primeira vez que eu a vejo.

Colin sacudiu a cabeça.

— A Paxton deveria tê-la deixado participar disso tudo. Não sei por que ela não deixou.

— Eu não teria sido muito útil — disse Willa. — Ela fez um ótimo trabalho sozinha.

— Os quartos de hóspedes são por aqui.

Willa o deteve antes que seguisse pelo corredor.

— Não. Eu já vi o bastante.

— O que há de errado?

— Nada. É um lugar deslumbrante. Obrigada por me mostrar, mas eu realmente tenho de voltar. Desculpe por não poder ajudar mais com o tesouro enterrado — Willa achou que tivesse superado tudo aquilo. Não fazia ideia de que fosse afetá-la daquela forma.

Willa se virava para partir quando a terra tremeu.

Ela parou, deparando-se com os olhos escuros de Colin. Ele pareceu tão confuso quanto ela.

— Você sentiu isso? — perguntou ela.

— Sim — disse Colin, sério. — E não gostei.

— Isso não é... o fantasma, é?

Por um instante Colin sorriu para Willa, como se ela tivesse dito algo bonitinho.

Depois ele disparou escada abaixo. Willa o seguiu lá para fora e sentiu que o tremor era ainda mais forte a céu aberto. O chão estava tremendo, fazendo balançar o imenso lustre da varanda.

Colin olhou para o local onde alguns homens arrancavam as raízes do pessegueiro, o que criara um buraco e tanto.

— Se eu não soubesse, diria que eles atingiram uma tubulação de gás. Mas não há dutos de gás por aqui. E temos todas as tubulações subterrâneas mapeadas.

O estrondo parecia ficar mais ruidoso, fazendo vibrar o ar ao redor deles, em ondas que faziam os ouvidos de Willa martelar.

— Seja o que for, vai explodir. Vá lá para dentro com a Maria — disse Colin, correndo pela beirada do pórtico e balançando os braços, tentando chamar a atenção dos homens que estavam no local da escavação. — Afastem-se — ele gritou. — Afastem-se, agora!

Os homens olharam para ele e não hesitaram. Eles correram a toda a velocidade, afastando-se do buraco.

Colin se virou quando o tremor aumentou. Willa não tinha entrado. Ela estava bem ali, com uma das mãos na parede, para manter o equilíbrio. Ele a surpreendeu ao agarrá-la e encostá-la na lateral da casa. Alguns segundos se passaram e o tremor aumentou, até que Willa teve certeza de que algo aconteceria. Alguma coisa ia explodir. Rachar. Cair. Vir à luz. Ela fechou os olhos e mergulhou o rosto no peito de Colin, segurando a camisa dele com os punhos fechados. Mas quando chegou ao máximo, o ruído cessou bruscamente e tudo ficou assustadoramente silencioso, com exceção do lustre, que lentamente rangia enquanto balançava.

Colin recuou e ele e Willa ficaram se olhando por um longo e apreensivo instante. Eles olharam simultaneamente na direção da escavadeira. Um punhado de pássaros amarelos e pretos tinha pousado na máquina e olhava o buraco. Um dos homens se aproximou cautelosamente. Quando ele olhou lá dentro, a expressão em seu rosto era de absoluto choque.

— O que é? — gritou Colin.

Ele empurrou seu capacete para trás.

— Você tem de ver isso.

— Você está bem? — perguntou Colin, voltando-se para Willa. Ele segurou a lateral da cabeça dela com uma das mãos.

Willa assentiu, soltando lentamente a camisa dele. Colin se afastou, depois pulou do pórtico e caminhou em direção ao buraco. Depois de respirar fundo, Willa o seguiu.

Colin chegou primeiro e olhou.

— *Jesus Cristo.*

— O que é? — perguntou ela.

— Acho que acabamos de encontrar o dono da maleta — disse Colin.

Willa olhou dentro do buraco. Foi preciso um instante para perceber que o que ela pensou ser um pedregulho não era pedra nenhuma.

Era um crânio humano.



6

O conto de fadas

Paxton subiu à superfície da água e nadou até ficar com os braços dormentes. Seu ritmo era frenético, como se ela estivesse tentando nadar para fugir de algo e como se, se forçasse um pouco mais, se livraria daquilo. Quando não conseguiu mais se forçar, ela ficou boiando por um tempo. Estava escuro, mas as luzes da piscina eram tão fortes que ela não conseguia ver as estrelas. Ela queria ficar ali para sempre, com a água abafando todos os sons, desligando-a de tudo.

Paxton finalmente ficou de pé, pois nadar não era a solução e, de qualquer forma, sua mãe logo viria lhe dizer que ela tinha passado tempo demais na água. Ela afastou os cabelos molhados do rosto e deixou as mãos descansarem sobre a cabeça enquanto respirava fundo e dizia a si mesma que poderia consertar isso. Ela poderia consertar qualquer coisa, se condicionasse a mente para isso.

Paxton não sabia exatamente quando percebeu que havia alguém com ela ali fora. Foi uma percepção gradual, como quando lentamente despertamos ao som da chuva à noite. Ela se virou na água e viu Sebastian sentado numa das espreguiçadeiras. Ele tinha tirado o paletó do terno e jogado na espreguiçadeira ao lado.

Observava com seus olhos caídos. Se havia algo que ela aprendera sobre Sebastian era que ele guardava seus sentimentos para si mesmo. Se ele não queria que Paxton soubesse como ele se sentia, não demonstrava absolutamente nada.

— Sebastian. O que está fazendo aqui? — ele nunca estivera em sua casa. Paxton deslizou pela água até os degraus e saiu, pegando uma toalha que tinha deixado na beirada da piscina. Secou-se enquanto caminhava até Sebastian, sentindo-se constrangida, porque ele nunca a vira de maiô. Não que isso tivesse importância. Bem, para ele não.

À medida que ela se aproximava, ele se levantou, pegando o paletó do terno e o jogando por cima do ombro.

— Ouvi falar do esqueleto encontrado hoje na Blue Ridge Madam. Queria ver se você estava bem. Você não atendeu às minhas ligações.

— Está tudo bem. Tudo ficará bem — disse ela, que vinha repetindo isso a tarde toda. Se dissesse o bastante, talvez se tornasse realidade.

— Mas como está *você*?

— Também estou bem — ela enrolou a toalha bem apertada ao seu redor, segurando junto ao peito com uma das mãos. Olhou para a casa principal, imaginando o que sua mãe acharia de Sebastian estar ali. — Não posso acreditar que você tenha enfrentado meus pais só para ver se eu estava bem. Espero que eles tenham sido agradáveis com você.

Ele não respondeu de imediato.

— Estou acostumado com os olhares. Foi assim a vida toda. O importante é que sua mãe me deixou entrar. Isso não teria acontecido quinze anos atrás. Não se preocupe comigo. Consigo sobreviver a praticamente qualquer coisa.

Por algum motivo, Paxton sentiu uma pontada. Ela não fazia ideia do motivo.

— Você acha que eu não consigo?

Ele ficou olhando para Paxton sem dizer uma palavra. Ela realmente nunca fora independente. Ainda vivia com os pais. Entendia por que Sebastian pensava isso.

— Vamos entrar — disse ela enquanto o conduzia até a casa da piscina. Paxton olhou para trás, para a casa principal, mais uma vez. Das portas duplas, sua mãe agora observava os dois. — Há quanto tempo você estava aqui fora?

— Um tempo. Você tem uma bela braçada de costas.

Paxton abriu a porta e ele a seguiu. Ela rapidamente pegou na mesinha de centro algumas anotações que estava fazendo e enfiou em sua bolsa gigante.

— Gostaria de algo para beber? Acho que só tenho uísque — sua mãe tinha abastecido o armário de bebidas da casa da piscina quando o redecorou no ano anterior. Mas só tinha sobrado uísque, pois Paxton não gostava da bebida. Ela se pegou pensando que deveria reabastecer seu estoque. Sebastian sempre mantinha um bar cheio. Mas reabastecer significava entrar na Cabana da Nogueira e enfrentar as inevitáveis insinuações da mãe de que ela talvez estivesse bebendo demais. Não importaria que Paxton quase nunca bebesse e levara todo um ano para consumir o pouco que havia no armário de bebidas.

— Não, obrigado — disse ele, olhando em volta. A mãe dela mandara redecorar o lugar como um agradecimento louco e disfuncional por Paxton não ter se mudado de vez. O lugar tinha a intenção de ter um astral de casa de férias, ou uma casa de praia. As cores eram branco e areia com dourado. Todos os móveis eram quadrados e macios e o carpete era texturizado. Não haviam sido escolhas de Paxton. Nada no lugar fazia seu estilo, como na casa de Sebastian. Sempre que ela sonhava em estar em casa, nunca era ali. Às vezes era o sobrado que ela quase comprara no ano anterior. Às vezes era um lugar onde ela nunca tinha estado. Mas Paxton sempre sabia que era seu. Esse lugar cheirava a limões. Sempre. E ela nunca conseguia fazer o cheiro passar. A casa com que ela sonhava cheirava a grama fresca e a *donuts*.

— Então você está bem — disse Sebastian ao sentar-se no sofá. Ele não estava interessado nos detalhes do esqueleto encontrado na Madam. Estava preocupado com *ela*. Ninguém mais ao seu redor reagira às notícias dessa forma.

— Sim — disse Paxton, tentando rir. — É claro.

Sebastian não parecia acreditar nela. Às vezes, Paxton não achava justo que ele a conhecesse tão bem.

— Bem, na verdade — disse ela —, estou sentindo um pouco de falta de ar.

— Quer se sentar?

— Não. Não consigo respirar. Eu queria, mas não consigo. Fica tudo acumulado aqui e eu não consigo soltar — ela deu um tapinha no peito com a mão que também segurava a toalha. — O Colin está ficando maluco, tentando bolar um plano reserva, porque aquele carvalho de cento e cinquenta anos está programado para ser entregue na terça-feira e terá de ser plantado imediatamente, ou iremos perdê-lo. Sem mencionar as centenas de milhares de dólares para que ele fosse arrancado e trazido para cá. Mas não sabemos se a polícia irá liberar o local e nos deixar plantá-lo. E sabe por que eu desliguei meu telefone? — ela não esperou que Sebastian respondesse. — Porque as integrantes do Clube Social Feminino não param de ligar, preocupadas se poderemos manter o baile de gala na Madam. Várias delas queriam que a festa fosse transferida para o clube de campo, de qualquer forma, mas perderam na votação. Elas já até ligaram para o clube, queriam que o baile fosse lá desde o começo. Parecem querer acreditar que isso fará todo o esforço e o trabalho duro empregados na restauração terem sido em vão. A gerente da Madam até disse que algumas pessoas ligaram preocupadas com suas reservas, mesmo sabendo que abriremos a hospedaria para os hóspedes somente em *setembro* — a voz dela ficava mais alta e ela parou e respirou fundo.

Sebastian se levantou e se aproximou de Paxton. Ele a pegou pelos braços, olhou calmamente em seus olhos e disse:

— Você não pode controlar tudo, Pax. Estou sempre tentando lhe dizer isso. Você tem uma resistência impressionante em deixar que algumas coisas simplesmente aconteçam. Se você der um passo atrás, verá que, quando tudo isso passar, ninguém irá questionar o fato de o baile de gala ocorrer na Madam. Nesse momento, todos estão bebendo vinho ruim, feito de uvas azedas e histeria. Deixe que tomem e deixe que se arrependam amanhã. E para cada pessoa que cancelar sua reserva alguém fará outra, exatamente por conta disso. Há muita gente por aí que gosta do sabor do macabro.

— Mas a intenção disso não é ser macabro! — disse ela. — Isso deveria ser perfeito.

— Nada é perfeito, jamais. Não importa quanto você deseje isso.

Ela sacudiu a cabeça. Sabia disso. Só não sabia viver de outra forma. Fora assim sua vida toda, chorava se o rabo de cavalo ficasse torto ou se não fosse a melhor em sua aula de dança. Paxton não sabia como mudar com isso, por mais que quisesse.

— Apenas deixe para lá, querida — disse Sebastian, passando os braços ao redor dela, sem ligar para o fato de que Paxton estava molhada. Isso, *isso* era o motivo para ela amá-lo tanto. — Faça o que for preciso, mas deixe para lá — com a mão ainda segurando a toalha, ela não podia retribuir o abraço e continuar coberta, mas Paxton percebeu que gostava de se aninhar a ele dessa forma. Ela gostava de se sentir pequena. Pousou a cabeça no ombro de Sebastian e pôde senti-lo respirando junto ao seu pescoço.

Seu coração se acelerou e ela tinha certeza de que ele podia ouvir.

À medida que os segundos se passavam, ela podia quase sentir uma corda ao redor deles, como a força do desespero e o desejo que a traziam para mais perto de Sebastian. Paxton lentamente deixou a toalha cair e ergueu os braços em volta do pescoço dele, roçando seu peito no de Sebastian. Ela ergueu a cabeça de seu ombro e encostou o rosto ao dele, roçando levemente. Podia sentir sua barba por fazer, mas seus pelos eram tão finos que ela nunca os tinha notado.

Ela sentia-se oprimida. Essa era a única razão que poderia justificar seus atos, sua fraqueza. Paxton virou a cabeça num movimento terrivelmente lento, e seus lábios encontraram os de Sebastian. Suas mãos foram parar nos cabelos dele e ela abriu os lábios. Ele não ofereceu resistência. Isso foi o que mais a surpreendeu. Depois de um momento de surpresa, Sebastian chegou a retribuir o beijo. Seu coração *cantava*. Antes que pudesse se dar conta, ela estava indo em direção ao sofá e o empurrava para que se sentasse. Paxton sentou-se em cima dele, tentando beijar e ultrapassar o resto de suas barreiras, levá-lo àquele ponto sedutor em que os olhos deles haviam se encontrado, tantos anos antes, quando Sebastian estava beijando outra pessoa. Se ela apenas se esforçasse o suficiente, poderia fazer isso acontecer. Ela podia fazer Sebastian amá-la, como ele amara aquele garoto.

— Paxton... — Sebastian finalmente disse, entre seus beijos. — Pense bem nisso. Será que realmente é uma boa ideia?

Ela abriu os olhos e lentamente se afastou. Os dois respiravam ofegantes. Sebastian estava bem corado, o que o deixava ainda mais bonito, com aquele tom rosado no rosto. As mãos dele seguravam firmemente as nádegas de Paxton.

O que ela estava fazendo? Ele lhe dissera para deixar para lá, mas Paxton tinha certeza de que não era com relação a isso. No entanto, ele ia deixá-la fazer. Ai, Deus. Ela não era patética?

Ela rapidamente recuou e encontrou a toalha, enrolando-a novamente ao seu redor.

Ele se inclinou para a frente, pousando os cotovelos sobre os joelhos. Ficou assim, curvado, com as mãos enlaçadas à frente, com a respiração ainda acelerada. Sebastian olhava para o chão, parecendo organizar os pensamentos.

Ele finalmente se levantou:

— Acho melhor eu ir — disse Sebastian.

Paxton tentou sorrir, assentindo para mostrar que compreendia.

Ele saiu sem dizer mais nada.

Ela queria se mudar, mas não queria decepcionar os pais. Queria ajuda com tudo que precisava fazer, mas era orgulhosa demais para pedir. O projeto da Blue Ridge Madam deveria solidificar a reputação de sua família, mas agora havia um esqueleto lançando uma névoa sobre o projeto. O baile de gala em comemoração aos setenta e cinco anos do Clube Social Feminino deveria ser o evento para coroar sua presidência, mas estava sendo ameaçado pela mudança de última hora de local. E ela queria tanto que Sebastian fosse algo que ele não era que, em questão de minutos, ela podia muito bem ter arruinado a melhor coisa que já lhe acontecera.

Como poderia alguém, com uma vida dessas, sentir-se tão vazia?

Ela foi até o armário de bebidas, pegou a abominável garrafa de uísque e serviu um copo. Respirando fundo e fazendo uma careta, Paxton forçou-se a engolir.

Tentando se manter acordada depois de um dia muito longo, Willa deixou que o ar úmido soprasse em seu rosto, enquanto dirigia de volta para casa, vindo da festa de Rachel. Ela não tivera a intenção de ir à noitada culinária na casa de Rachel. Na verdade, ela geralmente dizia não. As noites de sexta-feira eram para passar aspirador. Às vezes, para dar uma corrida, se ela sentisse que tinha comido biscoitos demais na loja. Coisas selvagens e malucas. Mas a visão de um crânio na Blue Ridge Madam, mais cedo, a fez desejar ficar perto de outras pessoas naquela noite. Colin a levara de volta até a loja após a descoberta do esqueleto, depois pediu desculpas e voltou correndo para a Madam. Desde então, ela não tivera mais notícias dele.

Willa deixou a loja com Rachel e foi direto para a casa dela. Isso fora sete horas antes. Willa ficou até muito tarde. Tarde demais para ela. A festa culinária ainda estava embalada quando ela saiu. Rachel não era uma garota típica de vinte e dois anos, exceto quando estava perto de outras da mesma idade, só então Willa percebia quanta diferença oito anos podem fazer numa vida. Ela não sentia

falta especificamente daquela idade — tinha abandonado a faculdade e bebia demais, saía em embalos excessivos —, mas sentia falta daquela impressão de viver o momento, de viver só para sentir.

Depois de se despedir, ela seguiu de volta para a longa estrada que levava a Walls of Water. Rachel e o namorado alugavam uma casinha de campo perto da divisa do município. Depois de dirigir alguns quilômetros, ela passou por uma loja de conveniência chamada Gas Me Up, um lugar frequentado por universitários durante o verão, porque vendia cerveja barata e nem sempre exigia documento. Havia alguns carros no estacionamento e, quando Willa bocejou, ela achou que seus olhos estavam lhe pregando uma peça ao imaginar ter reconhecido um dos carros.

Não, certamente não era.

Ela desacelerou para ter certeza.

Sim, com certeza era o BMW branco conversível de Paxton Osgood.

E aquela certamente era Paxton, saindo da loja.

Mas que diabos ela estaria fazendo ali? Willa achava que Paxton nem conhecia esse lado da meia-noite, muito menos esse lado da cidade.

Willa reduziu tanto a velocidade que o carro de trás buzinou. Ela parou no acostamento da estrada e o carro passou como uma bala.

Nesse momento ela viu o antigo colega de turma Robbie Roberts saindo da loja, atrás de Paxton.

Ele tinha crescido e ficado bonito, de um jeito meio pálido. Era metido e podia ser charmoso quando queria. Mas se embebedava com muita frequência, só trabalhava o suficiente para receber o seguro-desemprego e toda semana era supostamente expulso de casa pela esposa.

Robbie era problema, mas era um problema leve. Um amante, não um brigão.

Mas seus dois amigos, os homens que estavam perambulando do lado de fora da loja, eram decididamente barra-pesada.

De todas as coisas que Willa pensava saber a respeito de Paxton Osgood, a de que tinha mais certeza era que ela sabia lidar com qualquer situação. Paxton não precisava de ninguém para protegê-la. Ela tinha um ar que fazia as pessoas prestarem atenção. Tinha um jeito de falar que fazia que os outros ouvissem. E o fato de ficar com provavelmente um metro e oitenta de saltos altos não fazia mal nenhum. Ela não era o tipo de pessoa a ser enfrentada facilmente.

Mas à medida que Willa observava o que estava acontecendo, ela percebia que Paxton estava, possivelmente pela primeira vez na vida, totalmente fora de seu contexto. Era quase uma hora da madrugada, numa loja de conveniência aberta vinte e quatro horas, numa parte da cidade que não costumava ver gente como ela, de vestidinho vermelho de verão e sandálias de amarrar de saltos altos, enfeitadas com rosas vermelhas. Ela agora estava do lado de fora da porta e tinha sido abordada pelos homens, enquanto trazia os braços abarrotados de sacos pesados que pareciam conter garrafas de vinho e batata frita. Vinho barato e batata frita? Não era a dela. Seus cabelos, geralmente presos num coque benfeito, só estavam presos pela metade. O restante estava caindo em volta de seu belo rosto largo. Ela parecia estranhamente confusa e hesitante.

Ela estava *bêbada*.

Willa teria achado engraçado, teria se divertido assistindo ao espetáculo da bebedeira de alguém que tinha um compromisso de vida com a perfeição, cuja simples existência deixava todas as outras mulheres se sentindo menores de alguma forma, teria gostado de vê-la cair de cara no chão... se não fosse pelos homens ao seu redor.

Havia uma compreensão estranha, mas universal, entre as mulheres. Em certo nível, todas as mulheres sabiam, todas compreendiam do medo de estar em minoria, de estar impotente. Aquilo latejava no peito quando elas pensavam nas vezes em que saíram de uma loja e foram seguidas. As batidas na janela do carro, enquanto estavam paradas sozinhas num sinal vermelho, estranhos pedindo carona. Beber demais e perder a capacidade de dizer não. Sorrir para homens que vinham dar em cima, sem querer magoá-los,

sem querer fazer uma cena. Todas as mulheres se lembravam dessas coisas, mesmo que nunca tivessem lhes acontecido pessoalmente. Faziam parte do inconsciente coletivo.

Willa não podia simplesmente ficar ali, no acostamento da estrada, sem ajudar. Ela precisava fazer alguma coisa. Só não tinha certeza do quê. Mas ela engatou o jipe, atravessou a estrada e entrou no estacionamento da loja de conveniência, achando que nada desse dia tinha sido normal, nada tinha sido tedioso.

E Willa nunca, jamais, admitiria, nem para si mesma, que ela gostara.

Parou diante do grupo, com os faróis altos do jipe acesos. Viu Paxton Osgood dar um solavanco, afastando o braço de um dos homens que tentavam tocá-la, depois andar adiante, sendo novamente interceptada por outro homem.

Willa enfiou a mão na bolsa, à procura de seu *spray* de pimenta, e abriu a porta.

— Oi, Paxton — disse ela. Seu coração estava disparado e ela podia sentir a onda de adrenalina. — O que você está fazendo aqui?

Os homens se viraram para Willa. Paxton ergueu a cabeça num tranco, e Willa viu seu medo evidente. Era uma presa fácil cercada por predadores. *Socorro*.

— Olhem só, uma pequenininha. Agora temos o bastante para uma festa de verdade — disse o homem que segurava o braço de Paxton. Ele trazia estampada a palavra *abuso*. Isso tinha acontecido com ele. Fazia parte de sua psique, de forma que ele não conseguia olhar para outra pessoa sem imaginar como ela ficaria com seus hematomas. Willa sentiu isso pela forma que ele olhava para seu pescoço e a pele fina das maçãs de seu rosto.

— Por que você não solta o braço dela? Tenho quase certeza de que ela quer ir embora — disse Willa. Sua mão já estava latejando de apertar a lata de *spray* de pimenta. Ela estava superalerta a tudo em volta, a cada pequeno som, a cada mudança no ar.

Robbie riu debochado. Ele sempre fora o garoto que andava com o bando de arruaceiros na escola, não chegara a ser um deles, mas

sempre esteve bem perto disso. E, como a maioria das pessoas, ele achava que estar perto era melhor do que não se encaixar de jeito nenhum.

— Ora, vamos, Willa, com que frequência temos a rainha da formatura bêbada por aqui? E ela me mandou uma carta de amor no ensino médio. Ela negou e fez todos rirem de mim, mas me mandou. Admita, Paxton.

— Robbie, pelo amor de Deus, fui eu quem mandou aquela carta — disse Willa. — Eu era a Piadista. Esse era o tipo de imbecilidade que eu fazia naquela época. Paxton não teve nada a ver com aquilo. Ele lhe lançou um olhar confuso.

Willa os deixou e marchou até a porta da loja de conveniência e gritou lá para dentro:

— Chame a polícia.

O balconista ergueu os olhos da revista, depois retomou sua leitura, ignorando Willa.

— Aquele é o meu irmão — disse o segundo homem. — Ele não vai chamar ninguém.

Willa lentamente recuou. Ela sabia que podia correr até o jipe, ligar para a polícia e esperar com as portas trancadas. Mas isso deixaria Paxton por conta própria e a última coisa que qualquer mulher desejaria nesse tipo de situação era olhar em volta e ver todas as pessoas que podiam ajudá-la não fazerem nada. Paxton parecia saber o que Willa estava pensando. Ela tentava olhar em seus olhos, tentava evitar que Willa fosse embora. *Não me deixe.*

— Paxton, solte as suas sacolas — Willa finalmente disse.

— Mas...

— Apenas faça isso. Vamos para o meu jipe, está bem?

— Estou com meu carro.

— Eu sei. Mas vamos para o meu jipe — ela fez um pequeno gesto com a mão, e os olhos de Paxton avistaram a lata de *spray* de pimenta. Paxton soltou os sacos e as garrafas de vinho se quebraram ao cair no concreto.

— Ela não vai a lugar nenhum — disse o homem que estava segurando seu braço. — Só se for lá atrás do prédio, para uma pequena diversão.

Willa respirou fundo, depois ergueu a lata e mirou. Essa foi sua última ação, mas ela não hesitou. Além de tudo, tinha borrifado coisas suficientes em sua juventude desperdiçada para ter uma boa mira. Ela acertou o primeiro homem no rosto. O segundo se moveu, e Willa teve de persegui-lo até a porta, antes de acertá-lo. Ao fazê-lo, ela agarrou o braço de Paxton, deixando a lata cair.

Elas estavam quase no jipe quando Robbie apareceu na frente delas. O primeiro homem estava tossindo e esfregando os olhos, fazendo a irritação piorar, ficando com mais raiva. Ele gritava para que Robbie pegasse as piranhas. O segundo homem correu para dentro da loja a fim de buscar o balconista, que já estava vindo em direção às portas. Agora, Willa não tinha nada para se defender deles.

— A carta realmente foi uma piada? — perguntou Robbie.

— *Sim* — disse Willa.

— Ah, desculpe, Paxton.

Paxton agora segurava Willa com uma força que deixaria marcas.

Robbie caiu de joelhos e cobriu o rosto, gritando, como se ele também tivesse sido borrifado. Willa não tinha ideia do que ele estava fazendo até que ele parou com a encenação e disse:

— Vão logo, porra.

E foi exatamente o que elas fizeram.

Willa pulou atrás do volante e Paxton despencou no banco do passageiro. Willa estava tremendo tanto que teve dificuldade de engrenar a ré do jipe. Ela se lembrava de, depois de passar um trote grande na escola, algo que às vezes levava a noite toda, ir para cama tremendo desse jeito. Não era uma sensação ruim, era mais como se desmanchar. Quando ela finalmente engatou a marcha no jipe, Paxton quase caiu para fora, por conta da velocidade com que Willa deu ré para sair do estacionamento. Ela teve de agarrar o vestido de Paxton para mantê-la dentro do carro.

Quando já estava na estrada, numa reta comprida paralela à rodovia, Paxton finalmente conseguiu se sentar ereta. O vento da capota aberta do jipe deixou seus cabelos esvoaçantes, e o único som era do farfalhar da roupa das duas, como lençóis no varal. Willa ficou verificando o espelho retrovisor e só relaxou depois de alguns quilômetros, quando percebeu que elas não estavam sendo seguidas.

Nenhuma delas disse nada por um bom tempo.

Finalmente, Paxton perguntou:

— Você tem lenço de papel?

Willa se virou para ela. As lágrimas rolavam por seu rosto e seu nariz estava escorrendo.

— Tenho alguns guardanapos no porta-luvas.

Paxton remexeu até encontrá-los.

— Eu não estou chorando — disse ela.

— Tudo bem.

— Não, sério, não estou. Fui atingida por um pouco do *spray* de pimenta.

— Ah — disse Willa. — Desculpe. Achei que minha pontaria fosse melhor.

Paxton fungou, o que fez Willa sorrir.

— Para onde vamos? — perguntou Paxton, assoando o nariz, no momento em que chegaram à cidade.

— Para sua casa.

Isso gerou uma reação imediata.

— Não, não me leve para casa! — disse Paxton, bem alto. — Quero descer agora mesmo — ela começou a mexer na maçaneta da porta.

Willa teve de encostar, porque ficou com medo de que Paxton tentasse pular do jipe ainda em movimento. Agora que a adrenalina havia passado, ela finalmente podia ver o problema em suas mãos. Estava com Paxton Osgood bêbada em seu carro e não tinha a menor ideia do que fazer com ela.

— Então, para onde quer que eu a leve? — perguntou ela. Elas estavam na frente de uma casa estilo Tudor, no bairro de Paxton. Um cachorro latiu em algum lugar lá dentro. — Para a casa de Kirsty Lemon?

Paxton recostou a cabeça no banco.

— Deus, não. Ela adoraria isso.

— Achei que vocês fossem amigas.

— Seja lá o que isso significa — disse Paxton, o que surpreendeu Willa. As damas da sociedade pareciam ser tão cúmplices, olhando umas para as outras de forma que só elas podiam interpretar, compartilhando segredos.

— Para a casa de Sebastian?

Paxton pareceu pensar nisso. Ela finalmente disse baixinho:

— Não.

Tinha sobrado somente um lugar. Que ótimo. Willa engatou a marcha do jipe e fez o retorno.

— De qualquer maneira, o que você estava fazendo na Gas Me Up a essa hora? — perguntou Willa enquanto dirigia.

— Era o único lugar onde eu podia comprar bebida a essa hora da noite sem que ninguém me visse — disse Paxton, esfregando os olhos. — Deus, aquele *spray* era forte e olha que eu só fui borrifada com um pouquinho. Espero que eles sintam os efeitos durante dias.

— Ninguém em sã consciência vai lá depois de escurecer, nem os garotos da faculdade.

— Bem, eu não sabia disso — disse Paxton, na defensiva. — Foi a primeira vez que fui até lá.

— Por que esta noite?

— Porque minha vida está uma droga e eu precisava de bebida.

A vida de Paxton Osgood estava uma droga. Certo.

— Não tinha nenhuma bebida na sua casa?

— Eu bebi tudo — disse ela.

— Numa casa do tamanho da Cabana da Nogueira?

— Tomei toda a bebida que tinha na *minha* casa. Na casa da piscina. E não tinha como ir à casa dos meus pais para pegar mais.

Minha mãe iria me infernizar. Ela sempre me inferniza. Sabe quem mais me inferniza? O Clube Social Feminino. Um esqueleto encontrado na Madam e subitamente elas acham que o projeto inteiro é um desperdício. Como se elas não tivessem toneladas de esqueletos dentro de seus armários. Se você ao menos soubesse — Paxton se virou em seu banco, e Willa sentiu que ela a encarava. — E você também me infernizou no ensino médio.

— Só uma vez — frisou Willa.

— Não posso acreditar que foi você quem escreveu aquela carta para o Robbie Roberts.

— Eu lamento — Willa encostou junto ao meio-fio e desligou o motor. — Realmente lamento.

— Eu me lembro de quando vi aquele bilhete. Você copiou a minha letra tão bem que, no começo, eu pensei que tinha *mesmo* escrito. Você daria uma ótima falsificadora.

Willa desceu e disse:

— Sim, isso teria deixado meu pai muito orgulhoso.

Paxton olhou em volta, finalmente percebendo que elas tinham parado.

— Onde estamos?

— Esta é minha casa. Venha.

— Você vai me deixar ficar na sua casa?

— O Ritz fica muito longe para eu dirigir até lá.

Paxton estava meio cambaleante, então Willa segurou seu cotovelo e guiou-a para subir os degraus. Ela destrancou a porta e levou Paxton até o sofá, depois deixou a sala e voltou com um travesseiro e um cobertor.

Paxton tirou as sandálias e pôs o travesseiro no sofá.

— Este sofá é ótimo.

— Estou pensando em chamá-lo de Sofá Monumento Osgood. Seu irmão também dormiu aí. — Willa saiu de novo, dessa vez foi até a cozinha, onde molhou um pano com água fria. Ela voltou e o entregou a Paxton.

— Meu irmão gosta de você, sabe? — disse Paxton, deitando-se e colocando o pano fresco sobre os olhos inchados. — Faça-o ficar.

Willa abriu o cobertor e cobriu Paxton.

— Não tenho nada com seu irmão.

— Mas vai ter. Sabe por quê? Porque isso é o que deve acontecer. É o conto de fadas. Vocês se encontram, se apaixonam, se beijam e nenhum de vocês fica revoltado por isso. Vocês se casam e vivem felizes para sempre.

— A parte de não ficar revoltado foi um belo toque — disse Willa.

— Aprendi isso por experiência própria. Sou apaixonada por Sebastian Rogers. Mas ele não é apaixonado por mim.

Willa deveria estar surpresa, mas não estava. Ela trancou a porta e apagou a luz. Mesmo depois de tudo ficar escuro, ela continuou ali por um momento.

— Sua vida não chega nem perto de ser glamourosa como eu pensei — disse Willa na escuridão.

— O que a fez suspeitar? Minha ida bêbada ao Gas Me Up ou minha confissão de estar apaixonada por um homem que talvez seja *gay*?

Apesar do tom, Willa teve a sensação de que isso era mais sério do que Paxton estava querendo demonstrar.

— É um misto dos dois — disse Willa, o que fez Paxton rir um pouquinho. Willa percebeu que ela também estava acostumada às pessoas que a julgavam.

Então, algo que Willa jamais imaginou que aconteceria subitamente aconteceu.

Ela realmente sentiu pena de Paxton Osgood.

Isso era revelação suficiente para uma noite. Exausta, Willa deixou a sala e seguiu lá para cima, para o seu quarto.

— Obrigada, Willa — Paxton disse.

— De nada, Paxton.



7

Relatividade

Paxton lentamente abriu os olhos, o que exigiu esforço. Seus cílios pareciam grudados.

Ela se apoiou nos cotovelos, um pequeno movimento que dava a impressão de que estava sendo jogada contra a parede. Ela gemeu, mas fez força para aguentar firme e sentou-se.

Olhou ao redor. Estava numa casa pequena, cheia de móveis antigos, exceto por um sofá cinza incrivelmente macio, onde ela estava deitada. Havia uma janela panorâmica em frente e um pássaro preto e amarelo, sentado no parapeito, olhando para dentro. Ela olhou-o, confusa e estranhamente fascinada. Um canto agudo subitamente a fez dar um pulo e, assustado por seus movimentos, o pássaro saiu voando.

Ela levou as mãos à cabeça. *Meu bom Deus, o que foi esse barulho?*

Ela ouviu passos e se virou para ver Willa Jackson entrar cambaleante na sala, de *short* de algodão e uma camiseta amassada de dormir. Seus cabelos curtos estavam armados, como uma nuvem ao redor de seu rosto.

Paxton sempre pensava que tudo que Willa precisava era de uma camisola branca de musselina, um laçarote nos cabelos e uma boneca de porcelana junto ao peito para ficar exatamente igual àquelas crianças enérgicas, de olhos claros, de fotos bem antigas. Paxton nunca se sentira à vontade perto dela.

— Achei que tivesse desligado seu telefone ontem à noite, quando não parava de tocar. Ele é possuído? — disse Willa, esticando a mão para pegar o celular, que só agora Paxton percebia estar na beirada da mesa, ao seu lado.

Willa abriu o aparelho e disse:

— Alô? — ela parou. — É a Willa. Quem é? — A mão de Willa, que estava sobre seus olhos, como se para bloquear a luz da janela, subitamente baixou. — Ah — ela entregou o telefone a Paxton. — É pra você.

Paxton pegou o aparelho, tentando não fazer movimentos bruscos, temendo que a cabeça pudesse cair.

— Claro que é pra mim, é meu telefone.

Willa franziu o rosto e se virou, deixando a sala. Alguém não tinha bom humor matinal.

— Alô? — disse Paxton ao telefone.

— Estou na casa da piscina e você não. Onde você está? — era o Colin.

Ela olhou em volta.

— Não tenho certeza. Acho que estou na casa da Willa Jackson.

— Isso explica o fato de ela ter atendido o seu telefone. O que está fazendo aí? — perguntou Colin.

Agora ela estava se lembrando de tudo. E não ia contar a ele, nem a ninguém. Deus, se esse papel de tola que ela fez se espalhasse...

— Você passou a noite toda aí?

— Acho que sim — disse ela.

Colin parou de falar e deu para notar as conclusões que ele estava tirando.

— Você está bêbada? Tem uma garrafa de uísque vazia na sua sala.

— Não, não estou mais. E saia da minha casa.

Ele riu.

— O que aconteceu?

— Até parece que eu vou contar.

— Você sabe que eu vou descobrir, cedo ou tarde.

— Por cima do meu cadáver — ela rosnou.

— Está bem, certo. Ouça, o motivo de eu ter ligado é que não pareço ter muita autoridade quando se trata da Blue Ridge Madam. As pessoas querem falar com *você*, não comigo. Encontre-me na delegacia de polícia. Preciso de algumas respostas para a liberação do local e a remoção daquela árvore, e preciso disso agora.

— Certo — disse Paxton, tentando se reanimar. — Em uma hora.

Ela desligou, depois ficou ali sentada com a cabeça nas mãos. Até seus cabelos doíam. Ela não sabia quanto tempo tinha se passado até que Willa voltou e disse.

— Você está bem?

Paxton ergueu os olhos para Willa. Ela estava segurando uma caneca de café e um frasco de Advil. Entregou ambos a Paxton.

— Você me salvou ontem à noite — disse Paxton. Ela jamais esqueceria a luz dos faróis do jipe quando ele parou, e a visão de Willa descendo, vindo salvá-la. Ela nunca ficara tão contente em ver alguém em toda a sua vida.

Willa sacudiu os ombros.

— Você estava fora da sua área.

— Não posso acreditar que você tenha feito aquilo por mim. Por quê?

Willa fez uma expressão de quem achou a pergunta estranha.

— Quando alguém precisa de ajuda, você ajuda. Certo? Achei que esse fosse o princípio do Clube Social Feminino... “Suas brilhantes boas ações” — disse ela, citando o que Paxton tinha colocado nos convites do baile de gala.

Paxton não tinha certeza do que mais a incomodava, se o fato de Willa enxergá-la como alguém digno de pena ou jamais imaginar uma de suas amigas do clube vindo socorrê-la daquele jeito. O Clube Social Feminino tinha a ver com ajudar as pessoas da forma mais distante possível, dando dinheiro, para depois se arrumar e comemorar. O fundo beneficente da família Osgood, que Paxton administrava, fazia trabalhos de verdade e não pedia para ser parabenizado. Então, por que motivo ela continuava com o clube? Pela história, ela imaginava. Legado. Isso era importante para ela.

Paxton engoliu alguns comprimidos com o café forte, depois colocou o café e o frasco de Advil em cima da mesinha de centro à sua frente, sentindo tudo se agitar em seu estômago.

— Obrigada. Por tudo. Preciso ir. Onde está minha bolsa? — ela subitamente entrou em pânico. — Onde está o meu *carro*?

Houve uma batida na porta.

— Não sei onde está sua bolsa, mas seu carro ainda está na loja de conveniência. Não se preocupe, eu cuidei disso — disse Willa, dirigindo-se para a porta.

Só faltava essa, o Sebastian. Ele deu uma olhada para Willa, com seu trajezinho de dormir, e disse:

— Meu Deus, no fim das contas tem uma mulher por baixo daqueles *jeans* e daquelas camisetas.

Willa revirou os olhos, mas sorriu.

O sol matinal batia em seus cabelos claros e o fazia parecer angelical. Ele deveria ser uma visão bem-vinda, mas era a última pessoa que Paxton queria ver naquele momento. Ela se levantou para se esconder, mas imediatamente se arrependeu do gesto. Sua cabeça parecia cheia e apertada, o que a deixou ligeiramente nauseada.

— O que ele está fazendo aqui? — ela perguntou a Willa.

Willa fechou a porta atrás de Sebastian e a luz parou de refletir sobre ele, tornando-o novamente humano.

— Ele ficou ligando para o seu celular ontem à noite. Eu tive de me levantar para atender. Ele estava preocupado com você. Eu disse

a ele que você estava bem, dormindo aqui.

Sebastian caminhou até Paxton e afastou dos olhos um pouco de seus cabelos soltos. Com apenas um olhar, ele conseguiu trazer de volta tudo o que tinha acontecido entre eles na noite anterior. Tudo o que ela queria. Tudo o que ele não podia dar.

— Ela se esqueceu de mencionar que, em algum momento, uma quantidade significativa de álcool obviamente estava envolvida — disse ele. — Querida, se seus olhos estivessem mais vermelhos, você teria visão de raio X.

Paxton deu um passo atrás, evitando seus olhos.

— Estou bem. É só o *spray* de pimenta.

— O quê?

Paxton olhou para Willa, que sacudiu a cabeça. Ela não tinha contado.

— Nada.

Sebastian lançou um olhar de avaliação.

— Eu disse a Willa que viria buscá-la esta manhã e levá-la até seu carro, mas não tenho certeza se você está apta para dirigir.

— Claro que estou — disse ela. — Estou bem, de verdade. Não se preocupe comigo. Eu só preciso usar o banheiro primeiro.

— Fica depois da cozinha, nos fundos da casa — Willa apontou e Paxton seguiu, grata e cambaleante, naquela direção. Ela passou pela bela cozinha amarela e encontrou o lavabo. Fechou a porta, pôs as mãos na pia, respirando fundo para afastar o enjoo. Ela não podia acreditar que Sebastian a vira desse jeito, digna de pena, de ressaca, obviamente afogando as mágoas, como se não conseguisse lidar com seu estresse, como se não conseguisse lidar com sua rejeição.

Por que a Willa deixou que ele viesse até ali? Ela se lembrava de ter dito a Willa que estava apaixonada por ele, a única coisa que jurou jamais dizer em voz alta. Ela deveria saber. Segredos sempre acham um meio de vazar.

Ela jogou água fria no rosto e conseguiu tirar o rímel do contorno dos olhos. Tinha passado rímel? Ela se olhou direito. Vestido

vermelho e saltos altos. Tudo isso para ir até a loja de conveniência comprar vinho. O que ela estava pensando? Essa era a questão, imaginou ela. Ela não estava pensando. Prendeu os cabelos para trás e suspirou. Não ajudou muito. Ela decidiu acabar logo com aquilo e caminhou de volta até a sala.

Sebastian e Willa conversavam calmamente. Os dois se calaram quando ela entrou, o notório elefante branco.

Sebastian se virou.

— Vamos?

— Sim, eu sei que você quer chegar àquela clínica comunitária onde você atende nos fins de semana — disse Paxton, ao caminhar para a porta. — Obrigada novamente, Willa.

— Imagine — disse Willa. — Estou às ordens.

Quando já estavam lá fora, Sebastian abriu a porta de seu Audi e Paxton entrou. Ele sentou-se atrás do volante e deixou o bairro silenciosamente.

— Você quer falar sobre o que aconteceu ontem à noite? — ele finalmente perguntou.

— Não.

— Eu sei que você não quer falar sobre o que aconteceu entre nós — ele disse baixinho. — Eu estava me referindo ao que aconteceu com você e Willa.

— É assunto de garotas — disse Paxton, olhando pela janela. Ela sorriu levemente. — Bem, acho que você é uma das garotas.

— Não sou uma garota, Paxton — disse Sebastian, e a frieza em sua voz a fez se virar para ele.

— Eu não quis dizer que era. Não literalmente. Eu só quis dizer...

— Onde está seu carro? — ele perguntou, interrompendo-a.

— Na loja de conveniência na State Boulevard.

— O que está fazendo lá? Enguiçou?

— Não.

— Então o que você estava fazendo lá?

Ela se virou para a janela.

— Não tem importância.

Sebastian entrou no estacionamento da loja de conveniência e o lugar estava movimentado, com os clientes matinais fazendo uma parada entre uma cidade e outra. Ele estacionou ao lado do BMW que, milagrosamente, estava intacto. Ela não tinha ideia de como explicaria a Sebastian, ou à sua família, se aqueles cretinos tivessem arruinado seu carro por vingança.

— Você por acaso teria um colírio? — perguntou ela. — Minha mãe vai detestar me encontrar assim.

— Eu tenho em casa — disse ele. — Quer que eu a leve até lá?

— Não, obrigada. — Ela tinha trinta anos de idade. Não deveria ter de entrar em casa escondida depois de passar a noite fora. Isso seria bem mais fácil se ela não tivesse de ir até sua casa para se trocar.

— Traga algumas roupas e deixe na minha casa. Se você precisar delas, estarão lá. — Ela se virou para Sebastian, surpresa pela intimidade da oferta, principalmente depois da noite passada. — Por que não me ligou, Pax? — perguntou Sebastian, e ela percebeu que, incrivelmente, ele estava magoado. — Se não queria ir para casa, poderia ter ficado comigo.

— Willa se ofereceu para me deixar na sua casa, mas eu disse não — disse ela.

— Por quê?

— Porque eu estava bêbada. E nós dois sabemos que quando estou fora de controle não é nada bonito.

— Eu sempre a acho bonita.

Ela não conseguia lidar com isso. Não agora. Ela abriu a porta.

— Vejo você em breve. Obrigada pela carona.

Ele esticou o braço e pegou a mão dela, impedindo que Paxton saísse.

— Quero ajudá-la, Pax.

— Eu sei que quer. Por isso não vou pedir novamente.

Quando Paxton voltou à Cabana da Nogueira, ela pegou sua grande bolsa, que obviamente tinha deixado no carro e ficou muito aliviada em encontrar, e entrou em casa o mais silenciosamente possível. Sua mãe dormia até tarde, mas o pai acordava cedo quando o clima estava bom para jogar golfe. Havia uma boa chance de ela conseguir entrar sorrateiramente sem ser vista.

Uma vez que Paxton entrou na cozinha, ela achou que estaria livre. Ela sorriu para Nola, uma mulher mais velha, com os cabelos começando a ficar grisalhos e tantas sardas que parecia ter sido respingada por um pincel. Ela estava sovando massa no balcão central da cozinha. Havia nuvens de farinha de trigo flutuando ao seu redor, fazendo com que ela parecesse estar dentro de um globo de neve.

O sorriso de Paxton desapareceu quando ela percebeu que tinha mais alguém na cozinha.

— Mamãe! — disse Paxton. — O que está fazendo acordada tão cedo?

Sophia estava sentada junto à mesa da cozinha, com uma xícara de chá à sua frente. Ele estava com seu conjunto longo de camisola e robe brancos, com os cabelos puxados para trás, presos por uma larga faixa. Ela dormia com seus brincos de diamante toda noite. Mesmo que não os tivesse usado naquele dia, ela os colocava ao se deitar.

— Ouvi quando você saiu ontem à noite — disse Sophia.

— Sim — disse Paxton. — Não consegui dormir.

— Você quer me dizer onde esteve? — perguntou Sophia. — Estava com aquela pessoa, o Sebastian? Não pude acreditar quando ele passou aqui ontem à noite. Eu... Eu não sei como agir perto dele — ela puxou a gola do robe.

— Não, mamãe. Eu não estava com Sebastian ontem à noite.

— Bem, eu não quero você chegando a essa hora, principalmente com tanta coisa acontecendo na Madam. Onde está com a cabeça? Honestamente, Paxton, o que deu em você?

— Eu não sei — ela respondeu.

Paxton teve um bom relacionamento com a mãe ao longo da infância, principalmente porque a menina sentia não ter escolha. Sua mãe planejava fanaticamente momentos de entrosamento. Quando Paxton era adolescente, suas amigas chegavam a invejar seu relacionamento com a mãe. Todos sabiam que nem Paxton nem Sophia marcavam nada nas tardes de domingo porque era hora da manicure, quando mãe e filha se sentavam na sala de estar, assistiam a comédias e experimentavam novos produtos de beleza. E Paxton se lembrava da mãe carregando para seu quarto os vestidos que encomendara, quase invisível por trás da montanha de tafetá, enquanto elas planejavam bailes elegantes. Sophia adorava ajudar Paxton a escolher o que vestir. E tinha extremo bom gosto. Paxton ainda se lembrava dos vestidos que a mãe vestiu há mais de vinte e cinco anos. Gravados em sua memória estavam os azuis brilhantes, os brancos cintilantes, os finos rosados. Ela se lembrava de ver seus pais dançando em eventos e festas beneficentes. Desde muito cedo ela soube que queria aquilo para si, não os vestidos, embora, por um tempo, ela achasse que apenas isso era necessário, mas o sonho de dançar com o homem que amava, ser abraçada por ele, como se jamais quisesse soltá-la.

Foi só naquele último ano que as coisas ficaram tensas com sua mãe, e ela começava a entender o motivo. Ela e a mãe nunca haviam tido um relacionamento adulto. E conseguir isso era como caminhar pela lama espessa, dando um passo torturante de cada vez.

Paxton seguiu na direção das portas duplas.

— Se me der licença, eu preciso trocar de roupa para sair novamente. Colin me ligou hoje de manhã. Vou encontrá-lo na delegacia de polícia para ver o que podemos fazer com relação à liberação do plantio da árvore na Madam.

Isso fez Sophia sorrir.

— Colin e suas árvores.

Isso também fez Paxton sorrir. Colin sempre tivera ligação com árvores. Ele passara toda a infância no bosque de nogueiras da

propriedade, ficava ali, deitado, olhando para cima, vendo os galhos, como se a história do mundo pudesse ser encontrada ali.

O sorriso de Sophia subitamente desapareceu.

— Só porque ele passou a noite toda fora logo que chegou não significa que você também pode fazê-lo.

Era uma regalia de seu irmão à qual Paxton já estava acostumada a essa altura. Sophia tinha dedicado todas as suas forças para moldar Paxton em quem ela queria que fosse, mas só tivera um efeito leve em Colin, a quem todos presumiam estar sendo moldado pelo pai no campo de golfe de alguma maneira masculina misteriosa. Mas Colin tinha se afastado de quaisquer expectativas que o pai tivera e agora era tarde demais para Sophia mudar isso.

Sophia se levantou, depois suspirou. Ela olhou ao redor da cozinha, de um jeito sonolento e desanimado.

— Vou me deitar até o café da manhã. Nola, me acorde se eu pegar no sono.

Nola e Paxton observaram Sophia sair como personagem de um filme antigo.

— Você vai ficar para o café? — perguntou Nola quando Sophia saiu.

Paxton engoliu.

— Não. Acho que não consigo encarar comida agora.

Nola sorriu quando Paxton saiu.

— Já não era sem tempo — disse ela.

Por motivos que ela não entendia e sua avó provavelmente chamaria de sinais, os Osgood estavam saindo de todos os buracos e invadindo a vida perfeita de Willa, afetando seu equilíbrio.

Mas, ainda bem, Willa imaginava que não veria Colin ou Paxton tão frequentemente com todo aquele rebuliço acontecendo na Madam.

Durante o fim de semana, uma equipe de reportagem veio de Asheville para cobrir a história sobre o esqueleto encontrado na Blue

Ridge Madam e relatou que a causa não confirmada da morte poderia ter sido homicídio, pois alguém notou um trauma no crânio. A equipe de notícias também descobrira o nome Tucker Devlin através de uma fonte não identificada, alguém que obviamente teria visto o álbum de recortes e o diploma de ensino médio, e eles tinham encontrado um homem com o mesmo nome, que havia sido fichado em Asheville por ter roubado o dinheiro de várias pessoas em janeiro de 1936. Ele era um mascate.

Um mascate? Um possível assassinato? Isso corria de boca em boca e Willa estava tão curiosa quanto o vizinho, de uma forma distante. O que se passava na Madam não tinha nada a ver com ela e provavelmente nunca teria. Os fantasmas lá de cima não eram da sua conta.

Pelo menos, era o que ela achava, até que a polícia veio vê-la no domingo.

— Viu aquele homem? — Rachel perguntou do balcão do café depois que o último cliente saiu na tarde de domingo. Willa tinha acabado de tirar o dinheiro do caixa e olhou para cima, vendo Rachel escrever em seu caderno. — Ele estava pedindo carona há uma semana e finalmente vai para casa hoje. Sabe o que ele pediu? Um café gelado. Essa é a bebida de gente que está pronta para o conforto. Estou lhe dizendo, isso é uma ciência — ela terminou e mostrou o caderno para Willa.

Hoje o cabelo curtíssimo de Rachel estava todo espetado e ela usava um de seus *tops* de natação, vendidos na loja, com uma minissaia xadrez. O traje era tão incompatível, tão Rachel, que isso fez Willa sorrir.

— O quê? — perguntou Rachel, quando viu que Willa a encarava.

Willa sacudiu a cabeça, pensando em como estava contente por Rachel ter entrado em sua loja, um ano e meio antes.

— Nada.

— Rápido, me diga, que tipo de café você quer agora?

— Não quero café nenhum agora — disse Willa.

— Se quisesse, qual seria?

— Eu não sei. Algo gelado e doce. Chocolate e caramelo.

— Rá! — disse Rachel. — Isso significa que você estava pensando em alguma coisa que a deixa feliz.

— Bem, agora você me pegou. Eu estava mesmo.

O sino acima da porta tocou e as duas se viraram para ver quem era.

Mas não tinha ninguém ali.

— É a segunda vez que isso acontece — disse Rachel, franzindo o rosto. — Quando é que você vai consertar essa campainha? Isso me dá arrepios.

— Achei que você tivesse dito que não acredita em fantasmas — Willa provocou enquanto fechava o saco com o dinheiro do caixa e seguia até a sala de estoque para guardá-lo no cofre.

A campainha tocou novamente enquanto ela estava lá dentro.

— Willa? — Rachel chamou.

Willa saiu dizendo:

— Tudo bem, eu prometo que vou consertar.

— Tem alguém aqui para vê-la.

Ela sentiu um pequeno aperto no peito, porque, por algum motivo, achou que Colin estivesse ali novamente para vê-la. Não teve muito tempo para processar por que isso a deixaria feliz, principalmente estando convencida de que ele era pura encrenca, pois ao se virar para o homem na porta viu que não era Colin. Era Woody Olsen, um detetive da Delegacia de Polícia de Walls of Water.

O pai de Willa tinha sido professor de Woody no ensino médio, e Woody sempre o respeitara. Foi Woody quem ligara para Willa, em Nashville, avisando que seu pai tinha sido atropelado na rodovia interestadual e falecera. Ela era muito jovem e estava meio perdida e extremamente triste na época em que Woody a ajudara a arranjar tudo, organizando até o tributo no funeral. Todo ano, em vez de agradecer pessoalmente, ela mandava um cesto de frutas natalinas. Simplesmente não suportaria encontrá-lo. Mesmo agora ela ainda se retraía ao vê-lo, pois sempre o ligaria ao fato de ser portador de más notícias. Não era justo, mas ela não conseguia evitar. Sua mente

instantaneamente imaginou o que poderia ter acontecido, que más notícias ele estaria trazendo agora.

— Oi, Willa — disse Woody. Seus olhos eram grandes e eternamente lacrimejantes, o que tornava difícil saber se realmente havia algo errado. — Preciso lhe fazer algumas perguntas sobre sua avó. Você tem alguns minutos?

— Minha avó?

— Não há nada de errado, juro — ele sorriu e gesticulou lentamente indicando o café, como se ela fosse ficar mais calma com seus movimentos mais vagarosos. — Vamos nos sentar — disse ele.

Confusa, Willa caminhou até o café e sentou-se. Woody se acomodou na cadeira de frente para ela. Era um homem magrinho, mas tinha um barrigão. Sua gravata ficava pousada sobre a barriga, como um bicho de estimação.

— Do que se trata, Woody? — perguntou ela.

— Sua avó não consegue mais se comunicar, então, como sua única parente viva, nós tivemos de vir até você. Só isso.

— Mas o que você quer saber sobre ela?

Woody pegou um bloquinho de anotações do bolso interno do casaco.

— Quando foi que a família de sua avó se mudou da Blue Ridge Madam?

— Não sei a data exata, acho que 1936 — ela sacudiu a cabeça. — Por quê?

— Ela mencionou alguma vez algo sobre alguém estar enterrado na Madam?

Isso tinha a ver com o esqueleto. Os ombros dela se descontraíram de alívio.

— Ah, é isso. Não. Ela nunca falou sobre sua época na Madam. Lamento.

Woody olhou as páginas de seu bloco, sem olhá-la nos olhos.

— Pelo que sei, ela estava grávida quando a família perdeu a casa.

Willa hesitou.

— Sim.

— Ela alguma vez disse quem era o pai?

— Não. Era adolescente e solteira, o que obviamente foi um escândalo na época. Ela não gostava de falar a respeito.

— Seu pai sabia?

— Talvez soubesse. Ele sempre disse que isso era particular. Eu não fazia muitas perguntas naquela época. Deveria ter feito — ela inclinou a cabeça, tentando cruzar com o olhar de Woody. — Isso é ridículo, Woody. O homem enterrado lá não é o pai do filho de Georgie. Não há ligação.

Ele finalmente ergueu os olhos.

— Colin Osgood me disse que você deu uma olhada nas coisas que estavam enterradas com o esqueleto.

— Sim — disse ela. — Quero dizer, isso foi antes de sabermos que havia um esqueleto enterrado ali. Ele me pediu para olhar as coisas e ver se eu reconhecia algo.

— Então você viu o álbum de recortes.

Ela olhou-o, inexpressiva.

— Sim.

— Não reconheceu nada?

— Não. Você reconheceu?

Woody guardou novamente o bloquinho no casaco.

— Obrigada por seu tempo, Willa. É só isso.

Ele se levantou para sair, e uma ideia terrível passou pela cabeça de Willa.

— Woody.

Ele se virou ao chegar à porta.

— Você não acha que minha avó tem algo a ver com aquele esqueleto enterrado lá, acha?

Ele hesitou.

— Independentemente do que aconteceu, foi há muito tempo. Duvido que algum dia venhamos a saber a história toda.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Se surgir mais alguma coisa, eu aviso. Não se preocupe. Provavelmente, não vai surgir— ele abriu a porta depois deu um breve sorriso. — Obrigado pelas cestas de frutas. Eu gosto muito.

Willa se virou para Rachel, que tinha ouvido tudo.

— Eu preciso... — disse Willa, levantando-se. Ela não conseguiu terminar a frase. Não sabia exatamente o que precisava fazer.

Rachel assentiu.

— Vá — disse ela.

Willa foi diretamente para a casa de repouso, algo que ela raramente fazia tão tarde, pois a avó tendia a ficar inquieta ao anoitecer. Mas seu instinto protetor levou-a para lá.

Georgie já tinha jantado e havia sido medicada, então Willa sentou-se junto à sua cabeceira e tentou assimilar o que estava acontecendo. Willa sabia que não havia nada nos itens encontrados no túmulo que ligassem sua avó ao tal de Tucker Devlin. Ela não fazia ideia do motivo que levou Woody a pensar nisso.

Ela se lembrou de que o jornal encontrado na mala estava datado de agosto de 1936 e desejou saber exatamente quando a avó tinha se mudado. Se tivesse sido antes disso, não haveria nada com que se preocupar.

Claro que a história toda era absurda. Sua avó sempre fora uma pessoa decente, era uma mulher linda e livre que passou por uma série de dificuldades, mas tinha uma ética profissional incrível, com a qual sustentou a si e o amado filho. Jamais machucaria ninguém.

Willa se levantou e beijou a testa da avó, desejando ter algum meio mágico de trazê-la de volta num estalar de dedos do lugar distante para onde ela havia flutuado.

Foi até a enfermaria e pediu que eles entrassem em contato com ela caso alguém viesse ver sua avó. Não mencionou a polícia especificamente, mas era nisso que estava pensando.

Enquanto conversava com a enfermeira, ela viu alguém virando no corredor, depois da enfermaria. Era Paxton Osgood, que obviamente

estava ali para visitar sua própria avó. Ela aparentava estar consideravelmente melhor que na última vez que Willa a vira. Ou seja, ela mostrava uma aparência perfeita.

Se Willa gritasse olá, ela estava bem certa de que Paxton agiria como se a noite de sexta nunca tivesse acontecido. E, se ela fizesse isso, era porque elas não tinham nenhuma ligação, nenhum motivo para trocar gentilezas. Então, Willa apenas daria meia-volta e iria embora.

Foi quando algo subitamente lhe ocorreu.

Agatha. É claro.

Willa nunca tivera muito contato com Agatha Osgood, mas ela passara tempo suficiente na casa de repouso para saber quanto ela era ruidosa, teimosa e, às vezes, simplesmente má. Mas Agatha e Georgie tinham sido boas amigas quando jovens. Depois que Georgie teve seu filho, Agatha até ajudou a criá-lo durante os primeiros anos, enquanto Georgie trabalhava para a família Osgood. Elas chegaram a viver juntas na Cabana da Nogueira até Ham completar seis anos. Então Agatha se casou. O pai de Willa disse uma vez que sua mãe não achava certo continuar vivendo ali depois daquilo. As duas se separaram, aparentemente não por um motivo específico. Mas o pai de Willa uma vez disse que Georgie não se considerava mais parte do grupo.

Willa seguiu Paxton pelo corredor da direita e observou-a entrar num quarto. Quando Willa chegou ao quarto, ela olhou lá dentro surpresa. As dependências de Agatha eram como um belo salão de visitas de uma dama do Sul dos Estados Unidos. Havia lindas telas a óleo na parede, um conjunto de móveis combinando, e até uma pequena geladeira. Parecia que, a qualquer momento, uma empregada de uniforme branco entraria para servir chá de morangos e *petits-fours*.

Paxton estava em pé, de costas para Willa. Willa limpou a garganta e disse da porta:

— Paxton?

Paxton se virou e, depois de um instante de surpresa, pareceu até aliviada.

— Olhe, Nana — disse Paxton. — Você tem visita. Não é bacana?

Agatha estava sentada em seu sofá de dois lugares, em frente à janela, com o corpo rigidamente curvado, o que fez Willa pensar numa concha. Mas seus movimentos eram surpreendentemente rápidos, sua cabeça girou na direção da voz de Willa, na porta.

— Quem é? Quem está aí? — perguntou ela.

— É Willa Jackson, Sra. Osgood — disse Willa.

Agatha imediatamente tentou se levantar.

— O que é? Há algo errado com Georgie?

— Não, senhora — Willa apressou-se em dizer. — Ela está dormindo agora.

Agatha sentou-se novamente.

— Então, o que você quer? — perguntou ela.

Tanto Agatha como Paxton ficaram olhando para ela. Willa ficou impressionada pela semelhança dos olhares. Paxton certamente tinha puxado a avó.

— Eu estava imaginando se a senhora poderia falar sobre minha avó. Eu posso voltar depois, se agora for uma hora ruim.

— Claro que não é uma hora ruim — disse Paxton, acenando para que Willa entrasse. — Não seria agradável, Nana? Conversar sobre os velhos tempos?

— Deixe de ser tola, Paxton. Você não é assim — disse Agatha, depois se virou para Willa. — O que você quer saber?

Willa deu alguns passos.

— Eu... É difícil dizer. Vocês eram amigas.

— Nós *somos* amigas — Agatha estrilou. — Ela ainda está aqui. Eu ainda estou aqui. E enquanto estivermos vivas, sempre seremos amigas.

— A senhora a conhecia no ano em que ela se mudou da Madam? — perguntou Willa.

— Sim, é claro. Ela foi morar comigo depois disso.

— Lembra-se de alguém que tenha morrido na Madam naquele ano? E de depois ter sido enterrado sob o pessegueiro? A polícia esteve me fazendo perguntas sobre a vovó Georgie esta tarde. Insinuaram que ela tem algo a ver com isso. Que ela teve algo a ver com ele, o homem que está enterrado lá. Mas isso é absurdo. A senhora a conhecia naquela época. Ela jamais faria algo assim. — Era tarde demais quando ela percebeu Paxton gesticulando freneticamente. Xiii. Obviamente isso significava que estavam escondendo algo de Agatha.

A mudança em Agatha foi notável. Ela chegou a tomar um susto e arregalar os olhos, que ficaram parecidos com duas imensas bolas de gude marrons, apertadas na terra.

— O quê? Que história é essa, Paxton?

— Está tudo bem, Nana — disse Paxton, caminhando até ela e afagando-lhe o braço, mas Agatha se afastou bruscamente. — Nós derrubamos a velha árvore na Madam e havia um esqueleto enterrado ali. Nada com que se preocupar. Agora está tudo bem. Na verdade, estamos trazendo uma bela árvore para substituí-la.

— No instante em que você me disse que tinha comprado a Madam, eu sabia que isso ia acontecer. Você o encontrou — disse Agatha. — Você encontrou Tucker Devlin.

Willa e Paxton trocaram olhares. O clima no quarto ficou tenso. Uma brisa fresca, cheirando a pêssigo, flutuou sinistramente.

— Como sabe o nome dele? — Paxton perguntou, cautelosamente.

— Qualquer um que o conheceu jamais esqueceu seu nome.

Apesar de saber que Paxton estava aborrecida por ela tocar no assunto, Willa se viu seguindo em frente.

— A senhora o conheceu?

— Ele se intitulava caixeiro-viajante. Na verdade, era um trapaceiro. Mas nem isso lhe fazia justiça. Ele era... *mágico* — Agatha sussurrou a última palavra como se tivesse poder. Sem perceber, Paxton e Willa se aproximaram uma da outra, um gesto que ambas teriam dificuldade para explicar. — Eu nunca me

esquecerei do dia em que o vi pela primeira vez. Georgie e eu estávamos sentadas no gramado da Madam, fazendo coroas de flores de trevo. Naquele dia, ventava muito e eu lembro que nossos vestidos estavam tremulando em volta de nossas pernas. Meus cabelos ficavam cobrindo a minha visão quando caíam sobre meus olhos, então Georgie riu e me fez virar a cabeça para fazer uma trança, e foi quando o vimos subindo a colina, com sua maleta empoeirada. Tínhamos ouvido falar dele, é claro. Ele já estava na cidade fazia um tempo, vendendo cosméticos para as moças, e a mulheres mais velhas o acobertavam. Mas ele estava a fim de coisas maiores e melhores naquele dia. Chegou à porta da Madam, parou e depois se virou para nós. Quando ele viu o que Georgie estava fazendo, percebeu que eu segurava meu vestido para não levantar e sorriu; sorriu como um deus olhando para seus filhos. Ele assoviou algumas notas estranhas, e o vento *parou*. Simplesmente assim — Agatha parou de falar. — O homem sabia assoviar e fazer o vento parar.

Quando os braços de Willa e Paxton se tocaram, elas deram um pulo se afastando, o que fez surgir um espaço entre ambas.

— Não se preocupe, Willa. Sua avó não o matou — disse Agatha.
— E disso eu sei com certeza.

Willa sorriu.

— Bem, é um alívio ouvir alguém dizer isso.

— Porque eu o matei — Agatha concluiu.



8

Garotas festeiras

Paxton rapidamente tomou uma atitude.

— Acho que você já a chateou o suficiente — disse ela, conduzindo Willa à porta com a habilidade de uma anfitriã que leva o último convidado à saída. — Agora ela está falando tolices.

— Eu nunca disse uma tolice num único dia de minha vida! — Agatha estrilou.

Já no corredor, Paxton disse:

— Ela é delicada e não sabe do que está falando. Não volte aqui para aborrecê-la. Estou falando sério.

Paxton entrou novamente no quarto e fechou a porta. Willa ficou tentada a se zangar, mas viu algo em Paxton que moderou sua emoção. Paxton queria proteger a avó. Exatamente como Willa queria.

Então deixou a casa de repouso com mais perguntas do que quando tinha chegado. Havia uma veemência surpreendente na voz de Agatha quando ela declarou que sua amizade com Georgie ainda existia, como se fosse algo vivo, que respirava, algo que ganhou vida no instante em que aconteceu e não sumiu simplesmente porque elas deixaram de reconhecê-la. Até onde iria essa amizade?

Longe o bastante para mentir? Ou longe o bastante para contar a verdade?

Ela ficou imaginando se Paxton estaria pensando a mesma coisa.

Uma coisa era certa: agora Willa deveria encontrar as respostas sozinha. Ela viu um muro sendo erguido. De jeito nenhum Paxton a deixaria voltar a falar com Agatha.

Quando chegou em casa, trocou de roupa e subiu a escada até o único lugar que conhecia para procurar pistas.

O sótão.

Fazia muito tempo que ela não tinha motivo para subir ali. Era pouco iluminado e empoeirado, e as teias de aranha cobriam todo o cômodo, fazendo-o parecer uma bola de barbante. Ela abriu caminho por entre as teias para ver as caixas empilhadas nas vigas. Seus antigos brinquedos de infância. Os prêmios de magistério do pai. As coisas de sua avó estavam em caixas grandes, embaixo de alguns cobertores de mudança. Willa estava na faculdade quando seu pai trouxe sua avó para a casa dele, então Willa não tinha ideia do que havia naquelas caixas. Provavelmente um pouquinho de cada coisa. Seu pai nunca jogava nada fora. O sofá, do qual Willa finalmente se livrara na semana anterior, era o mesmo que seus pais compraram quando se casaram. Ao longo dos anos, ele tinha sido remendado, reestofado e recosturado, depois finalmente coberto com um cobertor para esconder as manchas de suco de uva e café.

Ela respirou fundo e começou a desentocar as caixas que tinham o nome da avó escrito. Foi levando lá para baixo, uma de cada vez, até que elas encheram metade da sala de estar.

Ela pegou uma caixa, aleatoriamente, sentou-se à sua frente e a abriu.

Quase caiu em prantos com o aroma que emanou de dentro dela. Cedro e lavanda, com um leve toque de sabão e água sanitária. Cheiros que ela sempre associaria à sua avó. Georgie tinha sido obsessivamente caprichosa e Willa se lembrava de seu pai contando que entrar no apartamento de Georgie e encontrar louça empilhada na pia tinha sido o primeiro sinal de que algo estava errado. Georgie

nunca deixava de lavar a louça. Depois disso, sua memória só foi piorando.

Seu pai tinha embalado essas caixas e deve ter sido difícil para ele. Ele sempre respeitou a privacidade da mãe. Talvez por isso essa caixa parecesse ter sido embalada por alguém de olhos fechados.

A caixa guardava itens que Willa se lembrava de ter visto na sala da vovó Georgie. Ela começou a tirar as coisas. Tudo estava individualmente embrulhado em jornal. Uma *bonbonnière* de cristal. Duas almofadas bordadas. Uma Bíblia. Um álbum de fotografias.

Opa. Isso podia trazer pistas.

Depois que o desembalou, ela o pousou no colo e abriu. Ela se lembrava de olhá-lo quando criança. Tinha fotos de seu pai. Somente de seu pai. A vovó Georgie tinha fotos escolares de Willa emolduradas em cima da televisão, mas seu filho tinha um álbum inteiro só para ele. Willa se pegou sorrindo enquanto folheava as páginas. Lá estava Ham bebê, engolido por um enorme traje branco de batismo. Lá estava ele, um garotinho rechonchudo, em frente ao que parecia ser a Cabana da Nogueira. Fotos de escola. Formatura. Depois vinha uma série de fotos dele com vinte e poucos anos, atrevido e despreocupado. Willa sempre adorou essas fotos, especificamente observar o charme do pai se expandindo ao seu redor. Se ela não soubesse exatamente o caminho que a vida dele tomara, terminando como um viúvo e sereno professor de química, teria julgado por essas fotos que ele estava destinado a ser uma figura pública carismática. Um astro de cinema. Um político.

Mas ele queria uma vida modesta. Queria a vida que sua mãe quis que ele tivesse, porque a opinião dela importava muito para ele.

Ela virou a página e seu sorriso se apagou. Lá estava seu pai, com cerca de trinta anos. Ele só se casaria oito anos depois. Willa só nasceria depois de dez. Ele estava com calças engraçadas, antiquadas, com o cabelo mais comprido que ela já vira. Estava com as mãos nos bolsos, olhando a câmera de um jeito que quase a fazia tremer por sua personalidade. Olhava como se o mundo fosse um pêssigo maduro e ele estivesse pronto para mordê-lo. Por algum

motivo, aquilo a deixou assustada. Fez que ela se lembrasse de algo que não conseguia definir exatamente.

Willa subitamente se lembrou de uma conversa que tivera em seu enterro com uma das professoras, colega de seu pai, a Sra. Peirce. Ela dissera a Willa que ele tinha sido um grande galanteador antes de se casar com a mãe de Willa, algo em que ela achou difícil de acreditar à época. Mas a Sra. Peirce insistiu que, quando Ham voltara para casa, depois da faculdade, havia algo diferente nele. Ela dissera que a mãe de Ham tinha sido muito rigorosa com ele quando garoto, e ele era um tanto tímido. Mas se transformara ao virar adulto. As professoras se aglomeravam ao seu redor na sala de professores e traziam-lhe doces que passavam a noite fazendo, folheados e tortas de chocolate, bem-casados e pãezinhos de lua de mel. Ocasionalmente, ele convidava uma delas para sair, e isso deixava a ganhadora de sua atenção levitando durante dias. A Sra. Peirce também comentara que as alunas de Ham eram igualmente apaixonadas por ele e que às vezes choravam sobre o Bico de Bunsen, em sua sala de aula, e deixavam mechas de cabelos nas gavetas dele. Ela até mencionou um pequeno escândalo envolvendo algumas mães de alunas que tinham feito campanha por uma promoção na carreira profissional de Ham. Embora ele estivesse perfeitamente feliz como professor, elas queriam que ele se tornasse reitor, diretor, superintendente, e chegaram a chantagear algumas pessoas. Naquela época, ele era tão carismático que a Sra. Peirce disse isso com saudosismo.

Agora, olhando aquela foto, Willa podia finalmente entender do que a Sra. Peirce estava falando. Obviamente a vovó Georgie tinha batido aquela foto; foi tirada do lado de fora de seu prédio. Ela também teria ficado perplexa com o que via. A foto estava ligeiramente embaçada, como se a câmera tivesse mexido apenas alguns segundos antes que ela clicasse.

Willa olhou o restante das fotos, mas se pegou voltando àquela. Ela estava surpresa em procurar por pistas, qualquer coisa que provasse que sua avó não tinha nada a ver com o esqueleto da

colina. As fotos de seu pai não ajudariam. Ela deveria simplesmente guardar o álbum e seguir para a próxima caixa.

Mas ficava voltando àquela foto. Por que parecia tão familiar, como se ela a tivesse visto recentemente?

Ela finalmente a tirou do álbum e colocou sobre a mesa de centro.

Olhou o restante das caixas em questão de horas. Como ela suspeitara, ali não havia nada da época de sua avó na Madam. Ela teria de arranjar outro meio de obter informações.

Ao se levantar, Willa deu um gemido. Ela ficara tanto tempo sentada no chão que sua perna tinha adormecido. Foi até a porta da frente para verificar se estava trancada, depois apagou as luzes da sala. Seguiu mancando até a cozinha para beber algo antes de ir para a cama. Quando abriu a porta da geladeira, a luz atravessou a cozinha escura, refletindo lá do outro lado, onde ficava a mesa. Ela tomou um pouco de suco da garrafa. Quando terminou, guardou novamente a garrafa e se virou.

Nesse momento ela notou.

Deixando a porta da geladeira aberta para iluminar, Willa caminhou até a mesa da cozinha. Havia alguns pêssegos maduros sobre a mesa, numa fruteira que uma amiga da National Street fizera para ela. As frutas estavam começando a permear o ar com o cheiro da doce premonição de apodrecimento.

De repente, ela sentiu um arrepio e recuou.

Em cima da fruteira estava a foto de seu pai, a foto com ar estranhamente malandro, que ela havia tirado do álbum e colocado na mesinha de centro da sala.

E Willa não a levava para lá.

Willa jamais achou que fosse se pegar fazendo isso, nunca imaginou que fosse apostar algo naquelas superstições que sua avó levava tão a sério, mas ela ficara bem assustada depois de encontrar a foto de seu pai na cozinha, na noite anterior, a ponto de colocar uma moeda no parapeito da janela e abrir uma fresta. A avó dizia que frequentemente os fantasmas se esqueciam de que eram fantasmas e iam atrás de dinheiro, mas, ao se aproximar

suficientemente de uma janela aberta, o ar noturno os sugaria para fora.

Desnecessário dizer que Willa não conseguiu dormir direito. E só ficou mais nervosa quando, naquela manhã, um pássaro preto e amarelo conseguiu entrar pela fresta da janela do quarto, e ela levou uma hora com uma vassoura para conseguir fazer que ele voasse para fora.

Era dia de folga de Rachel, então quando Willa chegou à loja ela destrancou a porta e acendeu as luzes; depois moeu os grãos e ligou a cafeteira. Ela não era tão boa no balcão quanto Rachel, mas se virava. Rachel tinha deixado a vitrine abastecida de biscoitos de café e *donuts* de *cappuccino*. Ela também tinha deixado para Willa uma caixa de barras de café com coco, pois sabia que eram suas prediletas. Em cima da caixa havia um bilhete: *Fiz especialmente pra você. Ligue se precisar de mim*. Ela deve ter ficado até tarde na noite anterior só para fazer isso.

Willa chegara à loja sentindo-se temperamental e distraída, mas isso a fez sorrir. A magia do café de Rachel era a cura para todos os males, mesmo prejudicando um pouquinho a cintura. Ajudava Willa a se concentrar, a enxergar a razão — claro que ela mesma deve ter movido aquela foto; só não se lembrava —, e a fez optar por outro plano de ação.

Assim que o movimento diminuiu, Willa ligou para sua amiga Fran na biblioteca. Fran viera de outra cidade e era frequentadora assídua da loja de Willa. Ela fazia trilhas nas cataratas quase todo fim de semana.

— Oi, Fran, é a Willa.

— Willa! Mas que surpresa. — Fran era uma daquelas pessoas que sempre pareciam falar de boca cheia. — O que posso fazer por você?

— Como faço para descobrir o que se passou *nesta* cidade em 1936? Que tipos de arquivo você tem?

— A polícia e os jornalistas estiveram aqui perguntando a mesma coisa quando um esqueleto foi descoberto na Madam — disse Fran.

— Infelizmente, não havia jornal da cidade naquela época. Por que você quer saber?

— Eu dei uma olhada nas coisas da minha avó e ali não tem muita coisa sobre a vida dela, como eu esperava encontrar, pois 1936 foi um ano importante para ela. Sua família perdeu a Madam. Ela teve meu pai.

Fran pareceu pensar por um momento. Willa ouviu um barulho que parecia de teclado.

— Bem, nós temos várias décadas de edições do *Boletim da Sociedade de Walls of Water*. Foi o que mostrei à polícia.

— O que é isso?

— Um boletim semanal de uma página, com uma coluna de fofocas, basicamente. Ele circulou pela maior parte das décadas de 1930 e 1940 — Fran riu. — Você deveria ler esses boletins. São impagáveis. Eles registram a vida das damas da sociedade daquela época.

— Acha que posso dar uma olhada? — perguntou Willa.

— Claro. Posso providenciar isso para você com o maior prazer.

Alguns turistas entraram e Willa sorriu e acenou para eles.

— Até que horas a biblioteca fica aberta hoje? — ela perguntou a Fran.

— Hoje faço só meio expediente. Corte de custos significa carga horária reduzida. Na verdade, estou prestes a fechar e ir embora — Fran parou. — Faça o seguinte, ligue para minha casa quando você sair do trabalho, e eu a encontro aqui.

— Você é demais, Fran. Valeu.

Naquela noite Fran já estava esperando quando Willa chegou à biblioteca, que havia recentemente sido transferida para um centro comercial, deixando suas instalações anteriores no subsolo do Palácio de Justiça. Ela estava na porta, ligeiramente desgrenhada e cheirando a aipo.

Já lá dentro, Fran deu a Willa todas as microfichas dos filmes de que ela precisava, depois lhe disse para não se esquecer de trancar a porta quando saísse. Quando a porta pesada bateu atrás de Fran, Willa permaneceu ali por um momento. Dava uma sensação curiosa ficar na biblioteca sozinha. Ela se sentia como se tivesse algodão nos ouvidos. Caminhou até os leitores de microfichas, no fundo da sala, temendo fazer muito barulho. Sentou-se e foi se acostumando aos ruídos da máquina, que se tornaram um ritmo tranquilizador à medida que ela ia avançando pelos arquivos.

Levou um tempo para encontrar as edições de 1936, quando as localizou ela começou a olhar a partir da de janeiro.

O *Boletim da Sociedade de Walls of Water* era obviamente o passatempo de uma mulher rica e sem filhos chamada Jojo McPeat. O boletim de uma única página era preenchido com fofocas dos eventos sociais, geralmente com duas fotos incluídas.

Os eventos eram descritos assim:

A Sra. Reginald Carter e sua filha causaram sensação com seus casacos cor-de-rosa no baile de inverno da família Ingram. Algumas damas foram entreouvidas perto das esculturas de gelo, mencionando que a dupla parecia algodão-doce, porém a maioria gostou dos trajés, complementado por aquecedores de orelha e luvas.

Jojo fazia longos comentários sobre o que as mulheres vestiam e adorava citar os opositores anônimos. O que Willa achou interessante foram as referências feitas à cidade em si, ocultas no texto. Vários dos anfitriões das festas faziam rifas cuja renda era destinada às famílias de madeireiros que tinham sido financeiramente prejudicadas quando o governo comprou a floresta ao redor de Walls of Water. Jojo uma vez citou Olin Jackson, pai de Georgie, numa festa, prometendo que já que os Jackson tinham dado à cidade uma economia, eles o fariam novamente, embora ele não dissesse exatamente como. E a própria Jojo questionou essa afirmação (supostamente bêbada), perguntando como um homem que deixa a filha usar roupas fora de moda salvaria a cidade. Havia

críticas frequentes aos Jackson, mas eram como pedrinhas jogadas nos reis. Os Jackson eram, indiscutivelmente, a realeza da cidade, mesmo que parecessem estar sofrendo uma crise financeira.

Sentada ali, Willa se inclinava para olhar mais de perto a imagem granulada em preto e branco de sua avó nessas festas, com o ar preso na garganta diante desse presente inesperado de poder vê-la dessa forma. Ela era uma jovem deslumbrante, mas seu sorriso a fazia parecer não saber que era linda, ou não ligar para isso. Tinha uma aparência vivaz e inocente e estava sempre cercada pelas amigas. Agatha Osgood também era bem bonita quando jovem, de um modo mais reservado e angular, e estava sempre ao seu lado.

Willa se viu transportada através dessas fotos de Georgie. Ela podia ouvir seu riso, sentir o perfume no ar, o cheiro de tabaco. Estava tão envolvida que quase podia dizer o que as garotas da foto estavam pensando. Dava para ver quando uma delas tinha acabado de dançar com um rapaz de quem gostara e corria de volta para contar às outras, ou quando discutiam sobre roupas e os relacionamentos conflituosos com suas famílias. Eram tão despreocupadas e felizes. Seus futuros eram centelhas no ar, esperando para serem capturados como vaga-lumes.

Então Tucker Devlin chegou.

Jojo o mencionou pela primeira vez, em fevereiro de 1936, como um vendedor de cosméticos femininos de quem a Sra. Margaret Treble havia comprado um tônico que jurava ter deixado sua pele como seda. A Sra. Treble o convidara para acompanhá-la a um almoço de senhoras para vender seus produtos, e todas pareceram cair perdidamente por seus encantos. Jojo citou Tucker Devlin, que dissera: "Venho de uma longa linhagem de agricultores de pêssegos, nasci e fui criado em Upton, Texas, e muito me orgulho disso. Adoro fazer as mulheres se sentirem bem consigo mesmas, mas isso é só um emprego. Entendo mesmo é de pêssegos, isso é o que sei fazer melhor. Em minhas veias corre suco de pêssego. Quando sangro, é doce. As abelhas voam pra cima de mim".

A primeira foto dele o mostrava diante de uma mesa em que estavam expostos seus potes e suas poções. Ele obviamente estava jogando sua lãbia nas moças. Willa estreitou os olhos para a foto. Ele decididamente era o mesmo homem com o chapéu Fedora na foto que encontraram enterrada na Madam. Sua pele pinicou com uma espécie de *déjà vu*, mas ela deixou para lá.

Dali em diante, nem um único boletim passava sem mencionar Tucker Devlin. E havia uma progressão nas fotos. Elas começavam com Tucker posando com senhoras mais velhas, mas depois ele foi apresentado à sociedade e começou a preferir as mulheres mais jovens. Havia inúmeros retratos dele com Georgie e Agatha. Ele era energizante. Uma potência. As pessoas pareciam ser inconscientemente atraídas para ele. Com o tempo, as mulheres nas fotografias começaram a ficar desesperadas, com expressões famintas em seus rostos. Se fosse uma foto em grupo, sempre havia uma garota olhando para outra, com olhos estreitos de inveja.

Depois de vários boletins, Jojo mencionou de passagem que Tucker Devlin estava morando na Blue Ridge Madam, o que surpreendeu Willa.

Ele tinha *morado* lá?

Levou um tempo para juntar, através dos boletins, as peças do que acontecera. Aparentemente, Olin Jackson ficou sabendo da antiga profissão de Tucker Devlin, ou o próprio Tucker Devlin abordou Olin Jackson. De qualquer forma, foi elaborado um plano para transformar Jackson Hill num pomar de pêssegos. Empregos seriam gerados. Os Jackson salvariam a cidade novamente. Olin convidara Tucker para morar com eles enquanto criavam esse novo império.

Willa não pôde deixar de se perguntar por que alguém planejaría um pomar de pêssegos naquela elevação. Se Tucker Devlin era quem dizia ser, ele sabería que ali não cresceriam pêssegos. Sabería tratar-se de um empreendimento fadado ao fracasso.

Ainda assim, ele convencera todos de que era possível.

Ele era um trapaceiro, exatamente como Agatha dissera.

Mas isso era motivo suficiente para matá-lo? Quem ele realmente estava prejudicando?

Ao longo do verão, Tucker, agora o menino de ouro da cidade, figurou no boletim, e suas acompanhantes prediletas nas festas eram sempre as mesmas jovens de notável expressão. Curiosamente, embora as amigas de Georgie fossem suas companhias constantes, a própria Georgie pareceu desaparecer da sociedade. Havia menções de ela se sentir indisposta, porém, depois de maio daquele ano, não se viam mais fotos dela.

Então, em agosto, Tucker Devlin também desapareceu. Não havia explicação. Tampouco havia menções do que acontecera com os planos para o pomar de pêsegos. Mais adiante, Willa descobriu uma notinha dizendo que a família Jackson tinha deixado as dependências da Blue Ridge Madam, cumprindo ordens judiciais. O governo tomara a casa por não pagamento de impostos. Isso foi em outubro de 1936, dois meses depois de o corpo ter sido enterrado, se o jornal de Asheville enterrado com o corpo fosse alguma referência.

Isso significava que Georgie e sua família de fato ainda moravam na Madam à época da morte dele.

Não era o que Willa esperava encontrar. E se a polícia tivesse olhado isso, como Fran dissera, então eles também saberiam.

Willa imprimiu todos os boletins de 1936, depois juntou os papéis, apagou as luzes e trancou a porta ao sair. Ela se sentia como a última pessoa a deixar uma festa da qual ninguém realmente queria partir. Ao atravessar o estacionamento até seu jipe, ela pensou ter visto flâmulas prateadas flutuando no céu noturno.

Mas ela piscou e as bandeiras sumiram.



9

Anatomia de raízes

Era difícil ignorar o imenso Mercedes estacionado na frente de sua casa.

Willa encostou logo atrás, desceu e encontrou Colin sentado no balanço que rangia, em sua varanda. A luz do luar penetrava por entre as árvores, fazendo o ar parecer um vidro leitoso. Sua avó costumava dizer algo sobre a forma que o ar ao seu redor fica esbranquiçado quando as coisas estão prestes a mudar. Isso a fez parar enquanto observava Colin balançar devagarzinho, com uma das mãos atrás do balanço. Ele era um daqueles homens cujo cansaço aparece todo nos olhos, de um jeito sonolento e *sexy*. E, a julgar por sua aparência, ele estava exausto.

Então, obviamente, era por isso que ele estava em sua varanda?

Ele com certeza não ia querer dormir novamente em seu sofá. O que será que havia entre os Osgood e seu sofá? Ela mesma ainda não tinha dormido nele.

— Gosto deste bairro — disse Colin quando Willa chegou à varanda. Ele a observou em silêncio, enquanto ela caminhou até ali. Talvez ele também sentisse aquilo, aquela energia curiosa no ar. — É antigo e tranquilo.

— Mas eles não gostam de Springsteen.

— Trágico.

Willa parou diante da porta com a chave na mão.

— O que você está fazendo aqui?

Ele se levantou. Seu joelho estalou.

— A polícia finalmente liberou a Madam para o plantio da árvore amanhã. Eu quis ter certeza de que você virá.

Ele já a convidara, e ela ainda não entendia.

— O que tem de mais o plantio dessa árvore?

Ele sacudiu a cabeça ao caminhar até ela.

— Vou trazer à tona o seu lado de garota da natureza, nem que tenha de morrer para isso.

Ela destrancou a porta.

— Você certamente tem opiniões fortes sobre como devo viver a minha vida.

— Sei ser bastante persuasivo — disse Colin às suas costas, perto o suficiente de seu ouvido para que ela percebesse a distância de poucos centímetros.

— Bem, pode riscar de sua lista essa ideia de garota da natureza. Já tentaram isso — disse Willa, abrindo a porta e entrando, em vez de encará-lo naquele estranho ar branco. Ela acendeu a luz da sala.

— Tentaram? Quem? — perguntou ele, seguindo-a para dentro.

Ela colocou a bolsa e as impressões da biblioteca em cima da mesa de centro.

— Minha amiga Rachel. Ela passou por aqui quando estava fazendo a Trilha Appalache. Tentou me fazer entender. Eu simplesmente não compreendo.

— Vamos ver — disse ele, como se houvesse algum tipo de compromisso a ser feito. Ele olhou em volta para todas as caixas na sala. — O que é tudo isso? Você está se mudando?

— Não. São as coisas da minha avó que eu trouxe do sótão. — Ela caminhou na direção da cozinha, dizendo: — Eu não como desde o

almoço. Vou fazer um sanduíche. Quer um?

— Não, obrigado — disse ele, juntando-se a ela. — Eu já comi. O jantar com toda a família ainda é obrigatório na Cabana da Nogueira. Não sei como a Paxton aguenta.

Estava claro que ele achava que jantar com sua família era algo infernal, mas ela achava legal.

— Jantar com sua família não me parece tão ruim.

— Talvez não seja. Talvez seja um resquício de ressentimento. — A voz dele parecia cansada. Colin puxou uma cadeira da mesa da cozinha e sentou-se. Viu a foto encostada na tigela de pêssegos e a pegou. Willa a deixara ali porque estava receosa de tocá-la, como se quisesse ver se ela se deslocaria sozinha novamente. — Bela foto do seu pai.

— Sim — ela simplesmente concordou sem olhar enquanto abria a porta da geladeira.

— Ele tinha orgulho de você, sabia?

Ela reconheceu aquilo como uma trivialidade, pois como ele saberia o que seu pai sentia por ela?

— Não, não tinha. Mas eu sei que ele me amava mesmo assim.

Colin ficou olhando enquanto ela tirava as coisas da geladeira: pão, peru, broto de feijão e requeijão.

— Desculpe por eu não ter entrado em contato desde sexta-feira.

Willa colocou as coisas do sanduíche na bancada, depois esticou o braço à prateleira acima e pegou um prato:

— Não há do que se desculpar.

— Foi um choque ver aquele crânio. Você está bem?

— Sim. Claro. — Ela pegou uma faca e passou requeijão em duas fatias de pão integral. Sem olhar para Colin, ela acrescentou: — Woody Olsen foi me ver no domingo à noite para falar sobre isso.

— Foi? Por que ele faria isso?

Ele pareceu surpreso. Willa o olhou por cima do ombro. Ele não sabia que Woody desconfiava de sua avó. Isso provavelmente significava que Paxton não lhe contara sobre Agatha ter assumido a responsabilidade pelo esqueleto. Willa subitamente teve esperança

de que ela e Paxton tivessem a mesma posição a respeito disso, de não dizer nada até saberem mais.

— Ele queria saber se minha avó alguma vez comentou sobre alguém ter sido enterrado na colina. Ela nunca falou nada.

— Por isso você desceu essas caixas?

— Sim — disse ela, depois mudou de assunto, voltando a montar seu sanduíche. — Você parece cansado. Deve ter tido um fim de semana difícil.

Isso o fez rir.

— Ainda estou tentando ter uma boa noite de sono. O sono sempre me escapa. Mas meu fim de semana não foi tão difícil quanto o de Paxton. O que aconteceu, exatamente, naquela noite em que ela dormiu aqui?

— Ela também não contou?

— Também? — disse ele. — O que mais ela não me contou?

— Nada.

Colin hesitou, antes de perguntar:

— Eu sei que você e Paxton não são exatamente amigas, mas você não a embebedou de propósito, não é? Como um trote?

Ela se virou. Colin achava que era culpa *dela*?

— Eu nem... — Willa parou, sem saber como se explicar sem comprometer Paxton. Finalmente disse: — Não, não foi um trote. E agora estou confusa. Achei que sua crença em minha natureza selvagem fosse o que você mais gostasse em mim.

— Gosto de muitas coisas em você.

Ela se virou e terminou de fazer seu sanduíche, agora agitada.

— Você não deveria vir me ver assim, tão cansado. Acho que você diz coisas que normalmente não diria.

Ela ouviu a cadeira ser arrastada e ele se levantar.

— Será que não lhe ocorreu que esse seja o motivo para que eu venha vê-la quando estou cansado? — perguntou ele, se aproximando.

Colin parou ao seu lado, olhando-a colocar novamente a tampa do requijão e passar a mão na bancada, jogando farelos de broto de

feijão na pia. Ele esticou o braço e colocou os cabelos dela atrás das orelhas. O gesto foi meigo, mas ela foi atingida por uma força inesperada, como acontece quando estamos no mar e uma onda nos acerta. É tão suave e fresco que nos surpreende por ter tanta força. A água parece inofensiva nesse sentido.

— Venha ao plantio da árvore amanhã — disse ele.

Ela finalmente ergueu os olhos e olhou para Colin. Má ideia. Ali estavam os olhos cansados e *sexy*, mirando alguém que ela achava ter deixado de ser.

— Por quê?

Ele sorriu.

— Tudo isso faz parte da minha sedução.

Ela assimilou aquilo, pensando na forma que Colin pressionara seu corpo contra o dela no dia em que o solo tremeu na Madam.

— Então agora isso é sedução?

Ele se inclinou até Willa lentamente, de olhos abertos, observando seu rosto. Obviamente encontrou o que estava procurando, pois chegou mais perto e tocou seus lábios nos dela. Ela soltou um suspiro, imediatamente varrida pela energia de Colin. Não foi preciso esforço algum da parte dela. A força do que ele estava sentindo arrebatou-a. Colin chegou mais perto, segurou o rosto de Willa com as duas mãos, aprofundando o beijo. Ela adorava a adrenalina, a forma como aquilo a dominava, como acelerava seu coração com um prazer simples, não pelo medo, ou pela ansiedade, que era como ela costumava sentir isso.

Agora Willa estava recostada na bancada, com as mãos nos cabelos dele, tentando trazê-lo mais para perto, querendo mais. Ela se mexeu um pouquinho e a faca que usara subitamente caiu no chão.

Eles se separaram com o som.

Por um momento, ficaram apenas se olhando. As mãos de Colin ainda estavam no rosto dela. Ele passou os polegares mais uma vez pelas maçãs de seu rosto antes de dar um passo atrás.

— Sim, agora é uma sedução.

— Talvez eu não queira ser seduzida. — Depois do que tinha acabado de acontecer, os dois sabiam que ela estava mentindo, mas Colin não disse nada.

— Então o que você quer, Willa? — Como ela não respondeu, ele sorriu e disse: — Vou procurar por você amanhã.

E ele foi embora.

Apenas alguns dias antes, ela tinha a resposta na ponta da língua. Teria dito que queria deixar o passado para trás e viver uma vida boa e tranquila.

Agora, ela não tinha tanta certeza.

Como exatamente se seduz uma pessoa com o plantio de uma árvore? No fim das contas, foi isso que aconteceu. Willa deixou Rachel cuidando da loja, depois seguiu de carro até Jackson Hill, mas teve de estacionar na base da colina e subir a pé, pois o tráfego estava interrompido na estrada. Isso foi surpreendente.

Mais surpreendente ainda eram todas as pessoas que estavam ali. Perfiladas por toda a extensão da colina até a Madam, havia curiosos, fotógrafos e até equipes de televisão esperando pela chegada da árvore.

Quantas pessoas ele planejava seduzir hoje? Isso era obviamente mais importante do que ela havia imaginado.

Quando chegou ao topo da colina, Willa parou e olhou para a casa. Tentou imaginar sua avó, aos dezessete anos morando ali, com sua pobreza distinta, quando o trapaceiro encantador se mudou para lá prometendo salvar todos. Será que Georgie teria se apaixonado por ele? Será que ele a engravidara? Não, claro que não. Ela nem pensaria nisso. Mas e se Agatha tivesse se apaixonado por ele? E se ela e Georgie tivessem se tornado rivais? Talvez por isso ela o teria matado.

O monte de terra onde ficava o pessegueiro ainda estava claramente visível. Subitamente ocorreu-lhe que sua avó tinha de saber o que acontecera. Os boletins não diziam que ela

desaparecera da sociedade naquele verão? Isso significava que ela estivera ali, observando tudo. Ela sabia o que Agatha tinha feito. E nunca disse uma palavra.

Ainda olhando a casa, seus olhos pousaram em Paxton, que estava falando com um conselheiro de um dos acampamentos de verão da redondeza, custeados pelo fundo beneficente dos Osgood. Os garotos do acampamento estavam todos esperando com cartazes que haviam feito, dando boas-vindas à árvore.

Paxton a viu, mas desviou o olhar. Agora, Willa não podia mais olhar Paxton sem ver um pouquinho de Agatha e imaginar o que teria acontecido entre suas avós durante aquele verão.

O bipe de algum maquinário chamou a sua atenção para o buraco gigantesco no terreno lateral da Madam e para os homens e equipamentos que o cercavam. Ela finalmente encontrou Colin, que andava de um lado para o outro no terreno, falando ao celular. Em determinado momento ele disse algo ao telefone e desligou, depois foi até a beirada do precipício da colina.

Willa seguiu seu olhar e percebeu que ele estava observando a estrada. A ligação provavelmente era de uma associação de transporte ambiental, falando sobre a árvore. Claro, o trator logo surgiu subindo lentamente pela rodovia, que tinha sido fechada apenas para o transporte da árvore até ali. Havia carros de polícia acompanhando, com as luzes azuis acesas. Foi uma visão inesperadamente magnífica, algo que a deixou extasiada. Havia um ar majestoso naquela velha árvore, orgulhosamente pousada na traseira do rebocador adaptado.

Desde a hora em que ela a avistou na estrada, até que o caminhão surgisse ao pé da colina Jackson e seguisse seu arrastado caminho até em cima, o rebocador levou quase quarenta e cinco minutos, gemendo devido ao peso monumental de sua carga. Ela era ainda mais deslumbrante de perto, esse carvalho que tinha vivido por mais de um século. Devia ter mais de doze metros de altura. Com um leque de copa que devia passar de vinte e cinco metros de diâmetro, ao passar arrancava aplausos das pessoas que

estavam na colina, gente que parecia estar sendo afetada como Willa por esse louco empenho para salvar uma árvore que provavelmente tinha sido plantada durante a Guerra Civil.

Desde que chegou à Madam, até ser posicionada no buraco, foi um processo demorado e martirizante. Ela estava paralisada.

Assistir ao plantio em si foi de tirar o fôlego, foi como assistir a uma batalha primitiva entre o homem e a fera. A árvore parecia um animal gigantesco, lutando contra os caçadores que tentavam capturá-la. Conforme o maquinário baixou a gigantesca raiz em forma de bola, recoberta por juta e arames, os homens pegaram as cordas presas aos galhos. Eles gritavam e a árvore gemia, parecendo realmente se retorcer contra suas amarras. Os homens que seguravam as cordas se moviam em sincronia, correndo para um lado, depois para o outro. Eles conheciam esse animal, conheciam seus hábitos. Sabiam como domá-lo.

Então, finalmente, estava ali dentro.

Foi uma das coisas mais gloriosas que ela já tinha visto na vida.

Willa tinha certeza de que Colin não fazia ideia de que ela estava ali. Nem uma única vez ele ergueu os olhos do local. Quando terminou, Colin estava corado, sua roupa pingava de suor e ele sentia falta de ar. Parecia extremamente excitado.

Ele finalmente ergueu os olhos e olhou ao redor, como se procurasse alguém. Colin achou Willa na pequena aglomeração que restava. Sorriu lentamente e, *bum*, lá estava aquele desejo que ela sentira na noite anterior. Era forte e primitivo. Por um momento eletrizante, estava ligado a tudo ao redor deles. Chegou a fazê-la dar um passo atrás.

Como ele poderia saber o efeito que isso causaria nela se nem ela mesma sabia?

Era demais essa sensação de não conhecer mais sua própria natureza, a anatomia de suas próprias raízes.

Ela se virou e partiu.

Willa se sentiu nervosa e agitada pelo restante do dia. De volta ao trabalho, ela tomava um susto toda vez que a campainha da porta tocava. Quando chegou em casa, ficava esperando uma batida na porta. Entrou no chuveiro porque estava com a pele quente, como uma queimadura de sol, como se naquele dia tivesse ficado exposta a algo com um efeito duradouro sobre ela. Willa não conseguia se livrar daquilo.

O telefone tocou bem na hora em que ela saiu do chuveiro. Correu até o quarto e atendeu.

— Alô?

— Acho que as coisas correram bem hoje — disse Colin, baixinho. Era *isso* que ela passara o dia esperando.

— Sim — disse Willa, com a boca subitamente seca. — Acho que você alcançou o que se dispôs a fazer.

— Tire o sábado de folga e passe o dia comigo.

A parte boa de ele ficar ali por apenas um mês era que ela poderia rapidamente se livrar desse frio na barriga que ele causava. Depois Colin iria embora e ela poderia voltar ao normal. Essa foi sua justificativa para finalmente ceder e dizer sim.

Naquela noite, durante o jantar, o pai de Paxton circulava olhando seu *smartphone*, que havia substituído o jornal que ele costumava trazer para a mesa, e sua mãe papeava alegremente sobre a boa cobertura que o plantio da árvore tivera na mídia e como isso recompensaria toda a publicidade negativa que o esqueleto havia causado.

— Estou contente que aquele pequeno incidente seja passado — disse Sophia. — Aquilo não repercutiu bem para nenhum de nós. Paxton, você deve fazer uma pequena reunião para dizer ao clube que agora está tudo bem com a Madam. Ouvei um boato de que havia membros querendo mudar o local do baile de gala. Imagine! Depois de os convites terem sido distribuídos.

— Sim — disse Paxton. — Também ouvi isso. — No instante em que falou, ela se arrependeu.

— E você não me disse? Tive de ouvir de Shane Easton! — Vinte e cinco anos antes, Sophia tinha sido presidente do clube, e ela havia preparado Paxton para fazer o mesmo. Quando chegou a hora de Sophia deixar o clube, Paxton teve dificuldades em impedir que a mãe continuasse a controlar as coisas por meio dela. Paxton ficara muito feliz quando Sophia parou de perguntar cada detalhe sobre as reuniões no instante em que ela chegava em casa. Não que sua mãe deixasse de esperar ser informada de tudo.

Colin limpou a garganta.

— Eu gostaria de fazer um comunicado — disse ele. — Não quero que ninguém nesta mesa me arranje uma acompanhante para o baile de gala. Sei que vocês ficarão tentadas a fazê-lo. Mas não façam.

— Mas, Colin, eu estava pensando na adorável Penelope Mayfield — disse Sophia, imediatamente distraída.

— Rá! — disse Colin, apontando o dedo para a mãe, com a mão que segurava sua taça de vinho. — Eu sabia que você estava planejando algo. Não, eu me recuso.

— Ah, Colin — disse Sophia, indulgente. Colin olhou para Paxton e piscou. Ele fizera isso por ela.

Depois do jantar, Colin foi rapidamente para o pátio, algo que ele passara a fazer a semana toda. Naquela noite Paxton foi atrás dele.

— Eu não entendo — disse ela, sentando-se na espreguiçadeira ao lado dele.

— Não entende o quê? — perguntou Colin, de olhos fechados, com a cabeça recostada nas almofadas.

Ela tentou imitar sua posição, mas não conseguiu se sentir à vontade.

— A mamãe adora você. O papai não está mais tentando fazê-lo jogar golfe. E você continua louco para se afastar.

— Você deveria saber isso melhor que qualquer um, Pax. É preciso muita energia para manter o escudo protetor.

— Se você se mudasse de volta, não teria de jantar com eles toda noite. Eu faço isso porque moro com eles. Você teria sua própria casa.

— Eu sei.

— Quando vai se mudar para cá? — perguntou ela. — Você não precisa morar em Nova York para trabalhar. Sua base poderia ser aqui.

— Não sei se estou pronto para isso.

— Pronto para o quê? Para estar presente para sua família? Nossa, Colin, como deve ser legal ser você. — Ela não tinha ideia do motivo para estar arranjando briga com ele. Colin não merecia. Ele nem era o verdadeiro motivo por ela estar aborrecida.

— Estou aqui agora, não estou? Você me pediu, eu estou aqui.

— Por um mês.

O peito de Colin estufou conforme ele respirou fundo, inalando o ar calmante.

— Estou cansando, Pax. Não quero brigar com você.

Seu irmão nunca dormia bem. Ao menos isso era algo que eles tinham em comum.

— Nem eu. Desculpe.

Por um tempo, os grilos compensaram a ausência de conversa. As nuvens se aproximavam, diminuindo a luz, à medida que encobriam a lua, fazendo parecer ter havido uma queda de energia. Paxton podia sentir suas emoções espelhadas no céu. Ondas radiantes de felicidade. Períodos sombrios de melancolia.

Paxton finalmente disse:

— É a Willa Jackson que você vai levar ao baile de gala, não é?

— Estou trabalhando nisso — disse Colin, sorrindo. Ele virou a cabeça na almofada para olhar a irmã. — E você? Vai com quem?

Antes da semana anterior, antes do beijo, ela teria dito Sebastian. Mas agora não tinha tanta certeza. Ele se oferecera, na clínica, no fim de semana, mas agora era terça-feira e ela ainda não tivera notícias dele, nem depois de ter ligado naquele dia, deixando um recado pedindo desculpas. Ela não gostava de permanecer longe

dele. Criava um buraco em sua vida que ela não sabia como preencher, porque Sebastian era seu melhor amigo, seu único amigo. Mas como Paxton poderia olhá-lo nos olhos depois do que aconteceu, depois de saber, definitivamente, que ele jamais poderia dar o que ela tanto quisera por toda a sua vida? Durante um instante, Paxton invejou a vida boa e desimpedida do irmão. Por um momento ela entendeu por que Colin ficava longe.

— Talvez eu vá sozinha — disse ela. — De qualquer jeito, haverá muito a fazer para que eu possa dar atenção a um acompanhante.

— Eu serei seu acompanhante — ele ofereceu.

— Não, convença Willa a ir. Ela deve estar presente, pela avó. — Paxton parou. — Willa estava no plantio da árvore hoje. Você a viu?

— Sim, vi — disse ele. — Fui eu que a convidei.

Paxton mordeu o lábio inferior.

— Então, vocês dois... conversaram?

— Sim. Por quê?

— Imagino que ela tenha contado tudo que aconteceu na sexta-feira à noite.

— Na verdade, não — disse ele. — Eu perguntei. Ela não quis me contar.

Isso a surpreendeu.

— Ela não lhe contou nada?

Colin ergueu a cabeça.

— Você está me dando a mesma impressão que tive dela. Tem mais algum segredo? O que está havendo?

— Nada.

Colin suspirou e virou o rosto para o luar inconstante.

— Foi isso que ela disse.

Mais tarde, naquela noite, Sebastian estava sentado na mesa da área reservada do decadente restaurante Happy Daze, junto à estrada, com uma xícara de café, como costumava fazer quando era

adolescente. A única diferença era que agora ele não estava com sua mochila de livros para ler noite adentro.

Bom, e se vestia melhor e não usava mais delineador.

Seu pai fora alcoólatra, então Sebastian passava todo o tempo que podia longe dele. Ele simplesmente se sentava nesse restaurante da estrada, onde sua tia-avó o levava quando menino, único lugar que ela podia pagar; pedia um café e lia os livros da biblioteca até ficar tão cansado que mal conseguia se manter acordado, então ia para casa e dormia no sofá da varanda, para não ter de enfrentar os abusos verbais de seu pai. Ele sempre chamava Sebastian de bicha, particularmente quando estava bebendo. Então, Sebastian se levantava e ia para a escola, e ouvia quase a mesma coisa.

— Oi, querido — disse Lois, parando em seu espaço na área reservada. — Achei que você gostaria de uma torta.

Sebastian sorriu para ela. Lois era garçonete ali desde que ele era pequenininho. Era uma velha magra de lábios pintados e usava uma peruca loira torta. Ela e outra senhora eram as duas únicas garçonetes do local e usavam vestidos azuis de poliéster com aventais de babadinho. O lugar tinha poucos clientes, a maioria com mais de setenta anos. Ninguém prestava atenção nele. Ninguém se incomodava por ele estar ali, motivo pelo qual esse era seu porto seguro. Sebastian achou que já tinha superado isso, mas acabou descobrindo que estava errado.

— Não estou com fome, Lois, mas obrigado.

— Coma — disse ela, deslizando o prato na mesa. — Você ainda está magro demais. E não dá para esconder com esses seus ternos elegantes.

Ela se afastou com os sapatos ortopédicos rangendo no piso de linóleo. Para Lois, torta era amor. E Sebastian era grato por isso. No instante em que ele entrou, alguns meses antes, ele e Lois voltaram à antiga rotina. Ela tentava alimentá-lo. Ele ainda recusava. Ela ainda o deixava ficar até a hora que ele quisesse. Só que agora ele podia dar gorjetas melhores.

Ele empurrou o prato de torta para o lado, depois olhou o celular junto à xícara de café.

Pegou o aparelho e ouviu novamente o recado de Paxton.

— Oi, Sebastian. Sou eu. Não o vejo há dias. — Ela parou. Estava falando ao celular, provavelmente em seu carro. Ele pôde ouvir o barulho do trânsito. Barulho de motores. Ela dirigia da forma que fazia todas as outras coisas, com confiança e determinação, executando várias tarefas ao longo do caminho. — Eu só queria dizer que lamento. Por tudo. Por sexta à noite. Por não ligar quando fiquei bêbada e precisei de você. Você está liberado se não quiser ir ao almoço e recital no sábado. Sei que você não gosta de música clássica e, de qualquer forma, só aceitaria ir por minha causa. Só... me ligue, para que eu saiba que você está bem. Tchau.

Ele colocou o telefone de volta ao lado do café.

Quando voltou para Walls of Water, Paxton Osgood era a última coisa que ele esperava que fosse lhe acontecer. Foi preciso muita coragem para voltar à cidade, mas ele se convencera de que descobrir sobre a aposentadoria do Dr. Kostovo tinha sido um sinal. Desde o começo, ele se insinuou ostensivamente em círculos que anteriormente o rejeitaram. Aqueles que se lembravam dele talvez ainda o olhassem de forma estranha, mas Sebastian achou seu lugar facilmente. Com mais facilidade do que imaginara. Ninguém disse que ele não fazia parte, que era exatamente o seu desejo. No entanto, ele não se sentia como previu. Estava preparado para enfrentar o que deixara para trás, armado com amargura e arrogância, somente para descobrir que ali não restara batalha alguma para lutar. Só havia suas lembranças de um garotinho confuso e negligenciado, que era magro demais e lindo demais para ser amado pelo pai, um menino que sofria deboches de outras crianças e era mal interpretado por todos. Portanto, nada de batalhas. Só fantasmas.

E Paxton.

Ele escondera sua sexualidade por muito tempo. Isso só aumentava a dissonância entre o que ele era e como era visto. Logo

que encontrou Paxton, não achava que a questão viria à tona. Eles imediatamente se deram bem e Paxton rapidamente se tornou sua amiga, o que não foi uma grande surpresa. As mulheres frequentemente queriam ser suas amigas, como se a amizade com ele fosse um troféu. O surpreendente era a forma que Paxton era sincera sobre isso, como era terrivelmente grata. Ela se agarrou a ele como se estivesse perdida no deserto e Sebastian fosse seu oásis. E ele tinha de admitir, era bom ser seu confidente. Ela era a garota de ouro da cidade, tinha tudo, e foi *e/le* quem ela escolheu para fazer confidências. Contudo, quanto mais eles se conheciam, mais ela se sentia à vontade para expressar afeição, e Sebastian foi lentamente percebendo que ela sentia algo mais que somente amizade. Seus próprios sentimentos o confundiam. Ele não sabia como abordar o que estava acontecendo entre eles e, como ela evitava o assunto, Sebastian tinha imaginado ser apenas temporário, e eles seguiam em frente normalmente.

Até aquela noite na casa dela.

Ele respirou fundo, depois beliscou o osso do nariz.

Ela estava nervosa. Cansada. Ela imediatamente se arrependera.

Deveria ter sido só isso, certo? Mas se ela se arrependera e ele queria seguir em frente, por que estavam dançando um em volta do outro? Por que agora ela estava lhe dizendo que ele não precisava mais acompanhá-la em eventos sociais? Por que o evitava?

Será que ela achava que não conseguiria deixar de agarrá-lo?

Ou seria o contrário?

Ele nunca imaginou se deparar com isso. Achou que voltar ali finalizaria muitas questões antigas. E o fizera. Mas também abriu uma porção de novas que ele se convencera, cinco anos antes, a jamais enfrentar.

E agora ele não tinha a menor ideia do que fazer.



10

O homem mágico

No fim da tarde de sexta, Paxton não suportou mais. Ela tinha de ver Willa. Por que ela estava tão quieta? Será que estava planejando usar tudo que sabia contra Paxton mais adiante? Entre a discussão bêbada, no Gas Me Up, a confissão de Paxton sobre Sebastian e, acima de tudo, a explosão de Nana Osgood, o potencial para constrangimento público era enorme e isso era a última coisa de que ela precisava no momento: mais escândalos cercando a Madam. Como ela foi acabar devendo tanto a uma mulher que mal conhecia?

Paxton seguiu de carro até o bairro de Willa e estacionou atrás de seu jipe. Endireitou os ombros, marchou até a porta e bateu. Ainda estava claro e o cheiro dos jantares de verão sendo preparados pairava no ar, os tomates fatiados, as vagens frescas, o cheiro do carvão. Quando Willa abriu a porta, o contraste entre as duas não podia ser mais óbvio. Willa estava confortável, de *jeans* e camiseta curta que parecia feita de bandanas. Paxton estava com um vestido bege justo e *blazer* de alfaiate, que ela borrifava regularmente ao longo do dia, com um vaporizador, para desamassá-lo.

— Paxton — disse Willa, surpresa. — Entre.

— Eu estava preocupada que você não estivesse aqui — disse Paxton entrando enquanto Willa fechava a porta.

— Estou sempre aqui sexta à noite. Reservo as noites de sexta para passar aspirador. A diversão nunca termina na Casa Jackson.

Paxton ajustou a bolsa no ombro.

— Então o que estava fazendo na rua na última sexta?

— Eu fui a um jantar que não pretendia ir.

Sorte minha. Paxton respirou fundo e foi direto ao assunto.

— Colin me disse que perguntou a você sobre o que aconteceu na sexta passada e você se recusou a dizer. Ele também parece não saber sobre a confissão de Nana Osgood. — Ela hesitou. — Achei que você fosse contar a ele. Eu esperava que você contasse para todo mundo.

Willa franziu as sobrancelhas.

— Por que eu faria isso?

— Segundo a minha experiência, as pessoas parecem ficar mais alegres do que deveriam quando as coisas não dão certo para mim.

— Bem, quando Colin mostrou não saber que a polícia tinha me perguntado sobre minha avó, eu imaginei que estivéssemos na mesma posição. De qualquer forma, como saberíamos o que aconteceu? — perguntou Willa.

— Você está certa. Não sabemos — disse Paxton, aliviada. — Mas eu acho um absurdo que Georgie tenha alguma coisa a ver com aquele esqueleto. Sempre gostei da sua avó. — Houve um silêncio constrangedor no ar. — Tudo bem, eu sei que você não pode dizer a mesma coisa sobre a minha.

Willa deu um sorriso lamentoso.

Paxton olhou em volta sem jeito. Havia caixas na sala que não estavam ali na semana anterior. Os olhos dela imediatamente pousaram sobre um lindo vestido cinza que estava por cima de uma das caixas. O tecido era bordado e parecia coberto de estrelinhas reluzentes. Ela se aproximou e tocou-o com a reverência que só quem conhece o verdadeiro poder de um vestido pode ter.

— Isso é deslumbrante. É *vintage*? — Só podia ser. Tinha o bustiê justo, cintura marcada e a saia rodada do começo dos anos 1950.

Willa assentiu.

— Aparentemente é de 1954. Ainda tem as etiquetas. E estava na caixa original com o cartão. Foi um presente de Natal da sua avó para a minha. Ela o guardou todo esse tempo, mas nunca usou.

— Elas foram realmente amigas, não foram? — disse Paxton, ainda olhando o vestido.

— Em certa época, sim, acredito que foram.

Paxton se afastou do vestido e apontou para as outras caixas.

— O que é tudo isso?

— As coisas da minha avó. Estive olhando as coisas dela. Você me pegou quando eu estava colocando as caixas de volta no sótão.

— Procurando respostas? — Paxton imaginou. Claro que ela estava. Georgie Jackson não machucaria uma mosca. E Willa estava decidida a provar. Mas, quando se tratava de Nana Osgood, Paxton não tinha certeza do que ela seria capaz. E isso a amedrontava.

— Mas não encontrei muita coisa — disse Willa, dando de ombros.

— O que você encontrou?

— Não estou querendo incriminar Agatha, se é o que você está pensando. Só quero saber o que aconteceu. Depois daquele ano, as coisas não foram mais as mesmas para a minha avó. Estou começando a achar que Tucker Devlin teve algo a ver com isso. — Ela foi até a mesa de centro e remexeu em alguns papéis que estavam ali. — Encontrei isso na biblioteca. — Ela entregou a Paxton as impressões dos boletins da antiga sociedade. Willa deu um tapinha numa foto em preto e branco granulada, de um homem de terno, atrás de duas adolescentes suspirantes. O estilo das roupas parecia ser da década de 1930, ou 1940. — Esse é Tucker Devlin. Ele está com Agatha e Georgie nesta foto.

Perplexa, Paxton olhou mais de perto. Certamente eram as maçãs bem definidas do rosto de sua avó, seus grandes olhos escuros. Ela parecia tão *feliz*. O que teria acontecido? Para onde foi essa garota?

— Tem uma coisa me intrigando — disse Willa. — Você acha uma simples coincidência que o Clube Social Feminino tenha sido fundado na mesma época em que ele foi morto?

— Claro que é coincidência — disse Paxton, imediatamente. — Como as duas coisas poderiam estar ligadas?

— Eu não sei. Tudo o que sei é que, segundo esses boletins, nossas avós eram amigas aparentemente dedicadas uma à outra. Então, Tucker Devlin chegou e de repente elas se tornaram rivais pela afeição dele. Ele desapareceu em agosto, quando elas se reaproximaram e criaram o clube.

Paxton esfregou a testa. Por que isso tinha de fazer tanto sentido?

— Por favor, não deixe que essa teoria se espalhe. Eu já tenho pouco controle sobre o clube.

— Achei que tivéssemos acabado de falar sobre isso. Não vou contar a ninguém — disse Willa. — Gostaria de beber alguma coisa?

— Sim — disse Paxton. — Obrigada.

Quando Willa deixou a sala, Paxton foi até o sofá e sentou-se, tentando não deixar que ele a lembrasse do quanto passou mal na última vez que esteve sobre ele. Ela colocou a impressão do boletim com os papéis na mesa de centro, depois notou um álbum de fotografias com uma única foto em cima. Ela a pegou e observou. Ele parecia tão magnético naquela foto. Era o tipo de homem que passava a certeza de poder destruir civilizações inteiras com apenas um sorriso. Por que sua avó o mataria?

Willa voltou com duas garrafas de suco e entregou uma a Paxton.

— Tucker Devlin era certamente bonito — disse Paxton. — Se nossas avós tiveram uma queda por ele, dá para ver o motivo.

Willa pareceu confusa.

— Este não é Tucker Devlin. Esta é uma foto antiga do meu pai, que encontrei no álbum. Fiquei em dúvida se guardava ou não.

Paxton olhou novamente a foto.

— O quê?

— Esta é uma foto do meu pai.

— É? Ele é igualzinho ao Tucker Devlin.

Willa pousou sua garrafa e pegou a foto para olhar. Depois ela ergueu o retrato. Comparou as duas, e uma expressão de compreensão estampou o rosto de Willa quando ela despencou no sofá ao lado de Paxton.

— Ai, Deus, eu estava me esforçando tanto para não acreditar.

Segundos depois, Paxton também se deu conta. Georgie Jackson estava grávida quando sua família perdeu a Madam, e todos sabiam disso. Mas ninguém sabia quem era o pai da criança. Até agora.

Era isso. O fato que provocava a reviravolta em tudo. Essa não era apenas a história de Paxton, a qual ela amava e protegia, e que lhe dava uma sensação tão forte de pertencimento. Era a história de Willa também. E, de alguma forma, elas estavam ligadas. Descobrir que Tucker Devlin podia ser avô de Willa era demais para ignorar. Willa precisava saber o que acontecera com sua família, mesmo que isso mudasse a forma que Paxton pensasse sobre a dela.

— Acho que precisamos conversar com a Nana Osgood — disse Paxton.

Naquele fim de tarde, Agatha estava sentada no sofá de dois lugares em seu quarto enquanto o sol se punha. Ela não podia vê-lo, mas era capaz de senti-lo, de reconhecer o calor que passava por seu rosto, em pequenos movimentos. Havia um leve toque de pêssegos no ar, mas isso não a assustava. Ela estava simplesmente contente por Georgie não estar consciente o bastante para percebê-lo agora.

Naquela noite, ela não quis comer no salão de jantar, então pediu que a comida fosse levada ao seu quarto. Ela gostava de comer sozinha. Seu último prazer. De qualquer forma, ela não se preocupava com sociabilizar com outras pessoas dali. Estava velha demais para fazer amigos. Ninguém mais a compreendia.

Ela não estava deprimida. Agatha nunca ficara deprimida. Era autossuficiente demais para isso. Não que ela gostasse de suas circunstâncias atuais, além de se ver cada vez mais no passado

desde que ouvira falar da Madam e da descoberta dos restos de Tucker Devlin.

— Nana Osgood? — era a voz de Paxton vindo da porta.

— Paxton, o que você está fazendo aqui? Você acabou de perder um encontro com seu irmão, o garoto árvore. Ele finalmente veio me visitar. E me trouxe chocolates. O que você trouxe para mim?

— Willa Jackson — disse Paxton ao entrar no quarto. Ouviu-se outro par de passos e surgiu outra sombra ao lado de Paxton.

— Olá, Sra. Osgood — disse Willa. Willa tinha sido uma criança sorrateira. Não cruel. Nem traiçoeira. Ainda assim, sorrateira. Agatha sempre vira isso. Georgie também, porém, assim como foi com Ham, ela achava que poderia encobrir qualquer traço que lembrasse Tucker Devlin, mantendo sua família na maior descrição e normalidade possíveis. Isso nem sempre foi vantagem para eles. Na verdade, Agatha acreditava que Ham poderia ter realizado grandes coisas se ao menos a mãe não lhe incutisse tanto o senso de pequenez. Mas Georgie sentia que estava apenas equilibrando a natureza intempestiva de Tucker, que ela temia ter sido herdada por Willa e Ham. E claro que eles tinham herdado. Até aí, isso sempre foi claro, mas não significava que eles se tornariam maus. Ela deveria ter dito isso a Georgie.

— Vocês duas juntas aqui só pode significar uma coisa — disse Agatha. — Vocês querem saber o que aconteceu.

— Willa encontrou algo chamado *Boletim da Sociedade de Walls of Water*. Nós juntamos os pedaços.

— O *Boletim da Sociedade*. Eu tinha me esquecido dele. — Agatha riu quando pensou nisso, no quanto achavam o Boletim importante naquela época. — Era a Jojo McPeat que publicava. Aquela mulher era a pessoa mais enxerida que Deus já criou.

— Sra. Osgood, Tucker Devlin era o pai do meu pai? — perguntou Willa.

Aquilo a atingiu no ponto onde ela achava ficar seu coração.

— Vocês deduziram isso, é?

— O que aconteceu? — perguntou Paxton, sentando-se ao lado de Agatha. Willa permaneceu na porta. — A senhora realmente o matou?

— Sim, matei — disse Agatha. Por todas as coisas que ela não pôde dar a Georgie, ela pôde ao menos lhe dar isso.

— Por quê?

— Porque somos ligadas, como mulheres. É como uma teia de aranha. Se uma parte dessa teia vibra, se há problemas, todas nós sabemos. Contudo, na maior parte do tempo, somos apenas medrosas, egoístas ou inseguras demais para ajudar. Mas, se não nos ajudarmos, quem irá fazê-lo?

— Então a senhora o matou *por* Georgie? — perguntou Paxton, e seu tom insinuava que ela imaginava ter sido por outros motivos, razões menos nobres.

— Houve uma época em que a Georgie e eu éramos unha e carne. Eu achava que nada mudaria isso. Até Tucker Devlin. Vocês precisam entender como eram as coisas naquela época. Foi durante a Grande Depressão e, além disso, a nova floresta nacional significava o fim dos madeireiros. Aqueles, dentre nós, que conseguiram guardar seu dinheiro estavam tentando ajudar os que o tinham perdido. Quando ele chegou, foi como se revivêssemos. Os dias eram mais iluminados. A comida era mais saborosa. Ele prometeu a cada um de nós exatamente o que mais queríamos. E nós acreditamos nele. A cidade toda acreditou nele. Éramos seus prisioneiros. E logo no início nós aprendemos a não enfurecê-lo. Havia um velho chamado Earl Youngston que repetidamente tentava nos fazer ver que Tucker era um trapaceiro. Um dia, depois de um confronto com Tucker, a barba de Earl cresceu doze metros, da noite para o dia, mantendo-o preso à sua cama. Depois disso, ele se calou e passou a ter de se barbear seis vezes por dia.

Nana Osgood se calou por um momento.

— Depois de um tempo, todos os homens queriam sua opinião e todas as garotas estavam apaixonadas por ele. Ele se assegurou disso. Pois sabia que a melhor forma de obter o que queria era

destruir o que nos fortalecia. E nossa amizade era o que nos fortalecia. Ele mudou tudo isso. Foi por isso que nós ficamos tão enciumadas quando Tucker se mudou para a Blue Ridge Madam com seus planos grandiosos de salvar a cidade, transformando Jackson Hill num pomar de pessegueiros. Georgie não era apenas a mais bonita de nosso grupo como estava sob o mesmo teto que ele.

Agatha virou a cabeça. Ela pôde ouvir que o carrinho com a comida estava vindo pelo corredor. Essa era a única expectativa que lhe restara. Seu estômago se retraiu.

— Nana? — disse Paxton.

Onde ela estava?

— Ah. Bem, Georgie tentou nos contar o que estava acontecendo. Ela disse que Tucker dormia no sótão e andava muito de um lado para o outro. Disse que ele era inquieto e isso afetava a casa toda. Disse que os ratos fugiam, mas os pássaros estavam sempre tentando entrar. Ela dizia coisas como “Ele tem um temperamento cruel” e “Ele não me deixa em paz”. Mas nós a detestávamos por isso, porque o queríamos para nós. Depois de alguns meses, Georgie começou a nos evitar. Ela não ia mais às festas. Achamos que ela queria dizer que não éramos boas o bastante para ela. Mas ela o fazia porque estava assustada e envergonhada, e quando nós lhe viramos as costas ela não tinha mais ninguém.

— Por que ela estava assustada e envergonhada? — perguntou Willa.

— Não havia nenhuma história de amor se passando por lá — disse Agatha. — Tucker a violentou. Esse foi um dos motivos para que ele quisesse se mudar para lá. Para pegá-la.

As meninas ficaram em silêncio. O carrinho de comida se aproximava.

— Quando ela finalmente juntou coragem suficiente para me contar que estava grávida, fiquei com muita raiva de mim mesma. Ela era minha melhor amiga, e inúmeras vezes tentara me contar o que estava acontecendo, mas eu deixei que meu ciúme atrapalhasse. Eu poderia ter impedido. Poderia ter impedido tudo.

— Então o matou pelo que ele fez — disse Paxton.

— Não. Eu o matei porque ele não parava de fazê-lo. Ele a aterrorizava. Eu o atingi na cabeça, com uma frigideira.

— A frigideira que estava enterrada com ele — imaginou Willa.

— Sim.

— Ninguém soube? — perguntou Paxton. — Você o enterrou embaixo do pessegueiro sozinha?

— Georgie sabia. Nós o enterramos juntas. E naquela época não havia o pessegueiro. Ele nasceu depois. — Houve uma batida na porta. — Ele sempre disse que tinha suco de pêssego nas veias.

— Aqui está seu jantar, Sra. Osgood — disse a copeira.

— Agora vão — disse Agatha. — Eu quero comer.

— Mas... — disse Paxton.

— Se vocês quiserem saber mais, voltem. A história tem cerca de setenta e cinco anos. Ela não vai a lugar nenhum.

Agatha ouviu o ruído dos passos das meninas se afastando. Gostava das duas juntas. Isso lhe dava esperança.

— Não nos subestime. Você fez isso antes e olhe aonde isso o levou — ela disse a Tucker.

— O que disse, Sra. Osgood? — perguntou a copeira enquanto colocava a bandeja diante dela.

— Nada. Agora me deixe comer — Agatha disse a ela. Depois, acrescentou. — Vocês dois.



11

Poção do amor

Uma companhia de dançarinos europeus, grupos africanos de capela, sineiros chineses, isso realmente não importava. Todo ano, o Clube Social Feminino escolhia algum obscuro grupo internacional para patrocinar numa turnê americana e, em retorno, elas recebiam uma apresentação especial privativa. Era sempre o ponto alto da temporada social de verão, exceto dessa vez. Nessa temporada, o baile de gala era o único assunto comentado por todos, para a consternação de Moira Kinley, que seria a anfitriã anual do concerto.

Faltava menos de uma semana para o baile de gala, e Moira sabia o que tinha pela frente. Mas ela era esperta. Astuta. E, acima de tudo, era sulista. Então, programara o concerto para um almoço, não um evento noturno, situações que exigiam trajes completamente diferentes, e conseguira contratar Claire Waverley como *chef*. Todos queriam suas festas com bufês de Claire Waverley, da cidade universitária de Bascom. Sua comida conseguia tocar todos de maneiras mágicas. Era algo que seria uma grata lembrança durante anos. Algo que seria comparado a todas as outras refeições que você fizesse. Ninguém dispensaria isso, nem Paxton, que

habitualmente não comia em eventos sociais, nem tinha um acompanhante para esse.

— Apresente-se a Claire Waverley — disse a mãe de Paxton enquanto a seguia até a porta da frente.

— Farei isso — disse Paxton, checando o relógio. Ela torceu para ter tempo de ligar para Willa e ver como ela estava. A noite anterior tinha sido intensa. Mas agora seu tempo se esgotara. Elas concordaram em se encontrar novamente na casa de repouso no domingo.

— Cause uma boa impressão — disse Sophia.

— Farei isso.

— Dê isso a ela. — Sophia entregou uma caixinha embrulhada num belo papel azul com estampa xadrez.

Paxton olhou a caixa, curiosa.

— O que é?

— É um presente para a *chef*, um broche de ouro em formato de flor, porque ela trabalha com flores comestíveis. E eu também escrevi um belo bilhete.

Não era um presente, era um suborno, mas Paxton não frisou isso.

— Você realmente a quer no banquete de sua festa de aniversário de casamento, não é?

— Só faltam oito meses! — disse Sophia, preocupada.

A essa altura, Paxton já tinha chegado à porta.

— Tchau, mamãe.

— Sim, tchau — disse Colin, surgindo do nada e saindo pela porta antes delas.

— Colin! Aonde você está indo? — Sophia gritou.

— Comungar com a natureza — ele gritou de volta.

Paxton saiu e Sophia disse:

— Arrume a tira de sua sandália, está torta.

Paxton alcançou Colin enquanto ele caminhava até o Mercedes preto do pai.

— Isso foi fácil demais para você — disse ela. — Levei dez minutos só para chegar até a porta.

— O truque é não olhar direto nos olhos. Eles não atacam se você não olhar nos olhos.

Ela sorriu, mesmo sem querer.

— Você está de bom humor.

— Sim, estou. — Ele olhou-a, pensativo. — Mas você não está. Quando foi a última vez em que esteve de bom humor, Pax? Eu sei que você não acha que eu ligo. Mas eu ligo. Nada irá melhorar até você dar o fora desta casa. Encontre o que a faz feliz. Obviamente, não está aqui.

Não, não estava. Ela só não tinha certeza de onde estava.

— Você realmente vai comungar com a natureza?

— Na verdade, eu tenho um encontro com a Willa hoje. Motivo pelo qual eu preciso ir. — Ele fez um sinal apontando para a direção atrás dela. — Você também não deve deixar seu acompanhante esperando.

— Eu não tenho um acompanhante. Obrigada por enfatizar isso.

— Diga isso a ele — disse Colin ao beijá-la no rosto e entrar no carro.

Paxton se virou e viu que Sebastian tinha estacionado o carro na frente do seu, na entrada curva da garagem. Ele estava recostado no veículo, com as mãos nos bolsos.

Ele a viu se aproximar sem sorrir ou franzir o rosto. No entanto, decididamente cautelosa.

— Eu disse que você não precisava vir — disse Paxton, parando diante dele.

— E eu disse que faria qualquer coisa por você. — Sebastian abriu a porta do lado do passageiro. — Vamos?

Ela não podia negar o alívio que sentia. Não estava animada em ir sozinha.

— Obrigada, Sebastian.

Eles não conversaram muito durante o trajeto. Não mencionaram o que fizeram durante a semana anterior para impedir que se vissem

ou retornassem as ligações. Ele lhe disse que ela estava linda de cor-de-rosa. Ela comentou que o carro estava muito bem polido. E só. Ela ficou imaginando se algum dia as coisas entre eles voltariam a ser iguais. E a triste resposta era provavelmente não, porque ela ainda não conseguia ficar assim, tão perto dele, sem sentir aquela atração, aquele desejo, *aquilo* que decididamente não era amizade. Nunca fora. E agora que tinha sido exposto, não havia como voltar atrás.

Eles pararam na frente da casa de Moira Kinley, de arquitetura em estilo Federal, chamada Cabana Azedeira, e o manobrista levou o carro de Sebastian. Subiram os degraus e, ao chegar à porta, ele finalmente perguntou:

— Para quem é o presente? Moira?

— Não. É um suborno da minha mãe para a *chef*. Ela a quer para sua festa de aniversário de casamento. Em algum momento, eu terei de dar uma escapada para entregar isso, ou ela nunca mais vai parar de falar no meu ouvido.

Eles entraram e a empregada os conduziu à parte de trás da casa, onde encontraram outras integrantes do clube se sociabilizando no imenso gramado. Moira tinha criado uma sombra artificial nesse dia quente ao estender uma cobertura de tecido azul-claro, da cor do céu, sobre a área onde estavam as mesas e o palanque. Imensos ventiladores sopravam, fazendo tremular o tecido. Criava um lindo efeito. Tudo isso e Claire Waverley também. As pessoas falariam disso durante dias. E Moira certamente merecia todo o crédito.

Enquanto Paxton e Sebastian caminhavam em direção à cobertura, Paxton começou a notar que havia um bocado de mulheres ostentando presentes, incluindo a pobre Lindsay Teeger, que tentava equilibrar, numa das mãos, uma panela chinesa amarrada com um laço e, na outra, uma taça de vinho. Aparentemente, a mãe de Paxton não era a única que queria os talentos culinários de Claire Waverley para sua próxima festa.

Moira foi a primeira a cumprimentá-los. Ela parecia feliz e orgulhosa de si mesma. Sabia que havia sido uma ação bem-

sucedida.

— Bem-vindos! — disse ela, dando-lhes beijinhos no rosto.

— Mas que deslumbrante, Moira — disse Paxton. — Parabéns.

— Isso significa muito, vindo de você — disse Moira. — E só para que você saiba, eu não estou tentando roubar o brilho de seu baile de gala. Tenho certeza de que também será legal. — Ela apontou para o presente que Paxton estava segurando. — Deixe-me adivinhar: é para Claire Waverley?

Paxton deu de ombros.

— Minha mãe insistiu.

— Vou lhe dizer o que eu disse a todo mundo. A cozinha está restrita. Ninguém tem permissão de entrar. Não quero a Claire distraída. Desculpe! Mas pegue uma taça de vinho e aperitivos e aproveite!

Assim que ela saiu, Sebastian se aproximou e disse:

— Essas mulheres deveriam vir com placas indicando perigo.

Ela sorriu diante do comentário enquanto caminhavam sob a cobertura, tentando encontrar a mesa deles. Logo foram parados por um garçom de vinte e poucos anos, bonito, de lábios grossos, devorando Sebastian com os olhos, de uma maneira ostensivamente sexual. Ele ofereceu vinho a Sebastian, que agradeceu, pegou duas taças, para ele e Paxton, entregou a de Paxton, depois a levou para longe, com o braço ao redor de sua cintura, obviamente desconfortável.

Durante a meia hora seguinte, eles socializaram e acabaram indo parar num grupo que incluía Stacey Herbst e Honor Redford. Paxton estava ficando cansada de segurar o presente de sua mãe. Ela achou que estava sendo ostensiva, já que todas tinham perdido as esperanças e guardado seus presentes na bolsa ou colocado em suas mesas, então Paxton também pediu licença para deixar o seu na mesa.

Ela não demorou muito. Quando fazia o caminho de volta, teve de admirar Sebastian. Ele conseguira fazer que todos ali parecessem estar vestidos para um trabalho braçal. Seu terno era de um tom

cinza esfumado, sua camisa branca estava engomada e sua gravata era como água. Tudo estava totalmente suave e liso, e ele se movia como se não houvesse resistência entre ele e o que vestia.

Ela não era a única observando. O garçom bonitinho voltou, dessa vez com uma bandeja de canapés. Ele ofereceu a bandeja a Sebastian, que sacudiu a cabeça e a virou, dando um gole em seu vinho. O garçom pareceu oferecer a bandeja ao restante por reflexo.

Paxton se aproximou do grupo a tempo de ouvir uma das mulheres dizer a Sebastian:

— Ele é bonitinho. Acho que está interessado em você.

— Querida — disse Sebastian quando percebeu que Paxton voltara a se juntar a eles. — Antes de sermos interrompidos, nós estávamos falando de você e da Blue Ridge Madam. E de como a mortalha do esqueleto parece ter se erguido. — Exatamente como ele dissera que aconteceria.

— Sim — disse Paxton, radiante. Radiante demais. — Saúde, Tucker Devlin. — Ela ergueu a taça, como se brindasse, mas o copo emborcou ligeiramente e respingou no paletó de Sebastian. Foi uma sensação muito estranha. Ela podia jurar que alguém tinha empurrado a taça. Mas não havia como alguém fazê-lo sem que ela tivesse visto. — Oh, Sebastian, me desculpe.

— Tudo bem. Está quente demais para usar paletó, de qualquer forma.

— Você já bebeu tanto assim? — Stacey perguntou a ela.

Paxton olhou-a, aflita.

— Não, essa é minha primeira taça.

O garçom já voltava apressado, mas Sebastian ergueu a mão e sacudiu a cabeça, detendo-o, irritado. Ele entregou sua taça a Paxton, tirou o paletó e o sacudiu.

— Minha tia-avó costumava falar sobre ele — disse Sebastian, pendurando o paletó no braço, pegando a taça de volta. — Tucker Devlin. Disse que ele manteve a cidade refém com sua mágica quando veio para cá. Sabe aquela pintura no meu quarto, a que foi dela, com o pássaro pousado na tigela de frutas? — ele perguntou a

Paxton. Isso causou uma súbita troca de olhares. Agora, todos sabiam que ela tinha estado em seu quarto. Paxton ficou imaginando se ele teria falado de propósito. — Ela me disse que Tucker Devlin veio visitá-la uma vez porque ele gostava de cortejar todas as garotas, de se assegurar de que todas estivessem sob seu feitiço. Ela disse que, enquanto conversavam, ele estendeu a mão até o quadro, recolheu-a cheia de frutinhas e as comeu na frente dela. A mão dele estava sangrando, como se o pássaro a tivesse bicado. Sempre achei uma história muito estranha. Minha tia-avó nunca foi de inventar coisas. Mas eu não consigo olhar aquela pintura e deixar de imaginar se é sangue ou suco da fruta no bico do pássaro.

— Espere um minuto. Minha avó também costumava falar sobre um homem mágico — disse Honor. — Um vendedor que viajou até aqui uma vez, quando ela era jovem. Ela disse que ele roubava corações. Toda vez que me contava a história, ela costumava dizer: “Se um homem tem tanto calor que chega a queimar sua pele ao tocá-la, ele é o diabo. Corra”.

Isso foi o estopim para uma série de histórias quase esquecidas sobre o homem mágico que as avós contavam às netas, a maioria como alertas. Nana Osgood não estava exagerando sobre a personalidade de Tucker Devlin. Ele ainda era mencionado com admiração, mesmo se todas o tivessem relegado à ficção.

Ele sobrevivia nas histórias, histórias que tinham sido desenterradas porque seu esqueleto havia sido desenterrado. Mas um homem assim não merecia voltar a ser lembrado jamais. Por que ele não podia simplesmente ter continuado enterrado? Nada de bom surgira disso.

Uma série de exclamações surgiu na reunião e Paxton olhou acima, vendo que um pássaro preto e amarelo tinha conseguido entrar e voava de um lado para o outro, obrigando as pessoas a se abaixarem. Ele voou em círculos por alguns minutos, batendo de encontro à cobertura, até que finalmente conseguiu achar a saída.

E, depois que ele partiu, todos tinham se esquecido do que estavam falando.

Finalmente, Moira pediu que todos tomassem seus lugares. Ela fez um pequeno discurso se autoparabenizando pelo almoço, depois quase se esqueceu de apresentar o grupo que elas estavam patrocinando naquele ano, um quarteto ucraniano de violinistas. O almoço foi então servido, com a linda comida e suas rosas comestíveis com sabor de lavanda, menta e luxúria. As pessoas fechavam os olhos a cada garfada, e o ar ficou adocicado e fresco. O quarteto tocou melodias arrebatadoras que eram estranhas e exóticas. Havia no ar uma curiosa sensação de desejo que todos sentiam. As pessoas começaram a pensar em antigos amores e oportunidades perdidas. Ao contrário da maioria desses eventos, ninguém queria ir embora. O almoço se estendeu durante horas. O quarteto tocou todo o seu repertório duas vezes. Quando os pratos foram recolhidos para a sobremesa, o quarteto anunciou que tinha de partir para sua próxima apresentação da noite. Todos se espreguiçavam em suas mesas, como se estivessem acordando. Moira, em pé na lateral, parecia satisfeita consigo mesma.

Paxton se virou para Sebastian, que olhava sua taça de vinho, pensativo.

— Se a sobremesa está pronta, imagino que isso signifique que a banqueteira logo irá embora. No fim das contas, não terei a oportunidade de entregar o presente de minha mãe para Claire Waverley. Aparentemente, ninguém terá.

Alguém do outro lado da mesa disse algo e Paxton virou a cabeça para responder. Quando a desvirou, Sebastian tinha sumido.

Ela olhou em volta e o viu à margem das mesas, conversando com o jovem garçom que antes tinha flertado com ele. Paxton desviou os olhos com uma pontada de dor no peito.

Instantes depois, Sebastian inclinou-se para a frente, por trás dela, e disse em seu ouvido:

— Encontrei um jeito de pô-la na cozinha. Venha comigo.

Sem dar uma palavra, Paxton pegou a bolsa e o presente e seguiu Sebastian. Agora havia bastante gente em pé, esticando as pernas, então eles conseguiram chegar aos fundos da casa sem serem notados.

O garçom bonitinho esperava por eles.

— Sigam-me — disse ele, com uma piscadela e um sorriso.

Paxton olhou para Sebastian. Ele tinha feito aquilo por ela.

— Vá em frente — disse ele. — Vou esperar por você na sala de estar.

O garçom, cujo nome era Buster, era meigo e descarado. Estava trilhando seu caminho através da escola culinária, em Bascom. Ele passou pela pessoa que estava sentada do lado de fora da porta da cozinha, um tipo de guarda que Moira tinha posicionado ali para manter Claire Waverley só para ela, como uma bruxa de contos de fada.

Paxton ficou tão surpresa e comovida com a iniciativa de Sebastian que, assim que entrou na cozinha, sua atitude mudou num instante. Foi tão depressa que ela nem teve tempo para repensar. Simplesmente faria aquilo. Colocou o presente numa prateleira perto da porta e foi em frente. Ela tinha uma chance e iria aproveitá-la. Talvez ainda pudesse fazer aquilo acontecer.

Duas mulheres estavam em pé ao lado da bancada de trabalho de aço inox, que estava repleta de flores, parecendo confete de uma comemoração improvisada. Elas estavam incrivelmente centradas, paradas como neve. Paxton sentiu-se ligeiramente desconfiada ao se aproximar.

Mulheres ricas sempre estão de ouvido em pé, alertas para o burburinho de algo novo, algo que as deixe mais felizes, jovens, melhores. Uma vez que se espalha a notícia de uma dermatologista com um creme miraculoso, essa dermatologista fica com a agenda lotada durante meses. Quando se espalha que um *personal trainer* é o melhor, todas o querem. E assim foi com Claire Waverley, uma linda e misteriosa *chef* que diziam ser capaz de deixar suas rivais com inveja, melhorar sua vida sentimental, aguçar seus sentidos,

tudo com a comida que preparava. Sua especialidade eram flores comestíveis. Quando se espalhou que ela tinha algo que ninguém mais possuía, todos a queriam. Mas ela tinha uma agenda concorridíssima.

— Claire Waverley?

— Sim? — disse Claire, virando-se. Ela tinha quarenta e poucos anos, um lindo corte de cabelo e uma intensidade silenciosa.

— Meu nome é Paxton Osgood.

— Olá — disse Claire. Ela passou o braço ao redor da jovem que estava ao seu lado. — Esta é minha sobrinha Bay.

— Prazer em conhecê-la — disse Paxton.

Bay sorriu. Decididamente havia uma semelhança. Os cabelos escuros, as feições de menina travessa. Mas os olhos de Claire eram agudos e escuros, e os de Bay eram azul-claros. Bay provavelmente tinha cerca de quinze anos, era magra, desajeitada e completamente encantadora. Ela usava tantas pulseiras trançadas que metade de seu braço estava coberta; sua camiseta dizia se você perguntar, eu digo e havia uma pequena edição de *Romeu e Julieta* enfiada no bolso traseiro dos *jeans*.

— Lamento incomodá-la — disse Paxton.

— Não está incomodando. Nosso trabalho terminou. A sobremesa está pronta. — Ela apontou para as imensas bandejas de pudins, prontas para serem servidas pelos garçons. — Tortas de limão com farelos de avelã, amor-perfeito, lavanda e verbena.

— Isso parece maravilhoso.

— Bay, leve aquela caixa lá fora até a van, por favor. — Assim que a menina se foi, Claire disse: — Você tem uma pergunta.

Paxton percebeu que ela estava acostumada com aquilo. Estava habituada com gente apaixonada querendo algo dela, uma cura, uma poção, uma promessa. Ela trazia isso nos olhos. Já vira de tudo. O desejo. O desespero. Sabia o que Paxton ia perguntar antes que ela dissesse.

Paxton olhou por cima do ombro para ter certeza de que não havia ninguém perto o suficiente para ouvir.

— Você realmente pode fazer as pessoas se sentirem diferentes com sua comida, com os drinques que prepara?

— Consigo mudar humores. O que não consigo é mudar as pessoas. Não há mágica para isso. Quem você está querendo mudar?

As palavras a surpreenderam. Ela não queria que Sebastian mudasse. E estar apaixonada não era algo tão errado assim. Ela não podia, não mudaria isso. Percebeu que esse era seu último esforço para fazer as coisas seguirem de seu jeito. “Encontre o que a faz feliz”, dissera seu irmão. Isso não trazia sua felicidade, então por que ela estava buscando isso? Ela percebeu que finalmente chegara a hora de desistir.

— Ninguém, eu acho — disse Paxton.

Claire lhe deu um pequeno sorriso, um sorriso compreensivo.

— É melhor assim. Quanto mais lutamos, pior fica. Falo por experiência própria.

Paxton saiu da cozinha ligeiramente anestesiada. Mas estava tudo bem. Ela realmente preferia assim. Caminhou até a sala de Moira para encontrar Sebastian.

Apesar de suas feições delicadas e de seu porte esguio, ele transmitia uma vibração soberana, superior e intocável quando queria. E era assim que ele estava agora, sentado no sofá de couro, olhando pela janela. Ele se virou ao ouvi-la se aproximar.

Ele pareceu surpreso.

— Você não deu o presente.

Paxton olhou a caixa embrulhada em suas mãos.

— Não. Acho que eu gostaria de ir para casa.

Ele descruzou as pernas e se levantou. Pegou o paletó no encosto do sofá e caminhou silenciosamente em direção a ela. Lá fora, Sebastian deu seu tíquete ao manobrista. À direita, Paxton via os músicos ucranianos entrando numa van branca. Sem pensar, ela foi até eles, entregou o presente da mãe e disse:

— Obrigada. Foi lindo.

Eles sorriram sem entender essas estranhas mulheres do sudeste americano.

O manobrista tinha acabado de entregar o Audi de Sebastian quando ela voltou. Sebastian ajudou-a a entrar, depois sentou-se atrás do volante.

Antes que ele pudesse ligar o motor, ela disse:

— Quase pedi uma poção do amor a Claire.

Ele se recostou lentamente e olhou para ela.

— Quase?

— Não quero que você seja algo que não é. Você é maravilhoso do jeito que é. E meus sentimentos são inconvenientes, mas não são errados. Eu também não acho que os mudaria, mesmo que pudesse.

Com um suspiro, ele se aproximou e encostou a testa na dela, depois fechou os olhos. Sebastian também parecia entender o desespero da situação. Depois de um momento, ele recuou ligeiramente e olhou para ela. Seus olhos percorreram o rosto de Paxton, depois, lenta e quase imperceptivelmente, ele se aproximou mais uma vez, olhando seus lábios. De alguma forma, isso só podia ser obra dela. Paxton estava criando isso, por querê-lo tanto.

— Não faça isso — sussurrou ela, quando os lábios dele estavam perto o suficiente para que ela sentisse o leve aroma do vinho do último gole. — Não tenha pena de mim.

Os olhos dele se dirigiram aos dela, confusos.

— O que a faz pensar que estou com pena de você?

— Eu sei que isso não é algo de que você queira falar. Sei que gosta de manter o mistério quando se trata de sua sexualidade. Mas eu o vi, lembra? Na época do ensino médio, em nosso último ano. Você estava com um grupo de garotos, na praça de alimentação do *shopping*, em Asheville. Um deles se aproximou de você e o beijou, e você olhou diretamente para mim. — Ele se recostou no banco, perplexo. Ela instantaneamente sentiu sua falta, tanto que quis se encolher para guardar consigo aquele restinho de calor. — Eu nunca vou lhe pedir para ser algo que não é. Nunca. Sei que você não pode sentir por mim o que eu sinto por você. Portanto, isso é

problema meu. É um obstáculo a ser contornado que pertence a mim. Não a você.

Sebastian respirou fundo e sacudiu a cabeça.

— Eu tinha me esquecido disso — disse ele.

Houve um silêncio desconfortável antes que ele ligasse o carro e saísse. Ele seguiu até um cruzamento e parou, e Paxton reconheceu o carro que parou à esquerda. Era Colin, com Willa no banco ao seu lado. Colin buzinou e acenou para ela.

Se Paxton não amasse tanto o irmão, talvez se ressentisse.

Ele obviamente tivera um dia muito melhor do que o seu.



12

Seduções estranhas

Rachel Edney pensava ser uma pessoa prática. Ela não acreditava nem em fantasmas, nem em superstições, nem que campainhas tocassem sozinhas.

Mas uma coisa em que ela acreditava era o amor. Acreditava que era possível sentir seu cheiro, seu sabor, que ele podia mudar toda a trajetória de uma vida.

E ela era prova viva disso.

Nunca havia morado num lugar por mais de um ano quando era pequena. E acabou programada para seguir o mesmo padrão depois de adulta. Afinal, não havia nada de errado nisso. A estabilidade era supervalorizada. Por outro lado, as crises e as aventuras podiam ensinar alguma coisa. Um ano e meio antes, ela passou por Walls of Water, de carona, falida e cansada. Tinha resolvido parar e arranjar um emprego por tempo suficiente para guardar algum dinheiro, depois partiria novamente. Ela arranhou facilmente um serviço na loja de artigos esportivos porque, convenhamos, você não tem como passar a vida num acampamento atrás do outro sem aprender um pouquinho sobre aquilo de que precisa para sobreviver. Willa, dona da loja, parecera aliviada. Rachel gostou de Willa. Ela era legal e

engraçada, mas tão cheia de sentimentos contidos que Rachel tentava tudo que podia para fazê-la se abrir e aliviar um pouco a pressão. Nada jamais funcionou, o que era estranho. Rachel geralmente não se enganava com as pessoas.

Mesmo depois de conseguir trabalho, Rachel tivera de acampar ilegalmente nas Cataratas, porque não tinha como pagar um lugar para morar. Acabou sendo descoberta, numa noite chuvosa, por um guarda florestal chamado Spencer. Ele realmente não queria obrigá-la a partir, então concordou em deixá-la ficar até a manhã seguinte, se ela promettesse arrumar suas coisas e ir embora assim que clareasse. Ela estava tão grata que lhe dera um beijo, bem ali, em pé, na chuva. Ele ficara tenso e constrangido por isso. Chegou a ficar vermelho ao se afastar. Mas quando voltou, na manhã seguinte, ele pareceu aliviado em encontrá-la ali, mesmo depois de lhe dizer que fosse embora. E foi assim que aconteceu.

Rachel se apaixonou e isso mudou tudo.

Ela morava ali havia mais tempo do que jamais vivera em qualquer outro lugar, uma sensação estranha para ela. Mas Spencer estava ali, o meigo, bondoso e estável Spencer, e ela sabia que não podia estar em nenhum lugar em que ele não estivesse. Quando pensava nisso, ela percebia que havia sido exatamente assim que a mãe de Rachel seguiu seu pai pelo país afora. Então, ela se acostumou a esse lugar curioso e suas superstições engraçadas. Habitou-se a dormir num colchão e a usar uma panela elétrica. Aprendeu a dirigir. Até convenceu Willa a deixá-la instalar um balcão de café dentro da loja. E, para sua surpresa, ela era muito boa naquilo.

Ela descobriu que o café estava ligado a todo tipo de lembrança, coisas diferentes para cada pessoa: as manhãs de domingo, reuniões amistosas, um avô querido que havia muito se fora, uma reunião dos Alcoólicos Anônimos que salvou uma vida. O café significava algo para as pessoas. A maioria achava a vida infeliz sem ele.

Nesse sentido, o café era bem parecido com o amor.

E porque Rachel acreditava no amor, ela também acreditava no café.

Mas era só isso.

Ela continuava não acreditando em campainhas que tocavam sozinhas, embora a da loja fizesse isso.

Naquele sábado, quando tocou novamente, ela ergueu os olhos esperando não ver ninguém ali, mas, para sua surpresa, era Willa.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Rachel. — É seu dia de folga.

— Vou sair com Colin Osgood e ele vem me encontrar aqui — disse Willa, caminhando até Rachel no balcão do café. — Se você começar a fazer barulhos de beijos, eu vou tirar todos os seus privilégios do café.

Rachel fingiu pensar seriamente a respeito, depois perguntou:

— Posso fazer uma piada?

— Não.

— Uma rima?

— Não.

— Posso cantarolar a marcha nupcial quando vocês saírem?

— Não.

— Isso significa que você e Colin estão...

Willa a deteve, antes que ela pudesse continuar.

— Não.

— Você tem certeza? — Rachel inclinou a cabeça em direção à vitrine da loja e Willa se virou para ver Colin passando. — Eu nunca tinha visto você se esconder de ninguém. Ele deve mexer muito com você.

Quando entrou, Colin desviou o olhar de Rachel para Willa, provavelmente imaginando por que elas o encaravam. Ele olhou para baixo, como se para ter certeza de que vestira roupa pela manhã. Estava de *short*, botas de trilha e uma camiseta de mangas compridas.

Rachel viu os olhos de Willa se estreitarem.

— Você está vestido... Não. — Ela ergueu uma das mãos. — Com certeza não.

— Sabe da maior? — disse Colin, sorrindo. — Nós vamos fazer uma trilha.

— Eu não quero fazer trilha — disse Willa. — Não estou vestida para isso.

— Estamos ou não numa loja de artigos esportivos?

— Foi por isso que você quis me encontrar aqui! — disse Willa, ultrajada.

— Sim.

Willa cruzou os braços.

— Não vou.

— Ora, vamos, confie em mim — Colin pediu.

— Vou pegar um par de botas do seu tamanho enquanto você veste um *short* e uma camiseta — disse Rachel, imaginando que, juntos, ela e Colin talvez conseguissem fazer isso acontecer. — Eu até deixo você usar meu chapéu de caubói.

— Ela até vai deixar você usar o chapéu — disse Colin, olhando Willa nos olhos e erguendo as sobrancelhas, como se isso fosse o argumento decisivo.

Rachel sabia que, se Willa não quisesse fazer algo, ela não faria. Portanto, o fato de se deixar convencer significava que a única pessoa com quem ela estava lutando era ela mesma.

Em questão de minutos, ela estava totalmente vestida, parecendo uma criança forçada a usar uma roupa horrível feita por sua avó.

— Vamos acabar logo com isso — disse ela. — Mas eu já lhe disse, já sei como termina.

— Ela foi fazer trilha comigo uma vez, viu uma cobra depois de dar dez passos e voltou correndo para o carro — disse Rachel.

Willa estremeceu.

— Não gosto de cobras.

— A maioria das cobras é legal — disse Colin.

— Ah, que ótimo — disse Willa, ao caminhar até a porta. — Você gosta de cobras.

Colin a seguiu até lá fora.

— Não há o que temer. Na verdade, eu posso lhe mostrar uma que você talvez goste.

— Eu não quero ver sua cobra, muito obrigada. De qualquer forma, eu disse que não gosto delas, não que tenho medo delas.

— Isso é um desafio? — perguntou ele.

— Qual é a sua com isso de desafio? Não.

— Arranjem logo um quarto — Rachel disse quando eles saíram.

— Eu ouvi isso — Willa gritou enquanto a porta se fechava atrás deles.

Sim, Rachel Edney acreditava no amor.

E ela o reconhecia quando o via.

Eles seguiram de carro pela entrada da Floresta Nacional das Cataratas, por estradas sinuosas com vistas magníficas. Havia vários pontos de observação ao longo do caminho, onde as pessoas podiam estacionar e simplesmente ficar olhando o horizonte. Em alguns desses pontos era até possível avistar as cataratas pelas quais a floresta era conhecida. Entretanto, grande parte das quedas-d'água só podia ser alcançada a pé.

Quando Colin estacionou num largo de cascalho, na entrada de uma das trilhas, Willa olhou em volta e disse:

— Para onde estamos indo, exatamente?

— Para Tinpenny Falls.

Considerando todos os fatos, isso até que era um alívio. Tinpenny Falls era uma atração popular, e a trilha provavelmente não era tão traiçoeira. Ela já recebera septuagenários em sua loja que lhe disseram ter feito a trilha de Tinpenny Falls. Se eles podiam fazer, ela certamente poderia.

— Você fazia essas trilhas quando morava aqui? — perguntou Willa, ainda no carro, enrolando a descida.

Colin desafivelou o cinto de segurança.

— Não.

— Então, essa é a primeira vez que vem aqui?

— Não, não é a primeira vez que venho aqui. Não se preocupe. — Ele esticou o braço e pousou a mão no joelho dela. Sua pele estava morna, em contraste com sua perna fria por causa do ar-condicionado, e isso a fez resfolegar. — Eu conheço o lugar para onde estamos indo. Sempre que venho visitar meus pais faço trilhas. Isso me ajuda a enfrentar.

— Enfrentar o quê?

— O fato de estar aqui.

Sem dar a ela uma chance de responder, ele saiu e pôs a mochila nas costas, prendendo a tira da frente ao redor da cintura.

Essa era certamente uma situação estranha, pensou Willa saindo do carro. Na verdade, ela tinha ficado tão envolvida com os desafios de Colin, assim como à sua forma de vida, que nunca questionou qual seria realmente a motivação dele. Até agora. E foi uma revelação e tanto como isso tinha tão pouco a ver com ela.

Colin seguiu descendo a trilha e Willa foi atrás, relutante, rumo à folhagem verde. Ele era um guia turístico nato, apontava a flora interessante e as diferenças entre as árvores novas que nasciam, desde que a exploração de madeira tinha parado, mostrando as antigas que haviam sido preservadas. Ela não fingia estar fascinada. Estava mais era à procura de cobras. Não era uma garota da natureza, apesar de, por algum motivo, ele querer que ela fosse. Colin queria que ela fosse muitas coisas. Dissera-lhe que ela o havia inspirado a partir, a seguir seu caminho, e Willa lentamente começava a entender que a vida dela era ali, o fato de ter voltado e ficado desafiava a forma que ele escolhera viver sua vida. Colin não achava que ali era seu lugar, então ela sempre o faria encarar alguns fatos desconfortáveis. As pessoas se adaptam. As pessoas mudam. Você pode, sim, crescer no lugar onde se enraizar.

E Colin não gostava nada daquilo.

Não que ela estivesse particularmente satisfeita por perceber que passara a gostar desse lugar, muito mais do que achou que gostaria.

Então, onde se encaixava a sedução? Seria apenas um meio para um fim, fazia parte de querer influenciá-la a mudar para se encaixar às suas expectativas, para que ele pudesse voltar pensando que tinha tomado as decisões certas em sua vida?

Ela achava que não, mas não podia ter certeza.

Eles pararam para fazer um lanche que Colin trouxera na mochila e só então ela percebeu quanto tinha ficado ofegante. Ela agradeceu a oportunidade de descansar e observar a passagem silenciosa de um grupo a cavalo, atravessando o rio, na única trilha equestre do parque. Quando o intervalo acabou, Colin partiu novamente.

Eles finalmente chegaram ao topo de Tinpenny Falls, e a vista era magnífica. O rio que levava ao precipício das cataratas era muito calmo e surpreendentemente raso. Mas, quando a água encontrava a beirada da rocha, ela rugia por cima e caía mais de trezentos metros numa piscina pontilhada de rochas planas.

Essa era a cachoeira mais famosa da região, batizada com o nome de um homem bonito, porém presunçoso, chamado Jonathan Tinpenny. Dizia a lenda que, havia mais de dois séculos, o Sr. Tinpenny vinha cavalgando de sua casa em Charleston, na Carolina do Sul, atravessando as montanhas verdejantes da Carolina do Norte, em busca das quedas-d'água de que ouvira falar dessa área, onde se relatava que a água era saudável e capaz de curar milagrosamente. À época, o Sr. Tinpenny tinha somente vinte e poucos anos, mas o reumatismo chegava cedo para os homens de sua família. Embora sofresse dessa enfermidade, o Sr. Tinpenny fez a peregrinação sozinho, por orgulho de sua firmeza, pois era o caçula, o mais alto e mais robusto dos irmãos. No entanto, não esperava que as estradas do cume alto e fresco das montanhas se tornassem tão duras e cheias de raízes. Não esperava uma terra de nuvens. Ele conduziu seu cavalo por entre esses charcos da estrada, que chegavam a bater na cintura, e encheu várias garrafas de neblina a fim de levar para casa, pois achou que ninguém acreditaria em quão espessa era. A jornada foi dura para ele. Quando encontrou Tinpenny Falls, estava quase delirando de dor. Perdeu o

equilíbrio e caiu. Milagrosamente, ele sobreviveu e foi encontrado por caçadores apenas algumas horas depois. Foi levado para casa de trem, num vagão privativo luxuosamente reservado, onde dormiu a maior parte do tempo. Ele alegou que a água, de fato, só podia ser curativa; bastava ver como sua jornada de ida havia sido dura e como tinha sido fácil voltar para casa. Anos depois, em seu enterro, seus filhos abriram aqueles vidros de neblina que ele trouxera e, segundo a lenda, uma neblina espessa como fumaça permeou a cidade durante dias.

Os turistas adoravam essa história. E adoravam comprar os vidros de souvenir com a neblina da cidade.

Porém, por mais bela que fosse, esse obviamente não era o destino que Colin tinha em mente. Ele a conduziu por uma ponte natural de pedras planas até o outro lado da cachoeira.

— O que o fez decidir se tornar um arquiteto paisagista? — perguntou Willa quando ele se virou para trás, esticando o braço e pegando-lhe a mão, enquanto eles caminhavam um atrás do outro.

Ele deu de ombros, ainda seguindo em frente.

— Há uma gruta de nogueiras na propriedade dos meus pais, longas fileiras de árvores, com seus galhos se estendendo e se encontrando uns com os outros, constantemente precisando de poda. Eu me lembro de quando era menino e ia para lá, deitava ali embaixo e simplesmente ficava olhando a abóboda. Minha mãe dizia que ali era meu lugar para pensar. Havia uma simetria inquietante nas árvores, mas aquela estrutura estava sempre ameaçada por sua própria natureza selvagem. Concluí que paisagismo era como domar leões — disse Colin, olhando por cima do ombro, sorrindo. — Mas só decidi fazer arquitetura paisagística depois que terminei a faculdade. Minha formação foi em finanças, que era o desejo do meu pai, porque ele também tivera essa formação. Mas depois da faculdade, só como desculpa para não ir para casa, fui fazer uma viagem pela Europa com a minha então namorada, e os jardins dos castelos meio que voltaram a despertar meu desejo de domar leões. — Ele parou. — E também tinha você.

— Sim — disse ela, sabendo o rumo que a conversa estava tomando. — E também tinha eu.

— Fiquei muito infeliz na faculdade e me lembro de pensar *Nesse momento, Willa Jackson provavelmente está fazendo o que quer da vida*. Você foi embora fazendo um estardalhaço muito grande.

— Isso pode ser uma surpresa para você, Colin, mas, quando parti, eu não era mais feliz do que fui aqui. Eu era arredia e irresponsável, e abandonei a faculdade. Trabalhei como frentista de um posto de gasolina e estava a duas semanas de perder meu apartamento quando meu pai morreu. Não sei o que teria acontecido se eu não tivesse voltado.

— Você nunca teve a chance de descobrir — ele frisou.

— Não. Voltar e enfrentar tudo foi exatamente o que eu precisava fazer. E se um dia eu tiver de ir embora daqui novamente, posso fazer isso com confiança. Não estarei fugindo.

Isso o fez parar e olhar para ela.

— É isso que acha que eu fiz?

— Eu não sei — respondeu Willa, honestamente. — Mas vou lhe dar um conselho que você não vai querer ouvir: passe mais tempo aqui e talvez as pessoas o vejam como você é agora, e não como o Homem-Vareta.

— Você parece a minha irmã.

— Não perturbe a Paxton — Willa se surpreendeu, dizendo. — Ela já tem bastante com que se preocupar.

— Então agora vocês são amigas de infância? — disse ele, sorrindo, ao pegar novamente a mão dela. — Estamos quase chegando.

Ele a conduziu para fora da trilha em meio à floresta, e eles foram parar num pequeno afluente do rio que tinham acabado de atravessar. Ele escorria por uma pedra imensa e achatada e desaguava numa piscina na floresta.

Colin tirou a mochila e a jogou na margem abaixo. Depois, sentou-se e desamarrou as botas.

— Sabe, dizem que o motivo de Jonathan Tinpenny ter sobrevivido não foi por ter caído na cachoeira, mas por ter deslizado por essa rocha.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, desconfiada.

— Só estou tirando as botas. — Ele se levantou e jogou as botas lá embaixo.

Subitamente ela entendeu o que ele ia fazer.

— Você viu aquelas placas? Diziam que não é permitido deslizar pela rocha.

— Não, eu não vi — disse Colin, caminhando cuidadosamente até a rocha reluzente. — Eu nunca vejo.

— Você já fez isso?

Ele sentou-se e chegou bem perto da beirada, sugando o ar, porque a água que fluía por suas pernas estava obviamente gelada.

— Venha, Willa. Eu duvido que você me acompanhe.

— Você acha que só precisa disso? Duvidar?

— Eu sei que você quer.

— Você não tem como saber isso.

— Até que você possa me dizer exatamente o que quer, eu vou inventando e seguindo em frente. — Depois de dizer isso, ele tomou impulso e desceu deslizando pela pedra molhada.

— Colin! — Willa gritou atrás dele.

Ele caiu na água, desaparecendo por um instante. Depois reapareceu na superfície, sacudindo a cabeça e respingando água dos cabelos. Ele olhou para Willa, acima.

— Venha! A água está ótima.

— Nós vamos ser presos!

Colin boiou de costas, ainda olhando para ela.

— Isso não costumava detê-la.

Olhando para ele lá embaixo, remexendo os dedos ao pensar na adrenalina que sentiria ao escorregar por essa pedra, Willa percebeu que, sim, ainda *havia* um pouco da antiga piadista dentro dela. Provavelmente sempre haveria. Quando ela reconheceu isso, finalmente pôde ver que ainda restava bem pouquinho. O suficiente

para pô-la em problemas, de vez em quando, para satisfazer essa necessidade louca de sentir seu coração bater acelerado, mas não o bastante para arruinar a vida que ela criara para si. E isso a fez se sentir melhor, sem temer tanto a si mesma. E sem ter tanto medo de Colin, e tudo que achava que ele sabia sobre ela, só porque ela não tivera coragem de olhar para si mesma.

Isso foi uma epifania muito libertadora.

Então era isso que ela faria. Tiraria as botas e as jogaria margem abaixo. Depois, daria uma corridinha na imensa rocha lisa. Ela deslizaria água abaixo e aproveitaria cada momento. Decididamente subiria sorrindo à superfície.

Depois de nadar e flertar bastante, eles finalmente subiram na rocha da margem para se secar ao sol. Eles se esticaram lado a lado, em um confortável silêncio. Willa estava quase certa de que Colin estava decidido a convencê-la a fazer isso. Mas ela se sentia bem demais para dizer isso a ele. A pedra sob seu corpo estava quente, o som suave da água era calmante, e a floresta cheirava a plantas e folhas verdes, tanto do passado como do futuro. Ela não era uma garota muito dada à natureza, mas poderia se acostumar com isso.

— Tem algo que eu venho querendo perguntar — disse Colin.

Willa virou a cabeça na pedra. Ele tinha tirado a camiseta e seu peito nu estava bronzeado e rijo. Seus olhos estavam fechados, então ela se sentiu livre para estudá-lo à vontade. Ela nunca saíra com alguém tão alto. Ele preenchia o espaço.

— Sim?

— O que a faz pensar que seu pai foi demitido?

Isso a surpreendeu.

— Ele nunca voltou a lecionar.

— Eu estava lá no dia em que ele foi embora — disse Colin. — E ele não foi despedido. Ele pediu demissão.

Willa se sentou e se virou para ele.

— O quê?

Colin abriu os olhos, depois levantou um braço para bloquear o sol.

— Quando você acionou o alarme de incêndio e depois deixou cair aquele cartaz, anunciando que você era a verdadeira piadista, meus pais apareceram quase imediatamente, exigindo um pedido de desculpas do diretor, porque eu era o suspeito número um, já que você colocou aquela citação de Ogden Nash na marquise. Seu pai também foi chamado para se desculpar. Eu vi que ele estava aborrecido por você ter sido levada pela polícia para fora da escola. Estava claro que ele não queria estar lá, pedindo desculpas para nós, como se tivesse feito algo errado. Aquela altura, todos já tinham descoberto que o motivo de você ter sido tão bem-sucedida era porque tinha as chaves e as senhas do seu pai. O diretor disse a ele: “Eu sei que não é culpa sua ter uma filha rebelde. Você não será penalizado por isso”. E seu pai simplesmente perdeu a cabeça. Ele disse que, se eu tivesse feito algo como você fez e fosse flagrado, eu não teria sido arrastado pela polícia. Na verdade, enquanto todos achavam que eu era o piadista, ninguém fez nada por causa da minha família. Ele disse que se orgulhava de seus atos de rebelião, que gostaria de ter tido coragem ele mesmo para fazê-los quando tinha sua idade e que sempre soube o que você estava fazendo. Quase desde o começo. Disse algo sobre estar cansado de viver uma vida tão cautelosa e que estava jogando a cautela ao vento. E pediu demissão.

Willa estava pasma.

— Isso não parece nada com o meu pai.

— Eu sei — Colin concordou. — Mas foi isso que aconteceu.

— Ele sabia?

— Aparentemente, sim. Achei que você deveria saber.

— Isso não faz o menor sentido.

Colin deu de ombros e fechou novamente os olhos, e ela não demorou para ver que ele tinha adormecido. Willa ficou ali sentada, com os braços em volta dos joelhos, pensando na possibilidade de seu pai realmente saber de seus trotes o tempo todo e nele dizendo

que finalmente estava jogando a cautela ao vento. O que isso queria dizer? Ela sempre presumiu que ele fosse feliz com a vida que tinha, fazendo o que a vovó Georgie lhe dizia para fazer. E ela achava que seu pai se sentia envergonhado com as atitudes dela quando adolescente.

Ela e Paxton tinham planejado se encontrar na casa de repouso no dia seguinte, para falar novamente com Agatha. Talvez Willa pudesse perguntar a Agatha sobre o relacionamento entre sua avó Georgie e seu pai. Se fosse como todas as coisas que Willa vinha descobrindo ultimamente, havia muito mais por trás disso do que ela imaginava.

Ela não sabia quanto tempo ficou ali sentada, perdida em pensamentos, antes de se virar e ver se Colin ainda estava dormindo.

Ele não estava. Estava olhando para ela com a cabeça apoiada no braço.

— Tirou um bom cochilo?

— Desculpe — disse ele, sentando-se e fazendo os músculos do abdome se retraírem. — Não tive a intenção de apagar aqui com você. Eu não durmo bem, principalmente quando venho para casa. Acaba pesando.

Ela deu um sorriso solidário e afastou um pouco os cabelos escuros da testa dele.

— Sim, eu notei isso quando você desmaiou no meu sofá.

— Aquele sofá é ótimo.

Seus olhares se cruzaram e os dois sorriram. Como se por consentimento mútuo, Colin se inclinou para a frente e ela o encontrou no meio do caminho, os lábios ressecados e aquecidos pelo sol se tocaram suavemente. Não demorou para que o beijo se tornasse faminto e persistente. Ela se inclinou para trás e ele acompanhou o movimento. Willa nunca se sentira assim com um homem. Ele fazia seu peito parecer prestes a explodir. Deus, sentir isso sem infringir a lei era incrível. Certo, tecnicamente eles tinham

infringido a lei ao deslizar pela rocha, mas se beijar ali na margem era simplesmente viver o momento e não havia lei contra isso.

Willa sentiu a mão de Colin tirando sua blusa, e ela se curvou junto a ele.

— Você é tão linda — disse Colin enquanto passava a blusa por cima da cabeça dela e a largava em algum lugar atrás deles. Ele levou as mãos aos seios de Willa, e ela inspirou profundamente. — Acho que sempre procurei por você. Não acredito que você estava aqui o tempo todo.

Ele deslizou o sutiã para o lado e beijou seus seios. Ela abriu os olhos e focalizou o topo da rocha. Alguém podia chegar a qualquer momento.

— Colin, alguém pode ver.

Ele ergueu a cabeça.

— Não me diga que isso não a excita nem um pouquinho — disse ele ao pousar os lábios nos dela.

Willa puxou os cabelos de Colin até que ele ergueu novamente a cabeça e olhou para ela. Ele estava ofegante.

— Eu gosto muito daquilo que sou agora, Colin — disse ela, porque, por algum motivo, era importante que dissesse isso. — Eu não sou mais a pessoa que fui.

Ele pareceu confuso.

Willa subitamente se sentiu triste. Não era assim que ela gostaria que as coisas acontecessem. Como poderia? Aquilo estava sendo construído sobre muitas concepções enganosas.

— Você não vai ficar, vai? — perguntou ela.

Colin hesitou por um momento, depois disse:

— Não.

— Então seu plano é me seduzir e depois ir embora.

— Não há plano nenhum. — Ele a olhava fixamente. — Por que você não vem comigo? — Colin não era um homem falso. Ela sabia disso, de coração. Ele estava tentando encontrar um meio de fazer aquilo dar certo.

— Não posso ir embora agora. Minha avó está aqui.

— Olhe em meus olhos e diga que você está feliz, Willa.

Falso, não. Incrivelmente desatento, sim.

— Por que você não faz o mesmo?

Ele se ergueu tão depressa como se ela o tivesse esbofeteado.

— Claro que sou feliz.

Ela fechou o sutiã, achou a blusa e a vestiu.

— Certo. É por isso que você dorme tão bem.

Ele esfregou o rosto com as duas mãos, como se finalmente estivesse acordando. Suspirou e observou a água por um momento.

— Precisamos ir — disse ele, esticando o braço e entregando as botas dela.

Bem, pelo menos um deles descobriu algo sobre si mesmo nessa trilha.

Pena que não foi ele.

Eles seguiram pela trilha Tinpenny de volta até a entrada. Era o meio da tarde e o sol penetrava por entre as árvores quando eles chegaram ao estacionamento. Entraram no carro dele e Willa deixou a janela aberta para que o vento quente a soprasse enquanto Colin dirigia.

— Está com fome? — perguntou ele, falando com Willa pela primeira vez desde que tinham deixado a rocha.

— Faminta — admitiu ela.

— Vamos comer alguma coisa. Não vamos terminar o dia de um jeito tão desconfortável — disse Colin, e ela ficou grata pelo empenho.

— Você já esteve no restaurante Depot, na National Street? — perguntou ela. — Lá sempre aparece um pessoal de trilha vestido como a gente.

Depois de saírem das Cataratas, o primeiro cruzamento tinha um sinal de pare nas quatro direções. À direita deles havia um Audi azul.

— Aquele é o carro do Sebastian — disse Colin, dando uma buzina e acenando. — Ele e Paxton devem estar voltando depois

do almoço com concerto. Não posso acreditar que tenha se estendido tanto assim.

— Quer convidá-los para vir conosco? — perguntou Willa, tentando não parecer tão ávida para ter companhia e dispersar aquele clima estranho.

— Boa ideia — disse Colin, rapidamente. Ela percebeu que não era a única que pensava assim.

Colin desceu e correu até o carro de Sebastian no cruzamento. Disse algo aos dois. Quando voltou, ele disse:

— Boa sugestão. Eles parecem estar precisando de um drinque.

Pelo que Willa sabia do relacionamento de Paxton e Sebastian, ela não estava surpresa.

— Acho que todos nós precisamos.



13

A Piadista, o Homem-Vareta, a Princesa e o Excêntrico

Eles seguiram de carro até a National Street e estacionaram na antiga estação ferroviária, que fora a veia principal de Walls of Water há mais de um século, quando essa era uma cidade movimentada pela madeira. Mas quando o governo comprou a floresta montanhosa ao redor e transformou-a em parque nacional, o trem parou de vir, e tudo teve de mudar. A estação se transformou em restaurante e centro turístico. As lojas passaram a se concentrar nos turistas. E ao longo da National Street foram colocadas dúzias de esculturas ao ar livre, todas representando as cachoeiras do parque. Você não daria mais de dez passos nessa rua sem encontrar um lembrete de que aquele era o caminho para as cachoeiras. Por ali fica a estrada de tijolos amarelos.

O restaurante Depot ficava localizado no que um dia fora o pátio das locomotivas da antiga ferrovia. Naquele dia, estava cheio de gente das trilhas, com suas mochilas encostadas às cadeiras. Willa, Colin, Paxton e Sebastian entraram, um quarteto certamente interessante: Willa e Colin com suas roupas amassadas e cabelos

despenteados, e Paxton e Sebastian em roupas sociais que combinavam lindamente entre si.

Eles foram avisados de que haveria espera por uma mesa, mas poderiam comer no bar se quisessem. Concluíram que era uma ótima ideia, principalmente porque Paxton e Sebastian já tinham comido e só queriam drinques.

Paxton e seu irmão sentaram-se um ao lado outro, com Willa e Sebastian nas pontas. Willa gostava de ver os irmãos interagirem. Ela sabia que eles eram gêmeos, mas eram tão diferentes que ela realmente não notara suas semelhanças até vê-los juntos: os olhos escuros, os sorrisos bondosos, a forma pela qual provocavam um ao outro, o jeito de se sentarem com a postura perfeita.

Depois de fazerem o pedido, Colin, Sebastian e Paxton comentaram como era bonito o local. Eles nunca tinham estado ali.

Isso fez Willa rir.

— Vocês são tão urbanos.

— E você não? — perguntou Paxton, sorrindo.

— Eu expandi minhas fronteiras.

Quando as bebidas chegaram, Colin se virou para Sebastian e perguntou:

— Há quanto tempo você está de volta a Walls of Water?

— Só um ano — disse Sebastian. — E você? Planos de se mudar de vez?

Colin evitou cuidadosamente os olhares de Willa e Paxton ao dizer:

— Não.

— Eu não entendo — disse Paxton, erguendo sua *margarita* e tomando um gole. — O que há de tão errado com Walls of Water? É seu lar. Nós nascemos e fomos criados aqui. Nossa história está aqui. Por que você ia querer estar em qualquer outro lugar? Esse lugar nos define.

— Você acertou na mosca, Pax — disse Colin. Ela e Willa se viraram para ele, com expressões semelhantes de desespero.

— Você não gosta do fato de que esse lugar o define? — perguntou Paxton.

Colin deu de ombros.

— Não sou mais o Homem-Vareta.

— E, no entanto, você ainda quer acreditar que eu sou a Piadista — disse Willa.

— A Piadista estava saindo de sua casca. Você provou para muita gente que era bem mais do que imaginavam. Foi uma boa coisa. — Ele brindou com seu copo.

— Não era questão só de provar que eu era mais do que imaginavam. Ser a Piadista foi uma manifestação de muitos problemas familiares não resolvidos.

Sebastian fungou e todos se viraram para ele. Ele estava casualmente recostado no balcão do bar.

— Para vocês dois foi moleza. Experimentem ser o Excêntrico qualquer hora dessas.

— Acho que você é a única que não mudou, Pax — disse Colin. — E eu acho que foi por compreender a si mesma muito antes de qualquer um de nós.

Aquilo pareceu magoar Paxton, e Willa teve vontade de dar um soco no braço de Colin.

— Acho que sou simplesmente a Princesa do grupo, não sou?

— Eu disse isso como um elogio.

— Não, não disse — disse Paxton. — Vocês querem saber qual é a diferença entre mim e todos vocês? Não deixo de amar nenhum de vocês por não serem exatamente como eu gostaria.

— Não, você reserva essa crítica só para si mesma — disse Sebastian, baixinho.

Silêncio.

— Sou eu ou essa conversa de repente ficou séria demais? — disse Willa.

Eles tentaram rir e logo os sanduíches de Willa e Colin chegaram. Enquanto eles comiam, Paxton falou sobre a comida mágica no almoço, e Sebastian contou algumas histórias engraçadas sobre as

damas da sociedade. Colin, que era obviamente um comilão voraz, com um metabolismo invejável, rapidamente terminou seu Reuben.

Paxton estava girando seu copo no balcão do bar e, quando notou que o prato dele estava vazio, disse:

— Posso voltar para a Cabana da Nogueira com você?

Colin limpou a boca com o guardanapo.

— Primeiro preciso levar Willa de volta até o jipe dela.

— Está logo ali na rua, em frente à minha loja — disse Willa, baixando o sanduíche. — Eu posso ir andando.

— Paxton, eu posso levá-la para casa — disse Sebastian. — A Willa não terminou.

— Não. Acho que terminei — disse Willa, sem ter certeza do motivo. Todos subitamente pareciam tão ansiosos para ir embora que ela também se sentiu assim. Foi como ver uma multidão fugindo de alguma coisa. Você não fica esperando para ver o que é. Você também corre.

Paxton se levantou e Colin a seguiu.

— Eu a vejo amanhã? — Sebastian perguntou a Paxton.

— Não. Eu ia lhe dizer isso. Você vai ganhar um alívio dominical. Willa e eu vamos conversar com a Nana Osgood amanhã.

— Vão? — disse Colin. — Por quê?

Paxton suspirou.

— Talvez um dia, Colin, quando você finalmente se interessar por essa família, eu conte — disse ela ao sair andando.

— Bem, essa será uma viagem divertida para casa — disse Colin, ao deixar no balcão o dinheiro da conta.

— Obrigada pela trilha — disse Willa.

— Lamento tê-la feito ir.

— Eu não lamento. — Ele olhou em seus olhos, por um instante a mais do que o necessário, depois saiu.

Sebastian se aproximou, sentando-se ao lado dela.

— Se isso era o que estávamos dizendo, imagine o que não dissemos. — Ele apontou para o sanduíche. — Termine. Eu vou levá-la até seu jipe.

— Tudo bem, eu vou a pé.

— Então eu vou a pé com você — disse ele.

Willa olhou para o sanduíche. Ela não estava mais com fome.

— Então vamos — disse ela, descendo da banqueta. — Eu terminei.

Acabara de anoitecer quando eles saíram, e o céu tinha um tom rosado. Sua avó dizia que um céu assim significava que alguém a distância tinha acabado de se apaixonar — um raro momento de capricho, de uma mulher que tinha medo de tudo. Enquanto caminhavam pela calçada, perceberam que a National Street ainda estava movimentada e muitas lojas permaneciam abertas. Sebastian tinha um jeito tranquilo. Era uma pessoa que não se importava com o silêncio.

— Há quanto tempo você e Paxton são... próximos? — Willa finalmente perguntou.

— Desde que voltei para a cidade. Nós nos demos bem instantaneamente. — Sebastian não parecia o tipo que magoaria alguém propositadamente. Será que sabia que Paxton estava apaixonada por ele? Willa não tinha noção do motivo para cogitar se envolver. Não gostava da ideia de Paxton ser magoada por alguém que ainda não tinha entendido totalmente a si mesmo. Ligeiramente parecido com Colin, pensou ela. Não que Willa estivesse magoada. Realmente, não. Seus sentimentos por ele eram culpa sua. Ela sempre soube que ele iria embora.

— Você e Paxton parecem estar se conhecendo melhor — Sebastian comentou, depois de outro período de silêncio.

— Não sei. Provavelmente, *entender* é uma palavra mais apropriada. Estamos nos entendendo. Nossas avós tiveram uma ligação há muito tempo. Estamos meio que descobrindo os detalhes.

— Para o baile de gala? — perguntou ele.

— Não somente por isso.

Eles finalmente chegaram à loja de Willa. Estava tudo apagado lá dentro e Rachel já tinha ido embora.

— Obrigada pela companhia. Este é meu jipe — disse Willa, abrindo o zíper do bolso do *short* e tirando a chave.

— Sabe, Colin estava certo sobre uma coisa — disse Sebastian. — Sendo a Piadista, você provou, sim, a muita gente que era bem mais do que imaginavam. E você nem pode dizer que essa não foi sua intenção, pois fez questão de que todos nós soubéssemos, com aquele cartaz, que era você.

Willa sorriu, timidamente.

— Bem, eu achei que nunca mais fosse voltar para Walls of Water depois da faculdade. Eu queria que a lenda tivesse um nome.

— Você me inspirou um pouquinho.

— É?

— Naquela época, eu também precisava me libertar de algumas coisas. Eu tinha de deixar de ser o que todos achavam que eu era. Mas sempre haverá um pouquinho do Excêntrico em mim. É parte de quem sou.

Ela sempre achara Sebastian o mestre da reinvenção. Mas agora ela percebia que ele não tinha se reinventado. Ele se tornara ele mesmo.

— Como você compreendeu isso?

— Nós somos quem somos. É surpreendente como influímos pouco nisso. Uma vez que você aceita isso, o resto é fácil. — Ele se inclinou para a frente e beijou-a no rosto. — Boa noite, querida.

— Boa noite — disse ela, enquanto o observava ir embora.

Willa já tinha tomado banho e estava com seu *short* de algodão e sua camiseta regata de dormir quando ouviu uma batida à porta. Ela vestiu um robe curto, desceu a escada e acendeu a luz que já tinha apagado.

Quando abriu a porta, seu insone predileto estava ali, parecendo totalmente infeliz.

— Desculpe — disse Colin. — Peço desculpas por ter insinuado que sua vida é menos do que precisa ser para você e sua família. Eu fiz tudo isso por mim.

— É, eu finalmente concluí isso. — Willa deu um passo para trás e o deixou entrar. Colin trouxe aquele aroma de torta de limão que ela já sentira. Arrependimento.

— Não sei por que esse lugar me afeta tanto, como se eu não conseguisse ser eu mesmo aqui, embora eu sempre seja. Faço questão disso. Talvez eu só esteja reclamando demais. Talvez ache que, se voltar, não consiga ser um Osgood tão bom quanto o restante de minha família. Esse sempre foi meu grande medo. Mas, nossa, eu fico tenso só de pensar. Não quero isso. Não quero festas da sociedade e dias passados no campo de golfe. — Ele passou as duas mãos nos cabelos. Ainda estavam úmidos, como se ele também tivesse acabado de tomar banho.

Willa cruzou os braços.

— Por acaso alguém o obrigou a fazer algo que você não queria durante suas visitas?

Ele franziu o rosto.

— Bem, não.

— Então você só está criando um conflito que não existe. — Ela riu. — Sabe da maior, Colin? Ainda tem um pouco do Homem-Vareta em você. Acostume-se a isso, pois não vai passar.

Ele foi até o sofá e desmoronou.

— Estou constrangido. E muito cansado. Por que nunca posso dormir aqui?

— Talvez você só esteja com medo de relaxar e deixar que algumas coisas simplesmente aconteçam.

— Você está certa. Eu me apaixonar por você simplesmente aconteceu. — Ele riu e recostou a cabeça nas almofadas. — E isso foi a melhor coisa que aconteceu quando voltei para casa.

Os braços de Willa caíram de surpresa.

— Eu já disse, pare de vir aqui quando estiver cansado. Você diz coisas que não deveria.

Ele ergueu a cabeça e olhou-a seriamente.

— Por que eu não deveria dizer isso?

— Porque não estou totalmente certa se você sabe quem sou — respondeu ela honestamente. Como ele poderia? Se ela mesma só conseguira começar a entender recentemente?

— Ao contrário. Eu tenho prestado muita atenção.

Ela sacudiu a cabeça.

— Diga isso de manhã, e eu talvez acredite.

— Está bem. — Ele esfregou as mãos no sofá. — Posso dormir novamente no seu sofá? Aquela foi a única boa noite de sono que eu tive desde que voltei.

— Tudo bem — disse Willa, e suspirou. — Deixe-me pegar um travesseiro.

— Não, nada de travesseiro — disse ele, se esticou, depois abriu espaço para ela. — Só você.

Todo tipo de coisa passava pela cabeça de Willa, dentre as quais a mais surpreendente era o *sim!* instantâneo que ela ouvia. Mas ela vinha negando esses impulsos havia tempo demais para segui-los sem antes pensar.

— Colin...

— Só quero que você fique aqui comigo até que eu adormeça, está bem?

Ela apagou novamente a luz, depois caminhou até ele. Colin era tão alto que ela facilmente se encaixava ao seu lado. Ele passou o braço ao redor dela, que pousou a cabeça em seu peito. Isso parecia certo.

Mas improvável.

— Não tenho certeza se consigo viver aqui — disse ele, na escuridão, como se lesse os pensamentos dela. Willa podia ouvir a voz de Colin, no fundo do peito.

— Não tenho certeza se consigo ir embora — ela respondeu.

Eles ficaram quietos por um tempo. O coração dele foi desacelerando, entrando num ritmo calmo.

— Mas acho que posso tentar viver aqui — Colin sussurrou.

— Acho que posso tentar ir embora — Willa sussurrou de volta.

— Ainda não há chance de transformá-la numa garota da natureza?

Ela riu e se aconchegou mais perto dele.

— Durma, Colin.

E ele finalmente dormiu.

Na manhã seguinte, Willa estava em pé numa cadeira em seu *closet*, esticando o braço para pegar uma caixa de sapatos cheia de recordações do ensino médio, quando Colin apareceu atrás dela.

— O que está fazendo?

— Mas que engraçado, eu estava torcendo para que um homem alto subitamente aparecesse para me ajudar — disse ela, pulando da cadeira. — Você poderia pegar aquela caixa na prateleira para mim?

Ele se exibiu ao pegar com facilidade.

— O que é isso? — perguntou Colin, ao entregar-lhe a caixa.

— É só uma coisa que quero devolver a Paxton quando a encontrar hoje — disse Willa, pousando a caixa em cima da cômoda. Ela já estava acordada havia um tempo, mas ainda não tinha mudado de roupa. Colin ainda estava dormindo quando Willa se levantou, então ela não quis fazer muito barulho.

— Então este é o seu quarto — disse ele, olhando em volta. A cama de ferro fundido era a mesma em que ela dormira a maior parte de sua vida, mas as luminárias nas mesinhas de cabeceira eram peças de cristal pouco convencionais que Rachel lhe dera de aniversário. Seus móveis eram antigos, mas algumas peças eram pintadas à mão, com desenhos de arlequim feitos por uma de suas amigas artistas da National Street.

— Sim, este é o meu quarto.

Ele estava todo descabelado, com a camisa para fora das calças e os pés descalços e, por alguma razão, ela achou encantador. Ele se virou para Willa e disse:

— Eu dormi.

— Eu sei. — Ela não ia contar que não dormira. Estava acostumada a dormir de barriga para cima e, isso só seria possível ela se esparramasse por cima dele no sofá.

Colin caminhou até ela e passou os braços ao redor de sua cintura.

— Obrigado.

— Eu não fiz nada.

— Fez sim. E sabe o que isso significa? — ele se abaixou e disse no ouvido dela: — Significa que teremos de fazer isso novamente.

Willa riu.

— Está bem, mas não no sofá. Estou acostumada demais com a minha cama.

Ele olhou por cima do ombro.

— É uma bela cama.

Ela pegou a mão de Colin e o levou até a cama.

— É muito confortável — disse Willa, sentando-se. — E cabem dois.

Colin se inclinou por cima dela, fazendo-a se deitar. Ainda erguido, mas com uma das mãos em cada lado dela, ele olhou-a de cima a baixo e disse:

— Willa?

— Sim?

— É de manhã.

— Eu sei.

— E eu ainda estou apaixonado por você.



14

Achados e perdidos

Naquele domingo, pouco depois do almoço, Paxton encontrou Willa no estacionamento da casa de repouso e elas caminharam juntas até o quarto de Nana Osgood. Willa estava pensativa, porém alegre, quase como se estivesse cautelosamente otimista com relação a alguma coisa. Paxton ficou imaginando se isso teria a ver com o fato de seu irmão não ter dormido em casa na noite anterior. Ela realmente queria perguntar a Willa, mas imaginou que isso era o tipo de coisa que só se compartilha com amigas.

— Como você está com relação a tudo que Nana Osgood nos contou na sexta-feira? — perguntou Paxton. — Eu não pude perguntar ontem, com Sebastian e Colin junto de nós.

— Estou bem. E você? — Willa olhou para Paxton, com uma ruga de preocupação se formando entre as sobrancelhas.

— Também estou bem — ela mentiu. — Ligeiramente preocupada com o que ela nos dirá hoje.

— Bem, não pode piorar, portanto isso significa que só pode melhorar, certo?

— Certo — disse Paxton, receosa, mas realmente querendo acreditar naquilo. Algo tinha de acontecer.

Paxton tinha trazido uma caixa de trufas de chocolate para dar a Nana Osgood, embora sua mãe tivesse dito para não fazer isso. Mas Paxton estava cansada de tentar mediar a relação de Nana Osgood e a nora, que brigavam como cão e gato. Isso era uma briga delas, não sua. E ela já tinha o suficiente com que se preocupar.

Depois que Paxton deu a caixa de chocolates a Nana Osgood, se sentou ao lado dela no sofá de dois lugares. Fez isso cuidadosamente, para não desalojar a avó, que provavelmente tinha o peso de uma folha de papel. Willa sentou-se na poltrona de frente para elas.

Agatha afagava a caixa de chocolates em seu colo. A primeira coisa que ela disse foi:

— Se a polícia for atrás de Georgie, quero que vocês digam o que eu lhes contei.

— Acho que não irão atrás dela — disse Willa. — Não tive nenhuma notícia de Woody Olsen. Você teve? — Willa perguntou a Paxton.

— Não.

— Não me interessa o que vocês acham — disse Agatha. — Se isso acontecer, prometam que contarão a eles!

— Tudo bem, Nana. Nós prometemos.

— Então, está bem. — Ela afagou a caixa de chocolates um pouco mais.

— O baile de gala é na sexta-feira — disse Paxton. — Eu ainda quero que você vá.

Agatha estalou a boca.

— Garotas tolas.

— Willa e eu notamos que a data da fundação do Clube Social Feminino coincide com a época em que Tucker Devlin desapareceu, há setenta e cinco anos. Isso é só uma coincidência?

— Não, não é coincidência. Não existe tal coisa. Na noite em que o enterramos, eu disse a Georgie que sempre estaria ao lado dela. Ela estava com medo. Estava grávida. E eu iria ajudá-la, independentemente de qualquer coisa. No dia seguinte, eu chamei

nossas quatro melhores amigas e disse a elas que Georgie precisava de nós. Não dei detalhes, mas a cidade parecia saber que Tucker Devlin se fora. Tudo parecia diferente, como se estivéssemos despertando. Nós seis formamos o Clube Social Feminino exclusivamente para ajudar Georgie. Prometemos que jamais daríamos as costas umas às outras. Mesmo que isso nos amedrontasse, mesmo que fosse perigoso, nós prometemos nos manter juntas e fazer as coisas certas, porque ninguém mais faria. A família de Georgie não fez nada para ajudá-la. E a cidade toda viu como Tucker nos tratava, nos jogando umas contra as outras, e não fez nada para salvar o coração de suas filhas. Decidimos nos tornar uma sociedade de mulheres, um clube para assegurar que as mulheres fossem protegidas. O clube era algo importante naquela época. Não era como hoje.

— O que aconteceu para que as coisas mudassem tanto? — perguntou Paxton. Ultimamente, ela vinha tendo sensações mistas sobre o clube, e descobrir isso só a deixou mais confusa quanto ao seu papel na instituição.

— A vida aconteceu — disse Agatha. — Georgie deixou o clube aproximadamente dez anos depois, quando o restante de nós começou a ter seus filhos. Nessa época começamos a usar o clube como meio de comparações. Quem tinha a melhor cozinheira. Quem tinha o marido que ganhava mais. A vida de Georgie era muito diferente, e eu acho que ela já não se sentia parte daquilo. Mas eu mantive a minha promessa. Sempre estive presente quando ela precisou de mim. Ela só parou de pedir. Mas eu era bem próxima de Ham, e ele vinha a mim quando Georgie não vinha.

— A vovó Georgie era muito severa com meu pai — disse Willa. Paxton se virou para ela. Ela não entendeu o comentário, mas Willa obviamente pretendia chegar a algum lugar.

— Ela apenas morria de medo de que ele se tornasse alguém como Tucker. Ela morria de medo de tudo. Tinha medo de que exatamente isso acontecesse, que o corpo de Tucker fosse encontrado. — Agatha sacudiu a cabeça. — Tinha todas aquelas

superstições porque queria que seu fantasma continuasse sepultado. Aquilo virou obsessão.

— Meu pai sabia que Tucker era o pai dele?

— Ela acabou dizendo que ele era um caixeiro-viajante e nunca mais o viu. Acho que ele deduziu o restante. O que Ham com certeza sabia era que sua mãe queria que ele vivesse uma vida modesta. E ele fez isso por ela. Foi uma pena que ele tenha morrido quando finalmente estava tomando seu próprio rumo.

Willa se inclinou para a frente:

— O que quer dizer?

— Ele ia vender a casa e viajar.

— Ele nunca me disse isso!

— Acho que ele não lhe disse muitas coisas.

Willa surpreendeu Paxton ao perguntar:

— Ele pediu demissão de seu emprego na escola por minha causa?

— Sim. Ele ficou muito impressionado com você. Embora eu não possa imaginar o motivo. — Agatha fez uma careta. — Todos aqueles trotes. E quando ele descobriu que você tinha saído da faculdade, simplesmente achou que você estivesse se encontrando.

— Ele soube que eu saí? — Não parecia possível, mas as sobrancelhas de Willa subiram ainda mais.

— Claro que ele soube.

— Como você sabe? — perguntou Paxton, impressionada por sua avó ter guardado não apenas seus próprios segredos como também os do pai de Willa. O que mais haveria dentro daquela cabeça-dura? Todos esses anos Paxton pensara que a avó não era nada além de uma velha cruel. Mas ela era complexa e profunda como ninguém imaginava.

— Ham e eu tivemos uma conversa muito longa quando chegou a hora de ele transferir a mãe para a casa de repouso. Ele ia viajar. Eu prometi cuidar de Georgie. — Ela endireitou os ombros. — Não que eu tenha deixado de fazê-lo.

Willa recostou-se em sua poltrona, parecendo repensar as coisas. Paxton aproveitou a oportunidade para perguntar:

— Por que você nunca me disse que o clube tinha se desviado de seu caminho? Talvez eu pudesse ter feito alguma coisa.

— Paxton, eu acredito que você tentou fazer o clube ter mais relação com as obras do que com o aspecto social e lhe dou crédito por isso, mas também acredito que seja mais porque você não tem amigos do que por um chamado superior. — Paxton recuou atônita, diante daquela afirmação. — Foi a amizade que deu início ao clube e, se algum dia quiser vê-lo como era, você precisa entender o que significa ser uma amiga. Eu sei que você sempre me olhou e pensou *Eu não quero ser como ela*. Bem, aqui está sua chance. As pessoas sempre dizem que a vida é curta demais para arrependimentos. Mas a verdade é que ela é comprida demais.

— Você irá ao baile de gala? — Paxton perguntou novamente. — Acho importante que esteja lá.

— Talvez. Continue trazendo chocolates e... talvez. Deixe-me comer em paz — disse Agatha, abrindo a caixa.

Paxton e Willa saíram do quarto. Cada uma perdida em seus pensamentos, caminhavam pelo corredor. Paxton seguia em direção à porta da frente quando Willa parou.

— Eu vou ver minha avó — disse Willa.

— Ah. Certo. Tudo bem.

— Você não quer tomar um café primeiro? — Willa apontou por cima de seu ombro, na direção do salão de jantar.

Paxton sorriu, quase aliviada.

— Sim. Seria ótimo.

Elas pegaram suas canecas e as encheram, depois caminharam até uma mesa próxima à janela, com vista para o jardim lateral.

— Por que você acha que nunca nos tornamos amigas? — perguntou Paxton, enquanto Willa esvaziava um pacotinho de açúcar em seu café. — Sempre notei a forma que você me olhava. Você jamais gostou de mim, não é?

— Não é isso — disse Willa.

— Então o que é?

Willa hesitou.

— Acho que, no ensino médio, era inveja. Eu detestava não ter o que você tinha. Acabei me ressentindo com minha família por causa disso, gostaria de voltar atrás e mudar isso. Como adultas, eu não sei. — Willa deu de ombros. — Você estabeleceu um padrão impossível e ninguém consegue alcançá-lo. E, às vezes, parece que você faz isso de propósito. Suas roupas são perfeitas. Seu cabelo é perfeito. Você faz malabarismo com um esquema de trabalho que exigiria três pessoas normais para cumprir. Nem todo mundo consegue fazer isso.

Paxton olhou dentro de sua caneca.

— Talvez eu faça de propósito. Mas é só porque todas parecem mais felizes do que eu. Todas têm suas casas, seus maridos, filhos, negócios. Às vezes, eu acho que há algo errado comigo.

— Não há nada errado com você — disse Willa. — Por que *you* nunca fez amizade comigo?

— Ah, isso é simples. — Paxton sorriu ao levantar o olhar. — Você me assustava. — Isso fez Willa rir. — Sério. Você era tão quieta e intensa. Como se conseguisse ver através das pessoas. Se eu soubesse antes que você era a Piadista, talvez tivesse sido mais fácil conhecê-la. Pelo menos eu saberia que você tem senso de humor. Então, quando você voltou, pareceu não querer ter nada a ver com as pessoas com quem cresceu. Você assumiu o estilo de vida da National Street como se estivesse empinando o nariz para nós, como se fôssemos caipiras tolos.

— Não é isso — disse Willa imediatamente. — Não é nada disso. Depois que meu pai morreu, eu voltei para cá e percebi que nunca pude me desculpar por fazer parecer que ele não tinha feito o suficiente. Prometi a mim mesma e a ele que eu seria feliz com o que tinha. Todos os dias. Mas estar perto das pessoas com quem fui criada trouxe todas as minhas inseguranças de volta, então eu simplesmente me acostumei a evitar isso.

— Agora não tem como me evitar, sabe? — disse Paxton. — Você sabe dos meus segredos. Você usou *spray* de pimenta para me defender. Eu devo essa a você pelo resto da vida.

Willa riu e abanou a mão, descartando.

— Qualquer uma de suas amigas teria feito a mesma coisa.

— Não — disse Paxton. — Não teriam.

— Ah, eu quase me esqueci — disse Willa, enfiando a mão no bolso traseiro dos *jeans*. — Preciso devolver isso a você. — Ela entregou a Paxton uma folha de caderno dobrada.

— O que é?

— É uma anotação que você deixou cair, um dia, no corredor da escola. Eu a peguei e li. Depois disso, fiquei constrangida demais para devolver.

Paxton pegou o papel e o abriu. Assim que percebeu o que era, ela riu, surpresa.

— Minha lista de qualidades do homem com quem eu gostaria de me casar.

— Desculpe — disse Willa timidamente.

— Foi assim que você falsificou a minha letra naquele bilhete para o Robbie Roberts!

— Sim. Eu lamento muito, muito mesmo.

Paxton sacudiu a cabeça e colocou o papel na bolsa.

— Tudo bem. É só uma lista. Uma das muitas. Eu tinha me esquecido completamente dela.

— É uma lista que impressiona — disse Willa.

— Naquela época, eu sabia o que queria. — Paxton sorriu e decidiu ir em frente e perguntar a Willa o que ela estava morrendo para saber. — Falando em querer. Meu irmão não voltou para casa ontem à noite. Imagino que você não saiba nada sobre isso, ou sabe?

Willa desviou o olhar.

— Talvez ele tenha dormido no meu sofá.

— Então por que você está vermelha?

Willa se virou, com os olhos brilhando.

— Talvez eu tenha dormido ali com ele.

— Eu sabia!

Elas riram e Paxton subitamente sentiu que estava num bom clima com Willa. Ela nunca achou que fosse boa em fazer amizade. Mas talvez apenas estivesse tentando fazer amizade com as pessoas erradas.

Elas acabaram conversando por muito tempo depois que o café esfriou.

Horas mais tarde, depois que deixaram o salão de jantar e Willa foi ver sua avó, Paxton entrou no carro e imediatamente tirou o papel da bolsa e leu novamente a lista.

O FUTURO MARIDO DE PAXTON:

Será bondoso

Será engraçado

Será compreensivo

Saberá cozinhar

Saberá beijar bem

Será cheiroso

Sempre me fará surpresas

Vai discutir comigo, me deixando vencer às vezes, mas não sempre

Será misterioso

Sempre irá me amar, independentemente da minha aparência

A mamãe não vai gostar dele, o que significa que eu o amarei ainda mais

Ela se lembrava de tê-la perdido e ficar em pânico durante vários dias, pensando em onde poderia estar. Ela temera que algum garoto ridículo como Robbie Roberts pudesse encontrá-la e debochar dela. Mas os anos se passaram e Paxton se esqueceu da lista, uma das tantas coisas que ela conseguira deixar para trás.

Para onde tinha ido essa garota? Paxton ficou pensando. Era como olhar uma foto antiga de sua avó. *Para onde tinha ido essa garota?*

Colin disse que era a única do grupo que não tinha mudado. Mas ela tinha mudado sim, de uma forma boa.

A garota que ela era não aprovaria a mulher que ela se tornara. Aquela garota sempre presumiu que, nessa idade, ela seria tão feliz quanto havia sido naquela época. O que aconteceu?

Ela ficou ali sentada, olhando o nada, com o papel no colo, até que seu celular tocou.

Ela olhou o visor. Era sua mãe, provavelmente imaginando por que ela ainda não estava em casa para a última prova de seu vestido de gala.

Com um suspiro, Paxton colocou o telefone e o papel de volta na bolsa e ligou o carro. Depois partiu.

De volta à vida que ela conhecia.



15

Arriscar-se

Na segunda-feira, Paxton trabalhou durante o almoço para poder tirar o restante da tarde de folga. A papelada que exigia sua assinatura se empilhava no centro de apoio social, e havia um milhão de detalhes para cuidar antes do baile de gala na noite de sexta-feira, mas havia algumas coisas que simplesmente eram mais importantes.

Ela foi de carro até a Imobiliária Harris & Associates, que ficava ao lado do mercado orgânico, e estacionou seu carro. Quando entrou, ela viu Kirsty Lemon ao telefone, em sua mesa. Assim que Kirsty desligou, Paxton caminhou até ela.

— Paxton — disse Kirsty, surpresa. — O que está fazendo aqui?

— Eu notei que o sobrado da Teal Street ainda está à venda.

— Sim, está — disse Kirsty, cautelosa.

— Eu quero comprá-lo.

Kirsty parecia prudente, desconfiada, o que Paxton não estava esperando.

— Você tem certeza desta vez?

— Sim.

Kirsty suspirou e pegou sua chave.

— Bem, vamos dar uma olhada — disse ela, com o entusiasmo de alguém que vai fazer uma colonoscopia.

As duas entraram na minivan de Kirsty. Paxton não conseguia se lembrar da última vez em que elas tinham andado no mesmo carro. Talvez tivesse sido no ensino médio, quando Kirsty pegava o Range Rover pré-histórico do pai e elas iam para Asheville aos sábados. Ela sentia falta disso, de andar de carro com Kirsty, falar sobre tudo. Antes de ficarem adultas. Antes de haver tantas coisas que elas não quisessem que a outra soubesse.

O sobrado era num bairro chamado Waterview, um local cheio de verde, com uma área comum que tinha um mirante e uma fonte. As casas eram de tijolinhos e lindas. O sobrado que Paxton tinha adorado, desde o instante em que Kirsty lhe mostrara no ano anterior, ficava numa rua sem saída. Havia trepadeiras ao redor da porta e Paxton se lembrava de ter pensado como seria maravilhoso entrar em casa durante a primavera, quando as plantas estariam florindo. Seria como atravessar um arco nupcial todos os dias.

Kirsty destrancou a trava de segurança. O teto era alto, como de catedral, e o piso era de tábuas corridas. Na parte de cima havia três quartos. Esse tinha sido um dos pontos de discussão com sua mãe, quando Paxton quis se mudar no ano anterior, antes de completar trinta anos. Sua mãe insistira que Paxton não precisava de tanto espaço.

Ela pensou no que Sebastian lhe disse sobre toda vida precisar de um pouquinho de espaço e como isso abre lugar para que coisas boas entrem.

Ela gostaria de ter pensado nisso para dizer à mãe naquela ocasião.

Paxton caminhou pelo espaço aberto. A cozinha de *chef*, anexa à sala de estar, era separada por uma bancada. Ela pensou em como seria legal convidar amigos para jantar, idealizando as coisas, é claro, porque as participantes do clube eram casadas e esse tipo de programa só de garotas parecia não existir mais entre elas. Ou, se existia, Paxton não estava incluída. Se ela tivesse feito isso logo

depois de sair da faculdade, talvez as coisas pudessem ter sido diferentes, antes que as vidas de todas se complicassem tanto.

— É tão lindo quanto eu me lembrava — disse Paxton.

Kirsty estava em pé, perto da porta.

— Eu estava contando com a comissão da venda desta casa no ano passado. Quando você desistiu de comprá-la, no último minuto, eu fiquei muito chateada com você.

Surpresa, Paxton se virou para Kirsty.

— Por que você não disse nada?

Kirsty deu de ombros.

— Eu lamento. Nós costumávamos poder dizer qualquer coisa uma à outra. Quando foi que isso mudou?

— Eu não sei. — Kirsty se aproximou. — Quando você é adolescente, seus amigos são sua vida. Quando você cresce, as amizades ficam cada vez mais distantes, até parecer um luxo, uma frivolidade, como um banho de espuma.

— Você é importante para mim, Kirsty — disse Paxton. — Sempre foi. Por algum motivo, eu só parei de dizer, ou de demonstrar.

— Nossa, Pax, esse é um lado seu que eu não vejo há tempo. O que trouxe isso à tona?

— Com a proximidade do baile de gala, eu tenho pensado em nossas avós, na forma que o relacionamento delas durou por toda a vida. Eu sempre achei que seria assim conosco.

Kirsty pareceu um pouco triste.

— Eu também.

E era isso, Paxton imaginou. O reconhecimento de que as coisas haviam mudado, mas ninguém estava disposto a fazer nada a respeito.

— Certo. Eu quero esta casa — disse Paxton. — O mais rápido possível. Estou fazendo uma oferta hoje.

— Paxton, venha aqui — sua mãe chamou da sala, assim que Paxton pisou em casa.

Quando Paxton entrou, a mãe e o pai estavam sentados no sofá, assistindo ao noticiário noturno.

— Seu vestido foi entregue hoje — disse Sophia, apontando uma grande caixa branca na poltrona do canto. — Não deixe de experimentar, para ter certeza de que não vai precisar ser ajustado no último minuto. Acho que você, eu e seu pai devemos ir juntos, principalmente se você não tem um acompanhante.

Paxton caminhou até a caixa e a abriu, ainda sentindo um pouquinho daquela emoção que costumava sentir ao pensar em vestidos de festa, a fantasia daquilo tudo. Ela sorriu quando viu o material rosado brilhante, a pedraria ao redor da gola.

— Eu preciso chegar lá cedo, então vou com meu carro. — Ela recolocou a tampa na caixa. — Mamãe, quando você se mudou da casa de seus pais?

Sophia desviou o olhar da televisão.

— Depois da faculdade. Eu fui morar com algumas amigas. Fiquei com elas por aproximadamente dois anos, até começar a namorar seu pai. Foi uma das melhores épocas da minha vida. Quando Donald me pediu em casamento, eu fiquei empolgada, é claro, mas um pouquinho triste também. Aquilo significava que eu estava deixando minhas amigas para trás.

Paxton viu o pai virar a cabeça para olhar Sophia quando ela disse isso.

— Por quê? — perguntou Paxton. — Vocês não poderiam ter continuado a ser amigas?

— Você certamente sabe disso, Paxton. Você faz uma escolha. Você não é tão próxima de suas amigas casadas como já foi, é?

— Não — disse ela. — Mas acho que isso é como dizer que lamenta por ter deixado a torneira aberta na casa inundada. Em determinado momento, você poderia ter desligado. Não é algo que precisava ter acontecido.

Sophia subitamente franziu o rosto.

— Por que você está perguntando essas coisas?

Paxton pegou a caixa do vestido e caminhou até sua mãe.

— Porque eu estou me mudando.

Sophia abanou a mão.

— Ora, Paxton, nós já falamos sobre isso no ano passado. Você está muito melhor aqui. Não precisa de um lugar só seu, a Cabana da Nogueira tem bastante espaço.

— Eu esperei tempo demais. Adiei demais. Você se mudou logo após a faculdade. Todas as minhas amigas também. Preciso fazer isso. — Ela respirou fundo. — Fiz uma oferta para a compra de um sobrado esta tarde.

Quando finalmente assimilou que Paxton estava falando sério, Sophia disse:

— Paxton! Você não fez isso!

— Sim, eu fiz. Você pode me visitar quando quiser. E eu venho visitá-la. Mas vou decorar a casa como eu quiser. E não vou lhe dar uma chave. Tenho trinta anos de idade, mamãe. Acho que você se esqueceu disso.

— Donald! — gritou Sophia. — Diga algo.

Seu pai virou-se para ela com uma centelha no olhar que havia muito tempo Paxton não via.

— Você gostaria que eu lhe desse o valor da entrada como presente para a casa nova?

Isso fez Paxton sorrir.

— Não, obrigada, papai.

— Donald!

— Ela está indo embora, Sophia. Talvez seja hora de tentarmos nos virar, somente nós dois, por um tempo.

Enquanto Paxton saía, Sophia olhava o marido como se ele tivesse acabado de voltar de uma viagem muito, muito longa, e ela não tivesse certeza se estava ou não contente em vê-lo.

Quando Paxton chegou à casa da piscina, ela pegou o telefone e ligou para Willa. Não tinha certeza do motivo.

— Alô?

Paxton hesitou por um momento.

— Oi. É a Paxton.

— É sua irmã — disse Willa.

— O Colin está aí?

— Sim. Quer falar com ele? — Willa estava de bom humor. Paxton pôde perceber isso em sua voz.

— Não, eu quero falar com você. Mas ligo depois, quando você não estiver ocupada — Paxton se apressou em dizer.

— Não seja tola. — Paxton ouviu o ranger de uma porta de tela, depois o barulho da porta sendo fechada. — Agora estou do lado de fora — disse Willa. — Seu irmão está tentando descobrir como fazer a cafeteira funcionar. Ele disse que ela deveria estar num museu.

Paxton pegou a caixa do vestido que tinha deixado no sofá e foi para o seu quarto.

— Ele ingere cafeína demais.

— Eu sei. Comprei café descafeinado para ele.

— Hoje eu percebi que você ainda não confirmou sua presença no baile de gala. Você vai? Por favor? Não obrigarei você a receber nada em nome de sua avó. Eu só gostaria que você estivesse lá. E se o Colin ainda não a convidou, prepare-se, pois ele está prestes a fazê-lo. — Paxton tirou o vestido rosa forrado da caixa e colocou num cabide acolchoado, depois pendurou na porta do *closet*. — Acho que até consegui convencer a Nana Osgood a ir. Depois de tudo que ela nos contou, acho que ela vai só para ver o deboche que essa geração faz do clube.

— O que há de errado, Pax? — perguntou Willa, e Paxton percebeu que era a primeira vez que ela usava seu apelido. — Você parece melancólica.

— Melancólica, não. Conflitante, eu acho. — Paxton se sentou na beirada da cama, olhando o vestido. — Hoje eu resolvi comprar uma casa. Vou me mudar da Cabana da Nogueira.

— Isso é ótimo! Precisa de ajuda com a mudança?

— Na verdade, eu não tenho muito o que levar. Terei de comprar uma porção de coisas. Nem tenho uma cama que seja minha.

Preciso arranjar um tempo para tirar as medidas amanhã. — Ela parou. — Você gostaria de ver a casa?

— Eu adoraria — Willa disse imediatamente.

— Não conte ao Colin ainda. Vou dar a notícia quando ele chegar aqui. Ele vai ficar triunfante. — Paxton inclinou-se para a frente com um cotovelo no joelho e a cabeça pousada na mão. — Estou com um pouquinho de medo, Willa — disse ela, baixinho, como se tivesse medo até de revelar aquilo.

Ela ouviu outro rangido, como se Willa tivesse acabado de se sentar.

— A felicidade é um risco. Se você não sentir um pouquinho de medo, não está fazendo a coisa certa.

Paxton ficou em silêncio, assimilando aquilo.

— Você vai à festa de gala com Sebastian? — Willa finalmente perguntou.

— Ele não tocou mais no assunto. Acho que vou sozinha. Mas tudo bem. Vou ficar bem.

— Você tem certeza?

— Não parece ser mais a mesma coisa com ele. Não parece mais igual sem ele. Nada chegou a ser rompido, então não é como se eu pudesse consertar. Simplesmente terei de continuar tentando encontrar o que estou procurando.

— Você vai encontrar — disse Willa.

— Eu espero que sim.

— Estou aqui, se você precisar de mim.

Na verdade, tinha sido esse o motivo do telefonema. Paxton precisava ouvir aquilo.

— Obrigada, Willa.



16

Tirar a armadura

— O Dr. Rogers irá recebê-la agora — disse a recepcionista para Willa. — Seu escritório fica no corredor.

Era um tiro no escuro, e Willa havia esperado quase uma hora, mas agora ela finalmente falaria com Sebastian.

— Obrigada — disse ela ao entrar no lugar privativo, tentando não olhar para dentro das salas que emitiam ruídos de motorzinhos. Aquilo a deixou enjoada. Ela sempre detestara consultórios odontológicos.

Ela entrou no consultório de Sebastian, mas ele não estava lá. Sentou-se numa das poltronas diante da mesa dele e olhou em volta. Era agradável, porém funcional. Aparentemente, ele não passava muito tempo ali. Só havia uma fotografia em sua mesa. Quando virou o porta-retrato, ela viu que era uma imagem dele com Paxton, em que eles seguraram a câmera e sorriram enquanto batiam a foto.

Ela ouviu a voz de Sebastian vindo do corredor e rapidamente desviou a foto. Sebastian entrou e sorriu para ela. Ele estava sem o paletó do terno, e as mangas da camisa estavam enroladas. Ele era tão estranhamente bonito. Na escola, Sebastian se escondia por trás

de um monte de maquiagem, mas agora parecia ter superado isso. Ela ficou encarando-o, mas percebeu que ele provavelmente já estava acostumado com aquilo.

— Você fez um bom trabalho neste consultório — Willa finalmente disse. — Não parece em nada com o que me lembro do consultório do Dr. Kostovo.

Ele caminhou para trás da mesa e sentou-se.

— Você quer dizer que não parece mais uma câmara de tortura medieval.

— Sim — disse ela, estremecendo. — Quem faz um negócio daqueles? Num consultório odontológico? Como se os pacientes já não tivessem medo suficiente.

— Você tinha que ver a casa dele logo que me mudei para lá — disse Sebastian. — Ele deixou uma armadura para trás.

— Você está brincando!

— Não. Está no meu porão.

Willa riu.

— Você deveria dar a Paxton, como um presente para a casa nova. Já imaginou a cara que ela faria?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Presente para a casa nova?

— Ela comprou um sobrado. — Willa parou, subitamente se questionando se devia estar ali. Numa crise de indignação, ela decidira que, se Sebastian não sabia quanto estava entristecendo Paxton, alguém tinha de dizer a ele. Mas, no fim das contas, isso talvez não fosse uma boa ideia. — Pelo que vejo, ela não lhe contou.

— Não.

— Ah.

Houve um silêncio estranho, antes que Sebastian perguntasse:

— Foi por isso que você veio me ver?

— Não exatamente.

Ele assentiu compreensivo.

— Eu sempre me perguntei por que nenhuma outra pessoa da vida dela me confrontou. Acho que eles presumem que Paxton sabe

exatamente o que está fazendo. Para responder à primeira pergunta, eu sei o que você quer perguntar: e sim, eu sei que Paxton está apaixonada por mim. Para responder à segunda pergunta, não, eu não quero magoá-la. Tenho feito tudo que está ao meu alcance para que isso não aconteça.

— Então tente outra coisa — disse Willa ao se levantar. — Não está funcionando. — Ela esticou o braço e pegou um bloco de anotações e uma caneta que estavam em cima da mesa dele. Escreveu algo e entregou a Sebastian.

— O que é isso?

— É o novo endereço de Paxton. A agenda dela está muito apertada, por conta do baile de gala daqui a três dias. Mas por acaso sei que ela estará lá entre quatro e cinco horas da tarde de hoje.

Ele assentiu ao se levantar, colocando a anotação no bolso.

Willa abriu a porta do escritório e saiu, seguida por Sebastian. Ele acompanhou-a até a recepção, pondo a mão em suas costas com firmeza. E ela finalmente entendeu. Assim, de repente. *Eu precisava parar de ser o que todos achavam que eu era.* O que ele havia dito no lado de fora de sua loja no sábado.

Perplexa, ela se virou para olhá-lo e ele piscou.

Ah, Paxton, pensou ela. *Você não faz ideia do que está reservado para você.*

Ela saiu rumo ao sol, sorrindo. O destino nunca lhe conta tudo de cara. Nem sempre lhe é mostrado o caminho de vida que você deve seguir. Mas se havia uma coisa que Willa aprendera nas últimas semanas era que, quando você realmente tem sorte, encontra alguém com o mapa.

Felicidade significa correr riscos. Ninguém nunca dissera isso a Paxton. Era como se fosse um segredo que o mundo estava lhe escondendo. Paxton não corria riscos, ao menos não quando estava sóbria. Ela sabia no que estava entrando antes de se comprometer

com qualquer coisa. O fato de todas as mudanças que ela fizera nos últimos dias a assustarem tinha de ser um bom sinal.

Às quatro horas ela entrou no sobrado, com a chave que Kirsty Lemon lhe emprestara. Willa ligara mais cedo dizendo que não poderia ir. Então Paxton colocou a caixa de *donuts* que tinha acabado de comprar em cima da bancada da cozinha e resolveu usar esse tempo para fazer o que ela fazia melhor do que ninguém.

Listas.

Ela estava na sexta folha de papel quando a campainha tocou. Passava de um cômodo a outro, tirando medidas e fazendo desenhos do que pensava em colocar onde. Ela tirou os fones de seu iPod do ouvido e caminhou até a porta, achando que Willa talvez tivesse conseguido dar uma fugida do trabalho. Ela olhou o relógio. Eram quinze para as cinco. Ela logo iria embora, mas ainda havia tempo para mostrar rapidamente a casa.

Paxton abriu a porta, e a pessoa que ela menos esperava estava ali em pé.

Ele tinha afrouxado a gravata e parecia ter passado as mãos nos cabelos várias vezes.

— Sebastian — disse ela. — Como soube que eu estava aqui?

— A Willa me disse — disse ele. — Por que você não me contou?

Willa contou a ele? Desconcertada, ela deu um passo para trás para deixá-lo entrar.

— Aconteceu muito rápido.

— Isso é um passo grande para você.

— Deveria ter acontecido há muito tempo.

Ele olhou em volta, com as mãos nos bolsos, e parecia tão deslocado que fez o coração dela doer.

— Eu tenho uma pergunta — disse ele. — Uma pergunta que não consigo parar de fazer a mim mesmo. Por que você me beijou se tinha me visto beijando outro homem tantos anos atrás? Você tem um lado pervertido que eu não conheço, Pax? Aquilo a excitou?

Ela foi pega desprevenida pela pergunta.

— Não — disse ela, assustada. — Não foi nada disso. — Ele ficou olhando para ela, que sacudiu a cabeça. — Meu Deus, Sebastian, as pessoas se apaixonam o tempo todo. E nem sempre é pela pessoa certa. E nem sempre é recíproco. Eu me apaixonei por você. Não pude evitar. Eu não consegui impedir. Mas estava preparada para lidar com isso em silêncio, até que passasse, ou pelo menos diminuísse a ponto de eu poder vê-lo sem desejá-lo tanto. Naquela noite, na casa da piscina, eu estava fora de controle e detesto essa sensação; depois, você passou por lá porque estava preocupado comigo, quando ninguém mais estava. Se você se importava tanto comigo, achei que isso talvez pudesse se transformar em algo mais. Fui negligente e egoísta, como eu já repeti muitas vezes, desculpe. Não sei mais o que dizer.

— Sente-se — disse ele. — Eu tenho algo para lhe dizer.

— Não tenho cadeiras. E acho que não quero ouvir nada que você tenha a dizer agora.

Ele caminhou até ela e pegou seu braço, conduzindo-a até a escada.

— Sente-se e ouça — disse ele, num tom que Paxton não conhecia. Sebastian estava *nervoso*.

Ela sentou-se, devagar, colocando o caderno e o iPod ao seu lado, no degrau, depois enlaçou as mãos no colo.

Sebastian ficou parado diante dela por um momento. Depois, começou a andar de um lado para o outro.

— Quando estava crescendo, eu não me encaixava em lugar nenhum — ele finalmente disse. — Nem em casa, nem na escola. Quando adolescente, eu passava muito tempo naquele restaurante da estrada, mais como uma forma de evitar ir para casa e enfrentar meu pai. Numa noite de sábado, quando eu tinha dezesseis anos, eu estava lá sentado, no reservado dos fundos, e eram provavelmente três horas da madrugada quando um grupo de garotos entrou, pedindo instruções para voltar a Asheville. Eles tinham se perdido na volta para casa ao retornar de uma festa na Carolina do Sul. Eram barulhentos, extravagantes, felizes, diferentes de todos que eu já

tinha conhecido. Um deles me viu e foi como se ele tivesse avistado um membro perdido de sua tribo. Ele veio até mim e começou a flertar. Seus amigos se juntaram a ele, e todos nós tomamos café e rimos. Uma porta subitamente se abriu para mim, a da *aceitação*. Horas depois, eles disseram que tinham de ir embora, que suas mães ficariam zangadas. Mas disseram que, se eu aparecesse em Asheville, eles passavam todas as tardes na Pack Square, e eu poderia ficar com eles se quisesse. Então aquele garoto que tinha me avistado primeiro passou a mão no meu cabelo e disse “Quem poderia saber que algo tão lindo surgiria no mato?” — Sebastian sacudiu a cabeça. — Acho que os humanos são basicamente animais que andam em bando. Eu nunca fizera parte de um.

— Esses são os mesmos garotos com quem vi você no *shopping* de Asheville? — perguntou Paxton.

— Sim. E o garoto que me beijou era Alex. Foi uma época confusa para mim. Aqueles eram meus amigos. Eles me salvaram. E, em certo ponto, eu os amava. Eu adorava o Alex. Mas o motivo por eu ter me tornado um deles era porque eu precisava fazer parte de algum grupo e eles me aceitaram. Eu não me tornei um deles por ser um deles. — Ele lançou um olhar que Paxton percebeu representar algo importante, mas ela não entendeu.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer, Paxton, que eu não sou *gay* — disse ele.

Ela sentiu as palavras queimarem sua pele.

— Quando entrei na faculdade, comecei a frequentar um psicólogo que me ajudou a analisar algumas questões. As melhores pessoas que eu conheci, as mais receptivas, eram *gays*. Mas, para mim, isso foi uma posição de recuo e eu não era assim por dentro. Então, comecei a sair com mulheres na faculdade e cheguei a me apaixonar algumas vezes. Mas nunca deu certo porque nenhuma delas me entendia, elas me viam como um amigo platônico, ou achavam que estavam me convertendo. Foram anos interessantes, mas que eu não gostaria de reviver. Cheguei ao ponto de simplesmente me cansar de tentar me defender. A forma que as

peças vivem suas vidas e por quem se apaixonam jamais deveria *precisar* de defesa. Por isso, há cerca de cinco anos eu tomei a decisão de não abordar minha sexualidade em mais nenhuma situação. E essa decisão facilitou muito a minha vida. Até eu conhecer você.

Ela se levantou. Não ia chorar. Por mais que quisesse.

— Que tipo de jogo você está jogando comigo? Eu não mereço isso de você, Sebastian.

Ela tentou passar por ele, mas Sebastian agarrou seus braços e fez que ela o olhasse.

— Não estou fazendo joguinhos — disse ele, com palavras sucintas e medidas, palavras que pareciam despencar de um precipício.

— Então por que está me dizendo isso?

Ele deixou as mãos caírem. Paxton estremeceu ligeiramente.

— Porque amo você de um jeito profundo e aterrorizante. E não sei o que fazer. Nunca senti nada como o que senti quando você me beijou.

Ele estava assustado. Agora ela podia ver isso claramente.

— Então por que parou?

Ele passou as mãos nos cabelos.

— Porque eu ainda estava agarrado à minha convicção de que o sexo só atrapalha os bons relacionamentos.

Paxton engoliu em seco.

— E agora?

— Meu passado sempre estará comigo. É parte de quem sou. E eu achei que não houvesse uma única pessoa no mundo que pudesse saber tudo a meu respeito e me amar mesmo assim. Até conhecer você. Amo você, Paxton, e tenho toda a intenção de ficar com você para sempre, se você me quiser.

Ela estivera naquela posição apenas algumas semanas antes. Sabia qual era a sensação de estar diante de alguém e pedir que essa pessoa a amasse, tentar aproximá-la de você pela pura força do seu desejo, uma energia tão forte que dá a impressão de que

— Você irá morrer por causa daquilo. Ela não parou para pensar. Só sabia que não queria que ele se sentisse como ela tinha se sentido. Foi até Sebastian e o beijou. Seus braços o enlaçaram e ela o abraçou como se sua vida dependesse daquilo. Ele a prensou contra a parede e ela bateu a cabeça, mas não parou. Paxton puxou o paletó dele até tirá-lo e também puxou a gravata. As mãos estavam por toda parte, atrapalhando. Paxton perdeu o equilíbrio quando o dedo de seu pé descalço enganchou na bainha das calças dele, e ela foi ao chão, levando-o junto.

Sebastian rolou por cima dela, prendendo-a ao chão. Paxton esticou os braços, tentando puxar os lábios de Sebastian até os dela, mas ele resistiu.

— Preciso que você diga — disse ele, sem ar.

Ela olhou-o, confusa.

— Dizer o quê?

— Que você me quer.

Paxton subitamente pensou na lista que fizera no ensino médio.

— Você é tudo que eu sempre quis, Sebastian.

Sebastian a beijou novamente e Paxton abriu os botões da camisa dele. Um deles arrebentou e ela o ouviu bater no chão liso.

— Nós vamos fazer isso aqui? — ele perguntou, junto aos lábios dela. — Podemos ir para a minha casa.

— Não. Aqui. Agora.

Ela sentiu o sorriso dele.

— Pelo menos eu sei que você não me ama por causa dos meus móveis.

— Não se atreva a trazer aquela armadura para cá.

Ele ergueu novamente a cabeça.

— Willa contou?

Ela levou as mãos aos cabelos dele.

— Algumas coisas ela conta, outras deixa de fora. — Como contar que Sebastian viria vê-la.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Então vocês comparam as anotações?

- Sim.
 - Então é melhor eu fazer isso direito.
- Ela hesitou.
- Já está fazendo — sussurrou ela.

Uma hora depois, Paxton acordou com o celular tocando. Ela esticou o braço por cima de Sebastian, até sua bolsa, mas não conseguiu encontrar o telefone. Acabou virando o conteúdo da bolsa no carpete e remexendo até encontrá-lo.

Ela sentiu que Sebastian pousou a mão em suas costas, acariciando-as levemente.

Ela olhou o visor. Era Maria, a gerente da Madam. Paxton tinha uma reunião com ela, uma hora antes, sobre os detalhes da festa de gala. Ela gemeu ao soltar o telefone e olhou para Sebastian.

- Preciso ir.

- Tudo bem. — Ele sentou-se e se retraiu ao chegar para trás e encostar na parede.

- Você está bem? — Paxton se levantou e começou a recolher sua roupa do chão.

- Minhas costas. É por isso que eu não acampo. Posso comprar uma cama como presente pela casa nova?

Ela sorriu enquanto se vestia, bem ciente do fato de que ele a observava. Isso não a incomodou, provavelmente pela primeira vez em sua vida.

- Eu já vi sua cama — disse ela. — Você tem muito bom gosto para camas.

- Você pode experimentar, sabe? Para sentir.

Paxton caminhou até ele e se ajoelhou ao seu lado.

- Isso é real, não é? Isso realmente aconteceu.

Sebastian levou a mão aos cabelos dela.

- Arrependimentos?

Ela respirou fundo. Só sentia o cheiro de grama cortada, entrando pela janela aberta da sala, e um aroma açucarado dos *donuts* que

ela trouxera e colocara em cima da bancada.

— Nenhum — disse ela. — E você?

— Nenhum. Bem, talvez, a falta da cama. Pode me amar e aos meus confortos de criatura.

Ela pegou a mão dele.

— Eu o amo mesmo, Sebastian. E estou morta de medo.

— Então somos dois.

— Willa disse que a felicidade significa correr riscos. E se você não está ligeiramente assustada, não está fazendo as coisas direito.

Ele riu com aquilo.

— Se esse é o caso, não temos nada com que nos preocupar — disse ele, inclinando-se para beijá-la. — Vamos nos aterrorizar novamente.

Isso fez Paxton se atrasar mais uma hora.



17

Voar para longe

Quarta-feira de manhã, Willa chegou à loja antes de Rachel, então começou a tirar as cadeiras das mesinhas do café, perto do janelão, que estava branco como uma tela de cinema por conta do nevoeiro matinal. Ocasionalmente, os faróis de um carro passavam velozes, o que indicava que era inquestionavelmente um morador. Somente os moradores sabiam aonde ir a essa hora da manhã. Os turistas se perdiam e dirigiam em círculos até que a neblina se dissipasse.

Ela tinha começado a fazer o café quando a campainha acima da porta tocou e Paxton entrou.

— Oi — disse Willa, surpresa. — O que está fazendo aqui?

Paxton deu de ombros.

— Eu peguei um caminho diferente para o trabalho esta manhã e vi sua luz acesa.

— Gostaria de um café?

— Sim, seria ótimo. Bastante creme, sem açúcar — disse Paxton.

Willa folheou o caderno de Rachel sobre o balcão do bar e disse:

— Segundo Rachel, que trabalha aqui no café, seu pedido significa que você quer consolo, mas tem medo de pedir.

Paxton não perguntou quem era Rachel, nem que estranha antropologia de café ela estava estudando. Apenas riu e disse:

— Isso é de uma precisão desconfortável.

— Ela alega que é uma ciência.

— Esta loja é ótima — disse Paxton, olhando em volta. Houve um breve silêncio até que ela finalmente dissesse: — Na verdade, eu parei para agradecê-la.

— Pelo quê? — perguntou Willa ao servir café em duas canecas grandes, listradas de vermelho e branco.

— Por ter ido ver o Sebastian ontem. Por dizer a ele que fosse me ver.

Willa pegou as duas canecas de café e caminhou até uma mesa.

— Então as coisas deram certo?

— Deram muito certo — disse Paxton, enquanto elas puxavam as cadeiras para se sentar. — Eu passei a noite na casa dele ontem.

Isso fez Willa sorrir.

— Foi por *isso* que você pegou um caminho diferente para ir trabalhar.

Paxton escondeu o sorriso por trás da caneca de café.

— É, tenho culpa no cartório. Imagino que Colin tenha ficado com você.

— Eu o deixei dormindo. Não tive coragem de acordá-lo.

— A essa hora, minha mãe deve estar tendo um ataque — disse Paxton.

— Você não parece muito infeliz com isso.

— Não estou.

Willa recostou-se em sua cadeira.

— E qual é a programação para hoje?

— Vou passar o dia todo na Madam, vendo os últimos detalhes para o baile de gala. Além disso, preciso escrever meu discurso. — Paxton lançou um olhar preocupado. — Você ainda vai, não é?

— Sim. Vou usar aquele vestido *vintage* com pedrarias que sua avó deu para Georgie.

Paxton resfolegou.

— Ah, Willa, ele é perfeito.

A campainha acima da porta tocou e ambas se viraram em suas cadeiras. Woody Olsen tinha acabado de entrar.

Como sempre, depois de vê-lo, Willa levou alguns instantes para se recuperar e superar as possíveis más notícias que ele poderia trazer.

Paxton disse:

— Bom dia, Detetive Olsen.

Willa finalmente encontrou a voz.

— Woody, o que você está fazendo aqui?

Ele ficou sem jeito, parado perto da porta.

— Estou a caminho do trabalho. Vi sua luz acesa. Deixei-a preocupada quando passei por aqui, algumas semanas atrás, e queria tranquilizá-la. Ainda bem que você também está aqui, Paxton. Eu ia contar-lhes hoje. Não podemos definir a causa da morte daquele esqueleto que encontramos na Madam. Havia um trauma no crânio, mas também parecia que ele sofrera uma queda que pode ter sido fatal. Talvez tenha sido um acidente. Acho que jamais saberemos o que aconteceu, ou como ele foi parar ali.

— Uma *queda*? — repetiu Paxton.

— Com licença um instante — Willa disse a Paxton, enquanto se levantava e caminhava até Woody. — Eu tenho pensado na última vez em que você esteve aqui. Você me perguntou se eu reconhecia alguma coisa daquela maleta enterrada com o esqueleto. Estava se referindo à fotografia do álbum, não é? A foto de Tucker Devlin, que parece tanto com o meu pai.

Exceto por desviar os olhos para Paxton, que ainda estava perdida em pensamentos à mesa, Woody não deixou transparecer nada em sua expressão.

— Fui o único que fez a ligação. E não disse coisa alguma.

— Obrigada, Woody.

Ele assentiu.

— Seu pai era um homem maravilhoso. O melhor professor que eu já tive.

A campainha acima da porta tocou novamente. Woody automaticamente saiu do caminho para deixar quem quer que fosse entrar. Mas não havia ninguém ali.

— Não dê atenção a isso — disse Willa. — Acontece toda hora. Está quebrada.

— Você conhece aquela velha superstição, não conhece? Aquela que diz que, quando você ouve uma campainha tocar, está chovendo boa sorte? Significa que você deve estender as mãos em concha para pegá-la.

Willa automaticamente estendeu as mãos.

— Assim?

— Exatamente — disse ele ao se virar para ir embora. — Agora, eu aposto que sua campainha está consertada.

Willa sorriu e sacudiu a cabeça, depois caminhou de volta até Paxton.

— Acho que, na verdade, ele está tentando me dizer que minha avó está liberada. Portanto, agora sabemos que Agatha também não será arrastada para isso.

— Mas eu não entendo — disse Paxton. — Se Tucker Devlin morreu de uma queda, por que a Nana Osgood disse que o matou?

Willa pôs as mãos em volta da caneca de café quente.

— Tenho a impressão de que nossas avós queriam que ninguém jamais soubesse da história toda.

— Mas o que pode ser pior do que aquilo que a Nana Osgood nos contou?

Willa ergueu as sobrancelhas.

— Você quer realmente saber?

— Não, você está certa — disse Paxton, sacudindo a cabeça. — Está na hora de finalmente deixar as coisas como estão.

Quando Paxton seguiu de carro para a Madam na sexta-feira à noite, duas horas antes do início do baile de gala, o céu estava com o tom azulado do crepúsculo e as janelas da Madam tinham um tom

amarelo radiante, contrastando com as nuvens noturnas, dando a impressão de que o sol tinha se posto dentro da própria casa. O antigo carvalho, ao lado da casa, estava equilibrado por vários cabos presos ao solo, com refletores de luz voltados para ele. O efeito era o de um velho ator no palco, desfrutando radiante da última ovação. Conforme ela se aproximou, pôde ver as folhas sacudindo ligeiramente, efeito parcial dos irrigadores automáticos sobre os galhos, para mantê-lo hidratado enquanto assentava a raiz, mas também pelas dúzias de pássaros que tinham voado até ali, em massa, fixando residência na árvore. Eles foram o tormento da existência de Colin ao longo da semana. Ele conseguia fazê-los voar, mas os pássaros sempre voltavam.

Ela estacionou e subiu os degraus da frente, com o ar preso no peito. A restauração tinha finalmente sido concluída e a casa estava linda. Essa construção estava erguida como testemunho à vida, à amizade, às coisas boas que resultam de situações ruins. Quando o trabalho foi iniciado, ela não fazia ideia de que representaria tanto.

Já lá dentro, Paxton fez uma ronda geral. Ao anoitecer, o interior ficava maravilhoso, com a iluminação elaborada para lançar um brilho amarelo no forro de madeira de todos os cômodos. O salão de banquetes estava decorado com fitas cintilantes e arranjos de flores acesos em todas as mesas. Cada lugar tinha um livrinho registrando as ações beneficentes que o clube apoiara ao longo dos anos, incluindo alguns ensaios de ganhadores de bolsas de estudos, assim como sacolinhas de presentes com velas e chocolates personalizados, todos estampando a logomarca do aniversário de 75 anos. Na plataforma na parte da frente do salão havia um pedestal e um telão, no qual eram exibidas fotografias das integrantes do clube ao longo dos anos. Num canto, havia um quarteto de cordas afinando seus instrumentos.

Mais tarde, quando foi até a cozinha verificar se tudo estava dentro da programação, Paxton ouviu a música, depois o murmúrio de vozes entrando no *lobby*. Os primeiros convidados estavam chegando. Logo haveria gente por toda parte, e os garçons

carregavam bandejas de champanhe e canapés, que pareciam flutuar por entre a multidão. Paxton cumprimentava todos, incluindo seus pais, que, apesar de todo o tempo e o trabalho que foram dedicados ao lugar, nunca chegaram a vê-lo, desde o primeiro dia, havia mais de um ano, quando andaram pela propriedade e decidiram assumir a restauração como um empreendimento da família Osgood.

Seu pai estava impressionado, mas a mãe não admitia nada. Ela ainda não estava feliz por Paxton se mudar e ficou menos feliz ainda quando Paxton passou a se referir a Sebastian como seu namorado. Mas Paxton amava a mãe e a aceitava como ela era. Ela até contornou com facilidade quando a mãe descobriu que se sentaria com Nana Osgood e exigiu que seu lugar fosse transferido para outra mesa. Nana Osgood tinha chegado mais cedo, com a enfermeira que Paxton contratara para acompanhá-la naquela noite, e era a única pessoa sentada no salão de banquetes. Paxton ficou imaginando o que Nana Osgood achava de estar ali, depois de todos aqueles anos. Mas, logo que ela chegou, só fez reclamar do calor e exigiu um coquetel.

A troca de lugares no último minuto foi apenas uma das pequenas emergências que exigiram a presença de Paxton até que a comida estivesse pronta para ser servida. Ela tinha acabado de providenciar uma troca de quartos, lá em cima, e estava prestes a descer a escada para dizer a Maria que avisasse a todos para se sentarem quando parou no topo dos degraus e olhou para baixo.

Era um cenário de sonho, com trajes de princesas e *smokings*. Era mágico, tudo o que ela esperava. Mas Paxton estava pronta para que terminasse, pois o baile de gala havia sido planejado de acordo com tudo o que o Clube Social Feminino não deveria ser. E ela tinha caído direto na armadilha.

Aliviada, ela viu que Willa e Colin tinham finalmente chegado. Willa estava linda, parecia ter viajado no tempo com aquele vestido *vintage* e, por um momento, Paxton quase pôde ver a avó de Willa quando jovem percorrendo os cômodos da Madam. Colin estava

perto dela. Paxton conhecia bem o irmão para reconhecer a mudança sutil que estava acontecendo com ele. Ela já o vira com frequência na Madam durante aquela semana, à medida que o paisagismo era concluído, e ele estava centrado, quase calmo. Uma vez, Colin até perguntou se havia algum outro sobrado à venda perto do seu. Ele disse que queria ter uma base para quando viesse visitar, mencionando isso com um subtexto tão óbvio que era bom demais para ser verdade. Ela foi cautelosa em não fazer alarde demais, porém, mesmo assim, seu coração se alegrou. Sebastian, Willa e agora Colin. Se você abrir espaço em sua vida, boas coisas entrarão.

Paxton viu a gerente observando-a e assentiu, e o sinal foi dado para que então todos fossem para o salão de banquetes.

Paxton foi ao toailete feminino checar sua maquiagem, depois ficou olhando para seu reflexo, dizendo a si mesma que realmente podia fazer isso até o fim.

Sebastian esperava por ela nos fundos do salão de banquete, depois que todos estavam sentados. Fazia dois dias que ela não o via, e Paxton sentia isso fisicamente como abstinência. Eles se telefonavam com frequência, mas não era a mesma coisa. Ela queria tocá-lo, tê-lo por perto. Isso ainda era tão novo. Ela tinha medo de perder. Mas os preparativos para o baile de gala a mantiveram na Madam até as primeiras horas da madrugada durante os últimos dias. Na noite anterior, ela até dormira ali, e só voltara à Cabana da Nogueira para trocar de roupa.

— Você está linda, querida — disse Sebastian quando ela entrou.

— Estou tão contente por você estar aqui. — Ela pegou as mãos dele e as apertou. Ele deve ter sentido que ela estava tremendo.

— Está tudo perfeito. Fiquei surpreso em ver que você até conseguiu convencer sua avó a vir. Quanto foi preciso para fazer que uma daquelas enfermeiras acompanhasse Agatha esta noite?

Um sorriso tremulou nos lábios dela.

— Nem queira saber.

— Está quase acabando. — Ele se aproximou dela e sussurrou: — Senti sua falta.

Ela deixou que isso a tomasse, como uma onda terna e confortante.

— Também senti sua falta.

— Sei que você não teve tempo de encomendar móveis para sua casa — disse ele.

— Estive ocupada demais. Esse é o próximo item em minha lista.

— Mandei entregar uma cama lá hoje — disse Sebastian.

Isso a fez rir.

— Está brincando?

— Não.

— Então mal posso esperar para ir para casa — disse ela.

— Mal posso esperar para levá-la para lá. Eu já tenho lembranças muito boas naquela casa. — Ele a conduziu até o palanque na frente do salão, depois sussurrou: — Boa sorte. Você se sairá muito bem. — O quarteto finalizou a canção. À medida que ela seguia para o palanque, as pessoas aplaudiram, e Paxton ficou observando enquanto Sebastian assumia um lugar na mesa, com Willa, Colin e Nana Osgood.

Ela estava tremendo por dentro e, por um instante, achou que não fosse conseguir. Mas depois pensou em sua avó e em Georgie, na forma que tudo naquela casa e no clube tinha a ver com elas, com o fato de homenageá-las, e ela soube que foi a decisão certa.

Paxton limpou a garganta e disse:

— Sejam todos bem-vindos ao baile de gala do septuagésimo quinto aniversário do Clube Social Feminino.

Mais aplausos.

— Escrevi um discurso, meses atrás. Aqueles que me conhecem não estão surpresos. Sou uma pessoa de muito planejamento. — Algumas pessoas riram. — O discurso era sobre o bom trabalho que fizemos e quanto devemos nos orgulhar de nós mesmas. — Ela fez uma pausa. — Mas esta semana eu o rasguei, porque percebi que entendemos tudo errado.

Houve uma mudança no ar. Todos perceberam que estava acontecendo alguma coisa.

— Esse clube foi formado para oferecer ajuda umas às outras. Não aos outros. Umas às outras. Estamos nisso juntas. Ele não foi formado para distanciar umas das outras, nem para que competíssemos umas com as outras. Ele foi criado porque, há setenta e cinco anos, duas melhores amigas, nos piores momentos de suas vidas, disseram “Tudo que temos é nosso profundo e duradouro amor uma pela outra. Não podemos perder isso, ou vamos perder a nós mesmas. Se não nos ajudarmos, quem irá fazê-lo?”. Não sei quando aconteceu, nem sei como aconteceu, mas o Clube Social Feminino perdeu seu verdadeiro foco. Não é mais o que era, e eu não consigo trazê-lo de volta. É por esse motivo que, esta noite, estou deixando a presidência e retirando meu nome da lista. — Reações estrondosas tomaram conta do salão. — Nem sempre fui a melhor amiga de vocês — continuou ela, olhando a multidão, à procura de Kirsty Lemon, Moira Kinley, Stac Herbst e Honor Redford. — Mas juro que, desta noite em diante, estarei disponível para vocês, caso precisem de mim, a qualquer hora, em qualquer lugar. Essa é a verdadeira natureza do clube. A intenção nunca foi que ele fosse uma instituição. Foi um juramento selado com os dedos mindinhos, feito entre adolescentes assustadas, sabendo que o fato de poderem contar umas com as outras as fazia se sentirem melhor. Nossas avós sabiam que seriam amigas pelo resto da vida. Quantas de nós podem dizer isso? Como podemos saber o verdadeiro significado da caridade se nem sabemos como ajudar as que estão mais perto de nós? — Paxton de um passo para trás. — Isso era tudo que eu queria dizer.

Ela esfregou a testa, estreitando os olhos contra a luz. A sala estava em silêncio. Subitamente, todos viraram na direção de um som baixinho, vindo da mesa da frente.

Agatha estava rindo, soltando um som enferrujado, como a peça de um maquinário que não é usado há anos.

— Essa é a minha garota — disse ela.

Depois disso, não havia muito a comemorar. O jantar foi servido, depois os prêmios foram entregues e mais alguns discursos foram feitos. No entanto, a cerimônia tinha um clima estranho e apressado, e a maioria das pessoas estava ávida para partir. Terminaria como um pequeno desastre e decididamente um escândalo, mas daria às pessoas algo sobre o que falar, o que as deixava feliz. Paxton não ligava. Era a coisa certa a fazer e ela se sentia muito melhor agora, mesmo que sua mãe não falasse com ela.

A maioria das pessoas evitou Paxton ao sair. Ela tinha certeza de que todos queriam primeiro falar uns com os outros e chegar a um consenso sobre como se sentiam a respeito. De uma forma ou de outra, Paxton sabia que aqueles que decidissem ficar do seu lado seriam seus verdadeiros amigos. Os outros seriam apenas figurantes.

Ao fim da noite, Paxton e Willa acompanharam Agatha até o carro da enfermeira, depois que Agatha levou-as por um passeio pela casa, apontando e apalpando todas as coisas de que sua memória lhe permitia se lembrar na casa. Ela e Georgie escorregando pelo corrimão com as saias voando. Brincando de bonecas no quarto de Georgie. Comendo torta de abacaxi virada ao contrário, feita na frigideira, pela cozinheira dos Jackson, para que o açúcar queimado de cima ficasse crocante. Um compartimento secreto deslizante dentro da estante de livros, onde elas costumavam deixar bilhetes uma para a outra.

— Estou orgulhosa de você, Paxton. Este lugar está com cheiro de novo. Diferente. Voltou a ser um bom lugar — disse Agatha, cambaleando ligeiramente conforme Willa e Paxton ajudavam-na a descer os degraus da frente. Paxton não tinha certeza, mas talvez sua avó estivesse ligeiramente bêbada. — E o que você fez lá dentro, esta noite, exigiu coragem.

— Obrigada, Nana. A mamãe nunca mais vai falar comigo.

— O azar é dela. — Antes que Agatha entrasse no carro da enfermeira, ela disse: — Acho que você e Willa finalmente o fizeram ir embora. A única coisa que ele temia era a amizade verdadeira.

— Ele? — perguntou Willa.

— Tucker. Ele tem rondado o lugar nas últimas semanas. Vocês não notaram? Eu senti. Há um cheiro adocicado no ar. E não venham me dizer que vocês não viram os pássaros agindo de forma estranha ultimamente.

Willa e Paxton se aproximaram uma da outra depois que Agatha entrou no carro e a enfermeira esticou o braço e afivelou seu cinto de segurança.

— O que aconteceu aqui de verdade, Nana? Você realmente... — Paxton não podia terminar a frase com a enfermeira ali.

— Sim, eu fiz — disse Agatha. — Não se esqueça.

Paxton e Willa ficaram olhando o carro partir, depois trocaram olhares estranhos. Quando se viraram para subir novamente os degraus, o aroma de pêssegos permeou o ar, por um momento denso e nauseante, antes de se dissipar na noite, atravessando a lua num fiapo de fumaça, desaparecendo em seguida. Subitamente o carvalho começou a balançar, assim que dúzias de pássaros alçaram voo com as asas negras mostrando vislumbres de amarelo, como se fossem fogos de artifício.

— Coincidência? — perguntou Willa, enlaçando o braço no braço de Paxton.

— Não existe tal coisa — respondeu Paxton, segurando firme, enquanto elas observavam os pássaros revoarem.



18

As guardiãs do pessegueiro 1936

Na primeira vez que aconteceu, Georgie acordou, subitamente congelando. Ela não sabia o motivo. Naquele verão fazia tanto calor que ela tinha de dormir sem as cobertas e mesmo assim derretia toda noite. Mas, naquela, ela acordou com o suor congelando e rachando sua pele. Ela estremeceu e olhou pela janela, esperando ver o mundo congelado. O mundo estava mudando, pensou ela, sonolenta. Vinha mudando havia meses. E agora que aquele tal de Tucker, com seu sorriso charmoso e seu jeito mágico, tinha ido morar na Madam com eles, Georgie sentia as mudanças ainda mais. Havia muita esperança no ar, esperança de que os problemas financeiros logo fossem superados com esse pomar de pêssegos que eles estavam planejando. E seu pai, que a ignorava em dias bons e a culpava pela morte da mãe, no parto, em dias ruins, agora até parecia feliz em vê-la no jantar. Ele ficava feliz porque Tucker ficava feliz. Tucker mudava as pessoas dessa forma. E, por conta disso, ela ignorava a forma que ele se esfregava nela nos corredores, como estava sempre por perto quando ela saía da banheira. Ela ignorava a inquietação dele, e a forma pela qual seu temperamento se inflamava às vezes. De qualquer forma, Agatha lhe dissera que ela

estava sendo tola e não fazia ideia do quanto era sortuda. Tucker também tinha mudado Agatha. Houve uma época em que ela podia contar qualquer coisa a Agatha, mas agora a amiga ficava enfurecida toda vez que via Georgie, ela não sabia o motivo. Ultimamente, Georgie se sentia muito solitária. Ela não percebera quanto estava solitária, ali, no alto de Jackson Hill, até que suas amigas pararam de vir vê-la. E nas festas elas a ignoravam. Assim, Georgie agora passava a maior parte de seu tempo em seu quarto, remendando vestidos para que pudesse usá-los por mais um ano, ou reorganizando as bonecas no armário, escovando seus cabelos e passando seus aventais, sonhando com o dia em que todas essas mudanças teriam passado e todas voltariam ao normal.

Naquela noite surgiu um cheiro de pêssego e fumaça perto dela, que se sentou, tremendo na cama. De qualquer forma, ela estava acostumada ao aroma de pêssego. Tucker o trazia na pele. A essência o seguia por onde ele fosse. Por isso ele dizia que os pássaros o incomodavam tanto, pois gostavam de seu cheiro. Georgie nunca discutiu, mas ela sempre achou que os pássaros que mergulhavam na direção dele pareciam zangados, não enamorados.

Ela olhou ao redor do quarto escuro e viu uma pequena luz perto da porta. A ponta acesa de um cigarro. *Alguém estava em pé, junto à sua porta fechada.* Seu coração deu um pulo no peito. Pareceu um soco por dentro.

Tucker saiu da sombra. Ele levou o cigarro aos lábios e deu uma tragada, iluminando o próprio rosto. Soltou o cigarro no chão e pisou sobre ele, e tudo voltou a ficar escuro.

Quando ele foi até ela, Georgie não entendeu o que estava acontecendo. Quando ele finalmente saiu, ela ficou em sua cama pelo resto da noite, assustada demais para se levantar. Ela ouviu quando ele desceu de seu quarto no sótão, pela manhã, parando em sua porta, depois indo embora. Quando a casa ficou quieta, ela finalmente se levantou e se lavou, mas depois prendeu uma cadeira na maçaneta, para não deixar ninguém entrar, até que seu pai exigisse sua presença no jantar. Passou-se uma semana, depois

duas, sem que Tucker voltasse a abordá-la, e ela achou que aquilo tinha acabado. Ela até começou a se recuperar. Seu mundo já não era mais o mesmo, mas ela sabia que sobreviveria.

Então, ele voltou.

E aquilo se estendeu pelo verão todo. Independentemente de quantas vezes ela tentasse obter ajuda, ninguém lhe dava ouvidos. Ele fazia que ninguém a ouvisse. Ela não via como aquilo poderia acabar. Continuaría assim para sempre, a menos que ela parasse. Mas Georgie não era tão corajosa. Ela nunca fora muito corajosa.

Até o dia em que finalmente aceitou que estava grávida.

Naquele dia, ela levou a frigideira da cozinheira para o seu quarto. E, ao cair da noite, ela ficou atrás da porta e esperou.

Depois que ela o atingiu, surgiu uma batida seca, como se algo tivesse caído no quarto ao lado, e ela apenas ficou ali, como se esperasse que tudo voltasse ao que era. Georgie começou a tremer. Nada estava diferente. Ela continuava grávida. E tinha acabado de ferir Tucker, talvez até o tivesse matado. Seu pai jamais compreenderia. Ninguém entenderia. Exceto...

— Mostre-o para mim — disse Agatha, depois que Georgie corraera até sua casa, em meio ao nevoeiro, tropeçando e caindo pelo caminho. Quando finalmente chegou à Cabana da Nogueira, ela estava coberta de terra e arranhões. Ela conhecia um caminho que levava à escada dos fundos da casa, a escada que elas usavam muitas vezes para passar escondidas dos pais de Agatha. Georgie havia acordado Agatha e implorado que ela ouvisse, implorado por sua ajuda. Ela confiava em Agatha mais que em qualquer pessoa no mundo. E o que aconteceu naquele verão não poderia ter apagado a amizade de uma vida. Simplesmente não acabava assim. Ao menos ela rezava por isso. Ela já tinha perdido muito.

Agatha estava estranhamente quieta enquanto Georgie a levava de volta à Madam. Tucker estava bem ali onde ela o deixara, no chão de seu quarto. A frigideira estava pousada sobre seu peito, como um peso para impedi-lo de sair flutuando. Agatha se ajoelhou ao lado dele, murmurando algo que Georgie não conseguiu

entender. Ela pôs uma das mãos na cabeça dele, depois deu um solavanco para trás, como se tivesse se queimado. Ela se levantou e disse:

— Precisamos fazer isso depressa. Ele não está totalmente apagado. E está zangado. Precisamos cavar um buraco perto. Não podemos carregá-lo para longe. Tem de ser no quintal. Se o fizermos na colina, ele será levado pela água. Vamos rápido, Georgie, vamos começar. — Nisso Agatha era muito boa, assumir o comando, organizar, fracionar as coisas em partes administráveis.

Elas trabalhavam à luz de velas. Na cozinha, Georgie juntou pimenta e pó de serragem que as abelhas carpinteiras tinham criado ao fazer um ninho na varanda. Uma vez, a cozinheira lhe dissera que, se você salpicar serragem e pimenta na frente da porta, ninguém conseguirá sair daquele cômodo. Ela espalhou diante da porta dos quartos do pai e dos irmãos, torcendo para que isso desse a ela e a Agatha tempo para o que precisa ser feito.

Elas cavaram o quintal durante horas, o mais distante que puderam da casa, mas não tão perto do precipício a ponto de desbarrancar o penhasco. Jamais se esqueceria daquele silêncio. A neblina abaixo delas escondia a visão da cidade, mas também abafava tudo. Dava a sensação de que elas eram as únicas pessoas no mundo, duas jovens prestes a enterrar um símbolo de sua impotência, como se isso fosse a única coisa necessária para torná-las inteiras novamente.

Quando Agatha disse que o buraco estava grande o suficiente, a lua crescente já tinha atravessado o céu noturno.

Elas voltaram à Madam para buscá-lo. Arrastaram-no até a janela do quarto de Georgie e o empurraram para fora. Então, pegaram-no pelos braços e pelas pernas e meio que carregavam, meio que arrastavam o corpo, atravessando o quintal, deixando um rastro negro, como se um raio tivesse chamuscado a terra.

Depois de terminar elas ficaram ali, enquanto o sol se erguia acima da neblina. Elas estavam sujas e trêmulas, quase dormentes.

Agatha finalmente se virou para Georgie e a abraçou. Levou um momento para que Georgie percebesse que Agatha estava chorando, e Agatha nunca chorava.

— Oh, Agatha — disse Georgie. — Eu lamento muito.

— Não! — disse Agatha, recuando. — Você não tem do que se lamentar. Isso é culpa minha. Que tipo de amiga deixa isso acontecer? Eu é que lamento. Lamento muito.

— O que vou fazer? — perguntou Georgie. — Diga-me o que fazer, Agatha.

— Vamos superar isso. Não se preocupe. Não importa o que aconteça, eu estou aqui para você. Jamais voltarei a decepcioná-la.

— E se descobrirem que fui eu?

Agatha pegou sua mão.

— Enquanto eu viver, Georgie, ninguém jamais saberá que foi você. Eu prometo.

E setenta e cinco anos depois, Agatha tinha mantido a promessa.



19

O sonho

Os vestidos farfalhavam na escuridão enquanto Willa e Paxton subiam os degraus do pórtico. Que noite mais estranha e encantadora acabou sendo. Algumas semanas antes, pensou Willa, ela não tinha intenção alguma de ir a esse baile de gala. Ela também não tinha intenção de se apaixonar nem de encontrar uma melhor amiga ou de desenterrar uma porção de segredos de família.

Ela pensava que sua vida estava perfeitamente bem do jeito que estava.

Colin e Sebastian esperavam por elas no pórtico. Sebastian estava recostado no portal com um drinque na mão e a luz de dentro da casa lançando um foco sobre ele. Colin estava recostado na parede próxima, com a gravata afrouxada e as mãos nos bolsos. Willa foi até Colin e ele imediatamente a pegou nos braços e segurou sua cabeça junto ao peito. Paxton parou diante de Sebastian. Ele lhe entregou o drinque, depois passou uma das mãos ao redor de sua cintura, puxando-a para perto e dando-lhe um beijo.

Os quatro voltaram ao salão de banquete, despedindo-se dos últimos convidados que pernoitariam ali e foram sentar-se a uma

das mesas. Eles acabaram ficando ali a noite toda, conversando e rindo, enquanto a equipe de limpeza trabalhava em volta deles.

Essa foi a primeira vez que Willa vira Paxton e Sebastian agindo como um casal, de forma confiante e à vontade. Ao vê-los, ela percebeu que eles tinham tudo a ver juntos. Cada olhar, cada toque era uma reafirmação quase elétrica, como se eles dessem choques um no outro a cada contato.

Quanto a ela e Colin, eles estavam fazendo de conta que viviam um dia de cada vez, divertindo-se, sem levar as coisas muito a sério, mas era apenas um faz de conta, pois estavam muito mais sérios do que preparados a admitir. Ultimamente, vinham conversando bastante sobre o que queriam fazer. Será que Colin estava realmente pronto para se mudar de volta? Estaria Willa pronta para ir embora? Saber que seu pai tinha planos de partir, mesmo com a mãe na casa de repouso, tornou isso uma questão menos complicada do que já tinha sido. Eles resolveram que Willa voltaria com ele para Nova York a fim de passar algumas semanas, depois ele voltaria com ela para Walls of Water, por mais algumas semanas, estendendo os períodos cada vez mais, até que ambos soubessem o que seria o certo. Ainda não tinham contado a ninguém. Ainda estavam no estágio de perguntar um ao outro se realmente fariam isso. Mas, na verdade, no instante em que o assunto surgiu pela primeira vez, ambos decidiram. Cada um deles queria estar onde o outro estivesse, e não importava onde fosse.

O futuro era deles.

Quando clareou, Paxton e Willa ainda estavam acordadas, com os pés calçados por meias finas sobre o colo dos homens, mas Colin e Sebastian dormiam com a cabeça apoiada sobre a mesa. Colin estava com uma serpentina prateada sobre os ombros e uma flor do arranjo da mesa atrás da orelha. Willa o enfeitara enquanto ele dormia. Ele roncava baixinho.

Paxton olhou para Willa, que riu baixinho.

— Eu fico com ele assim mesmo — sussurrou ela.

Paxton tirou os pés do colo de Sebastian e se levantou.

— Vou ver se peço para trazerem um café da manhã para nós. Estou com fome. Você está?

— Faminta. Vamos acordá-los? — perguntou Willa.

— Ainda não. — Paxton virou para se afastar, depois parou. — Willa?

— Sim?

— Estou contente por você ter vindo esta noite. Estou contente por... — Ela parecia não saber como terminar a frase. Mas Willa entendeu.

— Eu joguei *spray de pimenta* nos outros para defender você— disse Willa. — Estou contigo pelo resto da vida.

Quando Paxton saiu, Willa fechou os olhos. Se o futuro era dela, então ela queria imaginar como seria.

Imaginou que, daquele dia em diante, sempre que ela e Paxton se encontrassem de repente, na rua, ou numa loja, elas ririam, como se compartilhassem um segredo que só elas soubessem. A vovó Georgie ainda estaria ali, pois era impossível imaginar um futuro sem ela. Willa sabia que ela partiria um dia, mas, por enquanto, nesse futuro que ela estava criando, Georgie ainda estava presente. Agatha continuaria a cuidar dela, e todas elas certamente fariam Agatha ganhar todo o chocolate que quisesse. Por alguns anos, Willa e Colin dividiriam o tempo entre Nova York e Walls of Water, deixando que Rachel cuidasse da loja e continuasse seus estudos sobre o café. Um dia, Rachel provavelmente publicaria um livro sobre isso e patentearia o termo *cafeologia*. Willa e Colin voltariam para casa de vez quando Willa ficasse grávida. Grávida. Era um pensamento distante, mas ainda dava uma sensação maluca na barriga, como planejar a maior e melhor aventura do mundo. Sebastian e Paxton, por outro lado, provavelmente se casariam logo e teriam três filhos, um atrás do outro. Eles eram enérgicos assim. E com os casamentos e filhos, Willa e Paxton continuariam a se falar quase toda noite, às vezes só para dar boa-noite. Às vezes, Willa sabia que era Paxton sem que ela disesse nada. Ela estaria na

cama, com Colin dormindo ao seu lado, o telefone tocava, ela atenderia e diria:

— Boa noite, Paxton. Estou aqui se precisar de mim.

Elas sabiam que isso era amizade verdadeira.

E sabiam que, quando se tem sorte suficiente para encontrá-la, você a mantém.

Você a mantém sem jamais abrir mão.

Ela abriu os olhos e viu que Colin tinha acordado. Seus cabelos estavam despenteados e seus olhos ainda estavam caídos de sono. Ele sorriu para ela, esfregando as mãos em suas pernas. Parecia bêbado de ponche e feliz ao dizer:

— Eu tive um sonho incrível.

Ela retribuiu o sorriso e disse:

— Eu também.

AGRADECIMENTOS

Muito amor a Andrea Cirillo e Shauna Summers. Obrigada pelo apoio e pela orientação. Amor à minha família, por me aturar enquanto eu escrevia este livro, quando fui mais caroço que polpa. E muito obrigada a Daphne Atkeson, por me ajudar a ver esse botão desabrochar.

SOBRE A AUTORA

Autora de livros que entraram para as listas de mais vendidos no New York Times, como Garden Spells e The Sugar Queen. Seus romances misturam a sua criação no Sul dos Estados Unidos com a magia de contos de fadas e uma pitada de romance. Ela nasceu e foi criada em Asheville, Carolina do Norte. De sua autoria, a Planeta publicou em 2012 A garota que perseguiu a lua. Para saber mais sobre a autora, visite seu site:

www.sarahaddisonallen.com

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

1 – Esconderijos

2 – Sussurros

3 – Código dos banidos

4 – Listas de desejos

5 – Desenterrado

6 – O conto de fadas

7 – Relatividade

8 – Garotas festeiras

9 – Anatomia de raízes

10 – O homem mágico

11 – Poção do amor

12 – Seduções estranhas

13 – A Piadista, o Homem-Vareta, a Princesa e o Excêntrico

14 – Achados e perdidos

15 – Arriscar-se

16 – Tirar a armadura

17 – Voar para longe

18 – As guardiãs do pessegueiro 1936

19 – O sonho

Agradecimentos

Sobre a Autora